AS SETE PALAVRAS DE CRISTO NA CRUZ

Et inclinato capite tradidit spiritum. Joann. 19, 30.
J.N.R.J.
Ipse vulneratus est
propter iniquitates nostras, attritus est propter scelera nostra. Is. 53, 5.

SÃO ROBERTO BELARMINO

A SETE PALAVAS DE CRISTO NA CRUZ

A SETE PALAVAS DE CRISTO NA CRUZ

Traduzidas do original em latim para o português

AS SETE PALAVRAS DE CRISTO NA CRUZ

Por São Roberto Belarmino, Doutor da Igreja

Traduzidas pelo Pe. José Lopes Ferreira, C.SS.R.

Editores: Eduardo S. Gomes e Paulo R. G. Frade

Preparação de texto: Eduardo S. Gomes

Revisão: Henrique Sebastião

Diagramação: Henrique Sebastião

Capa: Juscelino H. Silva

ISBN: 978-65-89613-55-8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B436s

Bellarmino, Roberto Francesco Romolo, Santo, 1542-1621.
As Sete Palavras de Cristo na Cruz / São Roberto Belarmino. – 3.ed. – Rio Grande da Serra, SP: Realeza, 2023.
240 p. : il. ; 12 x 17 cm

Título original: Das septem verbis a crucem in Christo prolatis
ISBN 978-65-89613-55-8

1. Jesus Cristo – Sete últimas palavras. 2. Espiritualidade. 3. Cristianismo. I. Título.

CDD 232.9635

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Os direitos desta edição pertencem à editora Realeza
CNPJ 36.131.747/0001-26 – Rua Espírito Santo, Qd. E, Lt. 27,
Vila Santa Rita, CEP: 75.120-681 – Anápolis, GO. Telefone: (62)99910-5243
editoramagnificat@gmail.com

— SUMÁRIO —

Livro 2: das quatro restantes palavras proferidas por Cristo na cruz

Resumo da vida do Cardeal Belarmino

Extraído da Púrpura Docta de Jorge José Eggs

Roberto Belarmino, nascido para o bem da República Cristã em 4 de outubro de 1542, em Policiano, cidade da Toscana, foi nobre por ambos os seus progenitores, que foram Vicente Belarmino, pessoa muito considerada, e Cíntia Cervina, senhora de primeira nobreza e virtuosíssima, irmã do Papa Marcelo II.

Depois de ter estudado com zelo gramática, literatura e retórica, aprendeu com incrível rapidez o grego nas escolas dos jesuítas, e, pelo gosto que tinha pela poesia, não tendo ainda dezesseis anos, escreveu em latim com correção e elegância o Poema da Virgindade. Uma écloga (composição pastoril em verso) à morte do Cardeal Roberto Nobilio, na qual demonstra descrição de homem já feito; um poema sáfico do Espírito Santo, que começa "*Spiritus, celsi Dominator axis*", e o elegantíssimo hino de Santa Maria Madalena "*Pater Superni luminis*", o qual Clemente VIII mandou incluir no Breviário Romano entre os da festa daquela Santa.

Chegado à adolescência, foi cursar os estudos superiores na Academia de Pádua, e lá resolveu virar frade da Companhia. Seus

pais, porque desejavam que sua casa não se extinguisse, e não tendo outro filho, fizeram, conjuntamente com seus amigos, tudo quanto era possível para o dissuadirem. Porém não conseguiram, pois os seus argumentos, fundados em futuras grandezas humanas, nada podiam com Belarmino, que se aborrecia com elas.

Entrou naquela religião aos dezoito anos, e, depois de concluído o seu noviciado no colégio de Roma e de ter estudado por três anos a Filosofia, foi nomeado, com mérito, mestre em artes e mandado pouco depois para Florença, reger as cadeiras públicas de retórica e astronomia.

Por ordem do reitor do colégio daquela cidade, pregou em dias determinados — além dos discursos em latim que fazia na Sé — quase ainda um adolescente, e sem ter ordens nenhumas. E o fazia tão lógica e eloquentemente que um indivíduo erudito, que não era qualquer, tendo-o ouvido, disse no fim do sermão em voz alta: "Assim ainda não falara homem nenhum"!

Em Pádua, defendeu teses de Filosofia e Teologia por dois dias inteiros, com tanta dignidade, saber e erudição, que não só ganhou a afeição de todos, mas até mereceu que dele dissessem que era um homem incomparável, sendo ainda um rapaz.

Recebeu a ordem de subdiácono em Liége, e, em Gaud, as de diácono e presbítero, e celebrou pela primeira vez em Lovaina, em 1570. Depois, tendo feito a profissão dos quatro votos da Companhia, dedicou-se de tal modo ao estudo do hebraico que, dentro em pouco o aprendeu e já ensinava com êxito.

Foi por onze anos mestre de casos no Colégio Romano, aonde acorria para ouvi-lo muita gente, que aproveitava ao máximo as suas lições.

Xisto V mandou-o para França com o Legado Pontifício, Henrique Caetano, e lá sofreu muitos e grandes trabalhos pelo Nome de Cristo, no cerco de Paris. Escreveu, então, em nome do Legado, uma notável carta em latim a todos os prelados franceses, para eles não caírem no cisma.

Inocêncio IX, recém-eleito ao Pontificado, quis fazê-lo cardeal para lhe remunerar os seus grandes serviços à Igreja. Não pôde, porém, realizar a sua vontade, porque morreu, não tendo ainda dois meses de Pontificado.

Gregório XIV, aconselhado por Belarmino, o mandou corrigir a Bíblia de Xisto V e depois o nomeou membro da respectiva junta.

Em 1597, por ocasião do falecimento do cardeal de Toledo, foi nomeado teólogo pontifício e conselheiro da Suprema Inquisição por Clemente VIII. Depois disso, foi examinador dos candidatos a bispo e Propósito da Penitenciária do Vaticano; por seu distinto desempenho em ambos os lugares, foi promovido a cardeal pelo mesmo Pontífice, que lhe fez, quando o nomeou, o seguinte elogio: "*Nomeamo-lo cardeal, porque em sabedoria não tem a Igreja de Deus outro como ele; e porque é sobrinho de um ótimo e santíssimo Pontífice*".

Em 1602, foi feito Arcebispo de Cápua, para onde partiu logo depois da sua sagração. Tendo ido a Roma, ao Conclave ,pelo falecimento de Clemente VIII, Paulo V, sucedendo a Leão XI (que só foi Pontífice por 27 dias), não o deixou voltar para Cápua, dizendo que de um homem assim não precisava de uma igreja, mas de todo o mundo católico. Por pouco não saiu Pontífice do Conclave, que elegeu Paulo V, e muito grande foi o seu contentamento quando viu que não era ele o eleito.

Percebendo que a morte chegava, obteve do então Pontífice Gregório XV permissão para deixar os cargos públicos que ocupava, e retirar-se à sua região, onde escreveu a sua última obra, a *Arte de bem morrer*.

Foi muito devoto, de muita caridade, severo só consigo, e muito afável para com todos, não consentindo que nem os pobres, quando lhe pediam esmola, estivessem com o chapéu na mão. Só era inimigo dos vícios, bem como do luxo, das grandezas mundanas e das delícias.

Escreveu muitas obras nos gêneros Polêmico, Exegético e Pio. A este último pertencem este *As Sete Palavras de Cristo na Cruz*.

Morreu santissimamente, com 79 anos, em 17 de setembro de 1621.

À Venerável Congregação dos Celestinos, Monges da Ordem de São Bento, cumprimenta o Cardeal Roberto Belarmino, Protetor da mesma Congregação

Tão sabiamente como podia ser, julgou o Abade Pinufio, segundo diz Cassiano, que o perfeito monge deve se comparar com Cristo crucificado, pois as virtudes que se requerem no perfeito monge são as três seguintes: pobreza, que exclua quanto for domínio; castidade, que nunca conheça os prazeres carnais; e obediência, absolutamente subordinada a um aceno do seu superior, às quais tais virtudes costumam andar juntas na regra de São Bento a estabilidade de lugar.

Se alguém, portanto, quiser ver um exemplar de voluntária pobreza até a completa nudez e indigência, repare em Cristo Crucificado que, assim como em vida não teve onde reclinar a cabeça, também estando para morrer, deixou que seus algozes dividissem entre si as próprias vestes, únicos objetos que possuía.

Se alguém quiser achar um modelo da mortificação da carne, que conserve a castidade em toda a sua perfeição, sem dúvida o encontrará em Cristo crucificado, pois desde as plantas dos pés até o alto da cabeça estava sofrendo uma dor contínua.

Se alguém quiser, finalmente, procurar um tipo de perfeita obediência, em ninguém o poderá descobrir mais completo do que n'Aquele que, obediente, sujeitou-se à morte, e morte de cruz. Nem só achará em Cristo Crucificado protótipo incompa-

rável de todas as virtudes, a virtude da obediência, mas também as suas inseparáveis companheiras – sofrimento e humildade –, e desta o seu princípio e fim, caridade ardentíssima, e em todas elas perseverança até final, a qual é significada pela estabilidade do lugar.

Certamente não só Cristo na cruz é o mais completo modelo da perfeição monástica, mas também o perfeito monge representa perfeitissimamente o Senhor crucificado. Esta representação ou semelhança de Cristo Crucificado, parece tê-la expressado ao vivo principalmente São Pedro Celestino, pois a sua vida, quase desde a infância até a última velhice e morte, nada mais foi do que uma continuada meditação da Cruz, e não interrompida imitação do Crucificado. E, para com propriedade se dar a conhecer que assim fora, viu-se, quando ele estava para morrer, desde sexta-feira até às três horas do sábado, em que felicissimamente entregou o seu espírito ao Criador, uma cruz de ouro, milagrosamente suspensa no ar, defronte da sua cela.

Aquela cruz, conta Pedro de Aliaco, Cardeal Cameracense[1], que fora vista por muita gente com assombro. E isto é mencionado, como indubitável sinal do Céu no documento da sua canonização. Em vista disto, parece-me que tenho bastante razão para oferecer e dedicar especialmente aos meus Celestinos os meus livros *As sete palavras proferidas por Cristo na cruz*, pois neles me empenhei em explicar as principais virtudes do Crucificado, as quais sendo, sem dúvida nenhuma, muito úteis a todos os fiéis, são absolutamente necessárias a quem por própria vocação abraçou a mortificação da cruz.

Aqueles que, portanto, com Cristo se crucificaram e para o mundo morreram pela observância externa da sua regra e não

1. *Lib. 2. c. 19 vitae S. Petri Caelestini.*

imitam as virtudes do Crucificado, sofrem, como o infeliz ladrão, a desonra de serem condenados ao patíbulo e aos seus tormentos. Porém, não conseguirão nem a glória, nem o prêmio de Cristo. E melhor lhes seria, como diz São Pedro, não terem conhecido o caminho da justiça do que, depois de o terem conhecido, retrocederem, deixando aquele mandamento santo que lhes foi dado.[2]

Por isso exorto todos os monges, e particularmente os meus Celestinos, a que, se quiserem ser o que diz o nome de monges, leiam assiduamente o Livro da Cruz de Cristo, e o tenham como um comentário fiel e claro para explicar os lugares escuros. Que leiam repetidas vezes as vidas de São Pedro Celestino e dos outros santos e se mantenham em vigília na prática das virtudes, que deles aprenderem, pois assim acontecerá, que dia para dia a cruz se lhes torne suave, e tão amável, que sem custo desprezem os escribas e fariseus, isto é, a carne e o sangue que, gritando, lhes estão dizendo: "Desce da cruz!"

Assim faziam antigamente os discípulos de São Francisco, quando ainda não tinham os livros da sua reza: olhando continuamente para o livro da cruz de Cristo, de dia e de noite o liam e reliam, como diz São Boaventura,[3] ensinados pelo exemplo e discursos do seu patriarca, que continuamente lhes fazia prédicas a respeito da cruz.

Aceitai, pois, veneráveis Padres, esta dadivazinha que vos oferece o vosso Protetor e que será, mesmo depois que ele morrer, uma prova do entranhável afeto que sempre vos consagrou e do desejo que sempre teve de que vós sejais herdeiros das virtudes de São Pedro Celestino – e verdadeiros discípulos e imitadores de Cristo Crucificado.

---

2. 2Pd 2,21.

3. *In vita S. Francisci*, c. 4.

PREFÁCIO

Já se passaram quatro anos desde que eu, preparando-me para deixar este mundo, estou retirado do seu bulício, tendo abandonado as coisas do século, porém não a meditação da Sagrada Escritura nem deixando de escrever o que a este respeito me ocorre, porque, se já não posso ser útil aos meus irmãos pela palavra ou por longos escritos, ao menos não deixo de sê-lo por livrinhos de piedade. Quando eu estava pensando a respeito do assunto que devia escolher e, que não só pudesse dispor-me para morrer de maneira cristã, mas também servir ao meu próximo para bem viver, ocorreu-me a ideia da morte do Redentor e daquele último sermão de sete curtíssimas palavras, porém de ponderosíssimos pensamentos, que Ele pregou a humanidade do alto da cruz, como se estivesse em um elevadíssimo púlpito: pois naquele sermão ou naquelas sete palavras se contém tudo aquilo de que o mesmo Senhor diz:

"Eis aqui vamos para Jerusalém; e tudo o que está escrito pelos Profetas, tocante ao Filho do Homem, será cumprido" (Lc 18,31). O que eles predisseram a respeito de Cristo, reduz-se a quatro artigos: Discursos ao povo; oração a seu Eterno Pai; seus gravíssimos sofrimentos; e suas sublimes e admiráveis ações; e tudo isto maravilhosamente se realizou na sua vida: pois o Senhor pregava frequentissimamente no Templo, nas sinagogas,

nos campos, nos desertos, nas casas particulares; finalmente, até de uma barca às turbas que estavam na praia.

Passava as noites comumente em oração a Deus; pois diz o evangelista: "E passou toda a noite em oração a Deus" (Lc 6,12). As suas ações admiráveis em expulsar demônios, em curar enfermos, em multiplicar pães, em serenar tempestades, leem-se a cada passo nos evangelistas[1]. Finalmente os malefícios, com que lhe pagavam os benefícios, eram muitos; não só injúrias verbais, mas também pedradas e vontade de o precipitarem[2]. Tudo isto, porém, se consumou sem a menor dúvida na cruz. De tal modo, portanto dela pregou que muitos dali voltaram arrependidos[3]: não só se rasgaram corações humanos, mas também pedras se partiram. De tal modo orou na cruz, que oferecendo com um grande brado e com lágrimas, preces e rogos ao que o podia salvar da morte, foi atendido pela sua reverência, como diz o Apóstolo aos hebreus.[4] Os tormentos que padeceu na cruz são tão superiores aos sofrimentos das outras épocas da sua vida, que pode se dizer propriamente que aqueles constituem a sua Paixão. Nunca operou maiores prodígio; Quando na cruz parecia estar no maior desamparo e sem poder algum. Foi então que, não só fez com que aparecessem provas celestes da sua Divindade[5], como os judeus lhe tinham importunamente exigido, mas também, pouco depois deu disto a maior de todas, quando depois de morto e sepultado, por seu próprio poder, ressurgiu dos mortos, fazendo voltar o seu corpo a vida e vida imortal. Verdadeiramente, portanto, na

1. Cf. Mt 8; Mc 4; Lc 6; Jo 6.

2. Cf. Jo 8; Lc 4.

3. Cf. Lc 23,48.

4. Cf. Hb 5,7.

5. Cf. Mt 27,35-44

cruz se consumou tudo quanto os Profetas escreveram do Filho do Homem.

Antes que eu comece a escrever das palavras do Senhor, parece-me de utilidade dizer alguma coisa a respeito da cruz, que foi o púlpito daquele Pregador, o altar daquele Sacrificador, o estádio daquele Combatente e a oficina daquele operador de milagres. Quanto à estrutura da cruz, é opinião mais seguida dos antigos que era formada por três peças: uma ao alto, em que foi estendido o corpo do Crucificado; outra atravessada, na qual foram cravadas as mãos, e a terceira pregada na parte inferior daquela, servindo como de apoio aos pés, que nela foram cravados. Assim o dizem os antiquíssimos Padres São Justino e Santo Irineu,[6] que mostram bem claramente que ambos os pés estavam sobre um apoio, e não um sobre o outro. Daqui se segue, que os cravos foram quatro, e não três, como muitos cuidam, representando um Cristo Crucificado com um pé sobre o outro. Porém, a opinião destes é inteiramente oposta, como muito bem se vê, a de Gregorio Turonense[7] a qual é fundada em antigas pinturas: "Vi em Paris, diz ele na biblioteca do rei antiquíssimos livros dos Evangelhos, manuscritos, com repetidas pinturas do Crucificado, e sempre com quatro cravos".

Que a haste da cruz excedia algum tanto a travessa, dizem-no Santo Agostinho e São Gregório Niceno;[8] e isto mesmo pode se concluir do Apóstolo, que dizendo aos Efésios: "Para que possais compreender com todos os Santos, qual seja a largura e o comprimento, a altura e a profundidade" (Ef 3,18), bem claramente descreve a figura da cruz, que tem quatro extremidades:

6. *In dial. eum Trifon. Lib.* 15 *Advers. Haeres.* Valentin.

7. *Lib. de glor. Martyr*, cap. 6.

8. *Epist.* 12. *Serm.* 1 *de Resur.*

largura na travessa, comprimento na haste, altura na parte da haste, que excede a travessa, e profundidade na parte que ficava oculta, cravada na terra. Naquele patíbulo sofreu Nosso Senhor não por casualidade, nem violentado; uma vez que a própria eternidade o tinha escolhido, como diz Santo Agostinho[9], fundado na passagem dos Atos dos Apóstolos: "A este, depois de vos ser entregue pelo decretado conselho e presciência de Deus, crucificando-o por mãos de iníquos, lhe tirastes a mesma vida" (At 2,23); e por isto mesmo Cristo no começo da sua pregação disse a Nicodemos: "E como Moisés no deserto levantou a serpente, assim importa que seja levantado o Filho do Homem para que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,14s). E falando muitas vezes aos Apóstolos a respeito da sua cruz, lhes dizia, exortando-os: "Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e me siga" (Mt 16, 24). A razão porquê Cristo escolheu este suplício, só Ele a sabe; não faltam, porém, razões místicas, sobre as quais os Santos Padres meditaram muito, e nos deixaram escritas. Santo Irineu diz:[10] "Os dois braços da cruz estavam como ligados um ao outro debaixo do mesmo título — *JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS* — para disto entendermos que os dois povos, hebreu e gentio, em algum tempo vão se reunir em um corpo, onde Cristo há de ser a cabeça, tendo antes estado divididos". São Gregório Nisseno, no discurso da ressurreição de Cristo[11], diz que a parte da cruz que olha para o céu significa que ele é aberto pela cruz, como sendo ela a sua chave; que a parte que estava cravada na terra significa que oInferno havia de ser vencido por Cristo, quando a ele descesse; que os dois braços da cruz – sendo um em direção ao Oriente e outro

9. Cf. Epist. 120.

10. *Lib.* 5. *Advers. haers.* Valentin.

11. *Orat.* 1

ao Ocidente – significam a reparação de todo o gênero humano pelo sangue de Cristo. São Jerônimo na Epístola aos Efésios, Santo Agostinho a Honorato e São Bernardo no *Tratado da consideração*,[12] dizem que o principal mistério da cruz é brevemente expresso pelo Apóstolo naquelas palavras: "Qual seja a largura e o comprimento e a altura e a profundidade" (Ef 3,18). Aquelas palavras dão a entender, primeiramente, os atributos de Deus: na altura, o seu poder; na profundidade, a sua sabedoria; na largura, a sua bondade; no comprimento, a sua eternidade. Em segundo lugar, as virtudes de Cristo nos tormentos: na largura, a sua caridade; no comprimento, a sua resignação; na altura, a sua obediência; na profundidade, a sua humildade. E, finalmente, as virtudes neste tempo necessárias para conseguir a salvação por Cristo: na profundidade da cruz, a fé; na sua altura, a esperança; na sua largura, a caridade; no seu comprimento, a perseverança. Disto entendemos que só a caridade, que é chamada a Rainha das Virtudes, em todos tem lugar, seja em Deus, em Cristo e em nós; e, que das outras virtudes pertencem umas a Deus, outras a Cristo, outras a nós. Que não exista, portanto, quem estranhe que nas últimas palavras de Cristo, as quais vamos explicar, demos o primeiro lugar à caridade. Explicaremos, pois, primeiramente as três primeiras palavras, que Cristo proferiu perto da hora sexta, antes que a Terra fosse toda envolvida em trevas pelo obscurecimento do Sol. Depois, trataremos do motivo da falta da luz solar e, em seguida, explicaremos as outras palavras que Cristo proferiu perto da hora nona, como diz São Mateus;[13] isto é, quando as trevas iam acabando e se avizinhava, ou antes, estava iminente, a sua morte.

---

12. *Lib.* 5.
13. Cf. Mt 27,45.

— LIVRO I —

DAS PRIMEIRAS TRÊS PALAVRAS PROFERIDAS POR CRISTO NA CRUZ

• ● ● •

Capítulo I

Explica-se literalmente a primeira palavra

Meu Pai, perdoa-lhes; pois eles não sabem o que fazem. Cristo, Jesus, Verbo do Padre Eterno, e de quem seu mesmo Pai disse claramente: "Ouvi-o" (Mt 17,5), e que de si mesmo disse também claramente: "Um só é o vosso Mestre, o Cristo" (Mt 23,10), para desempenhar cabalmente a sua missão, não só nunca deixou de ensinar, enquanto viveu; porém, mesmo da cadeira da cruz fez uma pregação curta, mas ardente, proveitosíssima, de muita eficácia e inteiramente dignissima de ser recolhida pelos cristãos no íntimo do coração, de lá ser guardada, meditada e posta em prática. A primeira sentença é esta: Jesus então dizia: "Meu Pai perdoa-lhes; pois não sabem o que fazem" (Lc 23,34); a qual quis o Espírito Santo que, como nova e insólita, fosse profetizada por Isaías naquelas palavras: "e tomou sobre si os pecados de muitos, e intercedeu pelos pecadores" (Is 53,12). Com quanta verdade o Apóstolo São Paulo, disse: "A caridade não busca os seus próprios interesses" (1Cor 13,5), pode facilmente conhecer-se da ordem daquelas sentenças; pois delas, três dizem respeito ao bem dos outros, três ao bem próprio, e uma é comum; o Senhor, porém, teve primeiramente cuidado dos outros, e em último lugar de si.

Das primeiras três sentenças que dizem respeito aos outros, a primeira diz respeito aos inimigos, a segunda aos amigos, a última aos parentes. A razão desta ordem é a seguinte: a caridade socorre em primeiro lugar os mais necessitados, e estes eram então os inimigos; e nós também, discípulos de tal mestre, mais precisávamos de que Ele nos instruísse a amarmos os nossos inimigos, o que é mais difícil e mais raro do que amarmos os nossos amigos e parentes; amor que, de certo modo, nasce conosco, conosco se desenvolve, e não poucas vezes se robustece mais do que deve ser.

Diz, portanto, o Evangelista: "Jesus então dizia"; aquele *então* designa o tempo e ocasião de orar pelos seus inimigos, e opõe palavras a palavras, e obras a obras, como se o evangelista dissesse: "Eles crucificavam o Senhor e a sua vista repartiam os seus vestidos; outros o escarneciam e insultavam-no como perturbador do povo e mentiroso; e Ele, vendo e ouvindo isto, e sofrendo dores atrocíssimas de suas mãos e pés, recentemente trespassados, retribuindo o mal com o bem, dizia: 'Meu Pai, perdoa-lhes". Chama-lhe Pai e não Deus, ou Senhor, porque bem sabia que, para isto, mais se precisava do amor de pai do que da severidade de juiz; e que, para demover Deus, certamente irado por tão grandes atentados, era necessário empregar o carinhoso nome de pai. Assim, aquele *Pai* parece significar isto: "Eu, teu filho no meio dos tormentos que estou sofrendo, perdoo; perdoa tu também, meu Pai, em atenção a mim, teu filho; concede este perdão, que para eles peço, apesar de que não o merecem; lembra-te que também deles és Pai, tendo-os criado a tua imagem e semelhança; não os excluas, portanto, do teu amor paternal porque, ainda que filhos indignos, são teus filhos".

Perdoa: esta expressão guarda o resumo do pedido, que o Filho de Deus, como advogado dos seus inimigos, dirige a seu Pai, e pode aquele termo *perdoa* referir-se tanto à pena como à cul-

pa. Referindo-se à pena, foi esta súplica ouvida, pois os judeus, merecendo por esta maldade ser gravissimamente punidos – seja com fogo que descesse do céu e os consumisse, ou com um dilúvio, em que morressem afogados, ou com ferro e fome, que os exterminasse – passaram-se quarenta anos sem serem castigados; e se, entretanto, aquela nação fizesse penitência, ficaria salva e livre. Mas porque a não fez, determinou Deus que, imperando Vespasiano contra ela, marchasse o exército romano, que destruiu a mais famosa cidade, fez morrer de fome parte dos judeus no cerco, passou à espada outros depois de tomada, a outros vendeu-os, outros fê-los escravos e disseminou os outros por várias terras e países. Tudo isto tinha o Senhor predito: primeiramente pela parábola da vinha e do rei, que preparava as bodas do seu filho; e depois, bem manifestamente no dia das Palmas, chorando e lamentando (Mt 20,1-16; 22, 1-16; Lc 13; 19). Quanto à culpa, foi sua súplica atendida, pois muitos por merecimento dela conseguiram de Deus a graça do arrependimento. Fazem parte deste número os que se retiravam do Calvário, batendo no peito.[1] O centurião que dizia: "Na verdade este Homem era Filho de Deus" (Mt 27,54), e muitos outros, que depois, ouvindo as pregações dos Apóstolos se convertiam, confessando quem tinham negado e adorando quem tinham tratado com desprezo.

A razão pela qual nem a todos foi concedida a graça do arrependimento é porque a súplica de Cristo era conforme a sabedoria e vontade de Deus; o que, por outras palavras, diz São Lucas nos Atos dos Apóstolos: "Creram todos os que haviam sido predestinados para a vida eterna" (At 13,48).

Lhes. Esta palavra designa aqueles para quem Cristo pediu indulgência; parece serem os primeiros os que o crucificaram e

1. Cf. Lc 23,34.

entre si repartiram os seus vestidos; e depois destes os que foram causa da sua crucifixão: Pilatos, que o sentenciou; o povo, que gritou: "Tira-o, tira-o, crucifica-o" (At 13,48); os príncipes dos sacerdotes e escribas que falsamente o acusaram; e, para subirmos mais alto, o primeiro homem, e toda a sua posteridade, que com os seus pecados originaram a Paixão de Cristo.

E, assim, o Senhor na cruz pediu perdão para todos os seus inimigos; e no número destes éramos incluídos também nós, segundo o dizer do Apóstolo: "Sendo nós inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho" (Rm 5,10). Por isso todos nós, mesmo antes de virmos a este mundo, somos incluídos naquele sacratíssimo Memento, com que, por assim dizer, Cristo, Sumo Pontífice, orou naquela sacrossantíssima Missa, que celebrou no Altar da Cruz. "Como retribuirás, minha alma, ao Senhor por tantas mercês que lhe deves, mesmo antes da tua existência? Viu o Senhor de piedade, que em algum tempo tu farias parte dos seus inimigos; e sem tu o buscares, nem lhe pedires, por ti pediu a seu Pai, para que não te fosse imputada a estupidez. Não seria justo que, por esse motivo, tu não te esquecesses nunca de tão amável Protetor, e que tudo fizesses, quanto as tuas forças permitissem, para que nem uma só ocasião passasse sem deixares de o servir? Não devias também, em vista de um tão sublime exemplo, aprender não só a perdoar de boa vontade aos teus inimigos e orar por eles, mas também a convencer os outros, quanto te for possível, a fazerem o mesmo?". Não há dúvida de que assim deve ser, e isto desejo eu e prometo cumprir, dando-me para tamanha empreitada os auxílios da piedade que Aquele tão heroico exemplo me deu.

Não sabem o que fazem. Para que a sua intercessão parecesse razoável, Cristo atenua ou desculpa, da maneira como pode, o delito dos seus inimigos. Não podia certamente desculpar nem a

injustiça em Pilatos, nem a crueldade nos soldados, nem a inveja nos príncipes dos sacerdotes, nem a estupidez e ingratidão no povo, nem os falsos testemunhos nos perjuros; e por isso só restava desculpar a todos pela ignorância; certamente, pois, como diz o Apóstolo[2], se eles a conheceram, nunca crucificariam o Senhor da Glória. Mas, posto que nem Pilatos, nem os príncipes dos sacerdotes, nem o povo, nem os executores, conhecessem que Cristo era o Rei da Glória, achou Pilatos que Ele era um homem justo e santo, e que, por isso, lhe tinha sido entregue por inveja pelos príncipes dos sacerdotes; e sabiam os príncipes dos sacerdotes que Ele era sem dúvida o Cristo, prometido na lei, como diz Santo Tomás[3], pois nem podiam negar, nem negavam que Ele fazia muitos milagres, os quais os Profetas tinham anunciado que o Messias havia de fazer. O povo finalmente reconheceu que Cristo era inocentemente condenado, pois bem claramente lhe disse Pilatos em alta voz: "Não acho n'Ele crime algum. Eu sou inocente do sangue deste justo" (Lc 23,4; Mt 27,24).

Apesar de nem os judeus, nem os príncipes, nem a gente do povo terem reconhecido que Cristo era o Senhor da Glória, se a malícia, contudo, não lhes tivesse obcecado os corações, poderiam conhecê-lo. Assim o diz São João: "Mas, sendo tantos os milagres que fizera em sua presença, não criam n'Ele, porque Isaías disse: 'Obceca o coração deste povo, e ensurdece-lhe os ouvidos, para que, tendo olhos, não veja, e tendo orelhas, não ouça, e se converta, e eu não os sare" (Jo 12,37-40). Nem aquela cegueira desculpa o cego, porque é voluntário e simultâneo, e não precedente; assim todos aqueles que pecam por malícia, o fazem sempre em alguma ignorância, que não os desculpa porque não é precedente, mas simultâneo.

2. Cf. 1Cor 2,8.

3. *In Coment. ad 2. c. prioris ad Corinthios.*

Bem, portanto, diz o sábio: "Erram os que agem mal" (Pr 24,8), e bem diz também o filósofo: "Todo o mau é ignorante", e de todos os pecadores bem se pode dizer: "Não sabem o que fazem", porque ninguém pode querer o mal, encarando-o como mal, pois o objetò da vontade não é coisa boa ou má, mas somente boa. E, por isso, os que preferem o mal sempre o preferem debaixo da vista do bem, que se lhes representa; mais ainda: debaixo da aparência do maior bem que então se possa conseguir. Isto é originado da perturbação da parte mais fraca, que obscurece a razão e faz com que ela não veja senão aquele pequeno bem, que está no objeto do apetite; então, quem se decide a cometer um adultério, ou a fazer um furto, nunca faria tal coisa se não atendesse ao bem ou do deleite, ou da injustiça, e não fechasse os olhos da alma ao mal da torpeza daquele ou da injustiça deste. Por isso, todo o que peca, se assemelha aquele que, desejando precipitar-se num rio, fecha os olhos antes de se atirar a ele, e só depois, de eles fechados, se arremessa. Do mesmo modo, todo o que age mal aborrece o esclarecimento da razão, e o faz em ignorância voluntária que não desculpa, por isso mesmo é voluntária.

Mas, se tal ignorância não desculpa, como é que o Senhor diz: "Perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem"? A isto se responde que aquelas palavras podem entender-se em primeiro lugar a respeito dos crucificantes, os quais é provável que ignorassem completamente, não só a divindade de Cristo, mas também a sua inocência; e que só fizeram o que fizeram em cumprimento do seu ofício. E a favor destes com toda a verdade disse o Senhor: "Meu Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". Em segundo lugar, se elas se entenderem a respeito de nós, que ainda não existíamos, ou a muitos pecadores ausentes, que certamente ignoravam o que então se estava passando em Jerusalém, com a mesma verdade disse também o Senhor: "Não sabem o que

fazem". Se, finalmente, se entenderem em relação aos que presenciavam aquele ato, e sabiam que Cristo era o Messias, ou não ignoravam que era um homem inocente, há de confessar-se que a caridade de Cristo foi tão intensa, que quis atenuar do modo que pôde o malefício dos seus inimigos; pois, ainda que aquela ignorância por si só não possa ter desculpa, contudo algum motivo parece ter, mesmo que leve, pois muito mais grave seria o seu malefício, se neles não se notasse absolutamente ignorância nenhuma. E ainda que o Senhor não ignorasse que aquela desculpa não era senão uma sombra dela, quis, apesar disso, empregá-la, para nós conhecermos a sua benevolência para com os pecadores – e quão gostosamente – mesmo a favor de Califas e Pilatos, de melhor desculpa se aproveitaria, se melhor e mais conveniente se pudesse meditar profundamente.

CAPÍTULO II

Do primeiro fruto da primeira palavra proferida na Cruz

Explicamos qual o significado da primeira palavra, que Cristo proferiu na cruz. Agora, meditando, colheremos daquela palavra alguns frutos preciosos e de muita utilidade para nós e para todos. Inicialmente, nesta primeira parte do sermão que Cristo pregou na cadeira da cruz, aprendemos que a sua caridade é muito mais ardente do que nós podemos conhecer ou imaginar. E é por isso que o Apóstolo, escrevendo aos Efésios, lhes diz: "E conhecer também a caridade de Cristo, que excede todo o entendimento". Com esta passagem da sua epístola, o Apóstolo dá a conhecer ensina que nós, pelo mistério da cruz, podemos saber que a grandeza da caridade de Cristo é tamanha, que excede todo o saber humano, por ser maior do que a força que nossa inteligência pode compreender.

Pois nós, quando sofremos alguma grande dor, ou dos olhos, ou dos dentes, ou da cabeça, ou de outra alguma parte, nos deixamos dominar tanto por ela, que não damos atenção a mais nada; e, por isso, nem recebemos amigos que venham visi-

tar-nos, nem outras pessoas, que por diversos motivos queiram conversar conosco.

Cristo crucificado tinha na cabeça uma coroa de espinhos, como bem claramente dizem os antiquíssimos escritores. Tertuliano, latino, no seu livro contra os judeus[1] e Orígenes, grego, no seu Tratado sobre Mateus,[2] não podiam por isso nem encostar, nem chegar a cabeça à cruz, sem ter de sofrer. Suas mãos e pés estavam traspassados de cravos que faziam sofrer ao Senhor dores contínuas e angustiantes. Seu corpo, nu e fatigado pela prolongada flagelação e muito andar, exposto à desonra e ao frio, e dilatando com o seu peso as chagas das mãos e dos pés com desmedido e perpétuo tormento, causava ao piedoso Senhor muitas dores e quase muitas cruzes ao mesmo tempo.

E não obstante tudo isto, oh caridade sem dúvida incompreensível, desprezando todos aqueles tormentos como se nada sofresse, e preocupado apenas com a salvação dos seus inimigos, e com o desejo de desviar deles o perigo eminente, clama a seu Pai: "Meu Pai perdoa-lhes".

Que faria Cristo, se aqueles malvados sofressem uma perseguição injusta, e não a exercessem? Se fossem seus amigos, seus parentes, seus filhos; não inimigos, não traidores, não perversíssimos parricidas? Sim, Benigníssimo Jesus, a tua caridade é incompreensível ao saber do homem, pois vejo o teu coração no meio de tamanha tempestade de injúrias e sofrimentos, como um rochedo no meio do mar, continuamente batido de todos os lados pelas ondas, e, apesar disto, imóvel e tranquilo. Estás vendo os teus cruéis inimigos que, depois de te fazerem tantos ferimentos

1. Cap. 13.

2. Tract. 35.

mortais, insultam tua resignação e se alegram pelo mal que te fizeram. Estás vendo, torno a dizer, não como inimigos, os teus ferozes inimigos, mas, como um pai, os seus filhinhos a chorarem, ou, como um médico, os seus doentes em delírio pela gravidade da moléstia. Por isso não te zangues, mas compadeces-te e a teu Onipotente Pai os recomendas para serem medicados e salvos.

Assim é, pois, a força da verdadeira caridade: estar em paz com todos. Não julgar ninguém inimigo e até viver em paz com aqueles que nos odeiam. É por isto que, no Cântico do Amor, se fala do poder da perfeita caridade: "A água, posto que em grande abundância, não pode extinguir a caridade, e nem mesmo rios poderão submergi-la"(Ct 8,6). A água em grande abundância são as muitas paixões que as maldades espirituais, como tempestades do Inferno, fizeram chover sobre Cristo por meio dos judeus e gentios, que representam nuvens carregadas de ódios. Porém, este dilúvio de águas, isto é, de tormentos, não pode extinguir o incêndio da caridade que estava ateado no peito de Cristo. Por isso a sua caridade sobressaía naquele dilúvio de muitas águas e, apesar delas, ardia, dizendo: "Meu Pai, perdoa-lhes".

Não somente aquela água em abundância não pôde extinguir a caridade de Cristo, como nem mesmo depois rios de perseguições puderam apagar a caridade dos membros de Cristo. Por isso, passado pouco tempo, a caridade verdadeiramente cristã, que ardia no peito de Santo Estevão, não pôde ser extinta pela chuva de pedras, mas brilhou mais ainda, e, clamando, disse: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (At 7,60). Depois a perfeita e invencível caridade de Cristo, propagando-se em muitos milhares de santos mártires e confessores, de tal modo combateu contra rios de perseguidores, tanto invisíveis, como visíveis que, em verdade, se pode dizer que nem rios de tormentos terão, até a consumação dos séculos, a força de a extinguirem.

Agora, subindo da humanidade de Cristo para sua divindade, grande foi a sua caridade para com os que o crucificaram; porém, maior foi para com eles, e depois será até o fim do mundo, a caridade de Cristo Deus, de seu Pai, e do Espírito Santo para com os homens, que são inimigos do mesmo Deus e que, se pudessem, do Céu o expulsariam, crucificariam e fariam morrer. Quem poderá compreender a caridade de Deus para com os homens ingratos e maus? Aos Anjos que pecaram nem perdoou, nem concedeu o arrependimento, e sofre muitas vezes com paciência os homens pecadores e blasfemos, que desertam para o diabo, inimigo de Deus.

Faz ainda mais do que isto: alimenta-os, sustenta-os, protege-os e como que os traz nos braços, pois n'Ele vivemos, n'Ele nos movemos e n'Ele estamos, como diz o Apóstolo. E não só os bons e justos, mas também os ingratos e maus como o Senhor diz em São Lucas[3]. E não lhes faz só isto o nosso Bom Deus; muitas vezes os enche de benefícios, dá-lhes o talento, concede-lhes a riqueza, sobe-os aos cargos honoríficos, exalta-os até o trono; e, entretanto, pacientemente está à espera que voltem do caminho da iniquidade e da perdição. Deixando de lado o restante, que exigiria um discurso interminável se quiséssemos mencionar tudo quanto pode dizer-se da caridade de Deus para com os maus e inimigos da Majestade Divina, consideremos somente o benefício de Cristo, de que agora tratamos.

Não amou, porventura, Deus o mundo até lhe dar seu Filho Unigênito?[4]

O mundo é inimigo de Deus, pois "o mundo está no maligno" (1Jo 5,19), como diz São João: "Se alguém ama o mundo não

3. Cf. Lc 6,35.

4. Cf. Jo 3,16.

há nele o amor do Pai"; como ele também diz: "A amizade deste mundo é inimiga de Deus" (1Jo 2,15).

"E todo aquele que quiser ser amigo deste século, se constitui inimigo de Deus" (Tg 4,4), como escreve São Tiago. Deus, pois, amando o mundo, amou o seu inimigo mais para torná-lo seu amigo, pois para isso lhe enviou o seu Filho, que é o Príncipe da Paz[5], para por Ele o mundo ser reconciliado com Deus. E foi por isso que, no Nascimento de Cristo, os anjos cantaram "*Glória a Deus nas Alturas e paz na Terra*" (Lc 2,14).

Amou Deus o mundo, seu inimigo, para por meio de Cristo lhe oferecer reconciliação e para que, reconciliado, Ele evitasse o castigo que merecia. O mundo não recebeu Cristo; fez maior a sua culpa, insurgiu-se contra o Medianeiro, a quem Deus inspirou que pagasse malefícios com benefícios, e rogasse pelos seus perseguidores. "Rogou e foi atendido pela sua reverência" (Hb 5,7). A paciência de Deus esteve à espera que o mundo fizesse penitência em virtude da pregação dos Apóstolos. Os que a fizeram obtiveram o perdão, porém os outros foram exterminados por justo juízo de Deus, depois de muito tempo ter lhes esperado pelo seu arrependimento.

Sem dúvida, portanto, desta primeira palavra de Cristo aprendemos que a sua caridade excede a compreensão humana, e que também a excede a caridade do Pai, que assim amou o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que crê n'Ele, não pereça, mas tenha a vida eterna[6].

5. Cf. Is 9,6.
6. Cf. Jo 3,16.

CAPÍTULO III

Do segundo fruto da mesma palavra proferida por Cristo na Cruz

O segundo fruto, e na verdade muito benéfico para quantos dele provarem, será aprendermos a perdoar facilmente as injúrias e a fazermos, dessa forma, de inimigos, amigos. Para nos convencermos disso, deveria ser razão bastante o exemplo de Cristo e de Deus, pois se Cristo perdoou aos que o crucificaram, e pediu por eles, porque não há de fazê-lo o cristão? Se Deus, Criador, que podia, como Senhor e Juiz, castigar imediatamente os pecadores, espera que eles se arrependam e os convida para a reconciliação, pronto a perdoar a quem Lhe ofendeu a Sua majestade, porque não há de perdoar a criatura? A isto se pode acrescentar que o perdão de uma injúria nunca fica sem grande prêmio.

Na história da vida e morte de Santo Engelberto, Arcebispo de Colônia, lê-se que, tendo-o os seus inimigos assassinado numa jornada, e ele em seu coração dissesse: "Meu Pai, perdoa-lhes", dele se revelara que só por aquela sua rogativa, de que Deus sumamente se agradou, não só a sua alma foi imedia-

tamente levada ao Céu pelos anjos, mas até colocada entre os coros dos Mártires; recebeu a palma e coroa do martírio, e foi assinalada por muitos milagres[1]. Oh! Se os cristãos soubessem quão facilmente poderiam, se quisessem, conseguir a riqueza de tesouros incomparáveis e quão ilustres títulos de honra e glória poderiam alcançar sendo senhores das suas paixões, e a desprezando generosamente pequenas ofensas, não seriam certamente tão desumanos e duros no perdão e sofrimento das injúrias.

Mas, se dirá, parece diametralmente oposto ao Direito natural deixar-se alguém deprimir injustamente e ofender por palavras ou por obras, pois vemos que os brutos, unicamente levados pelo instinto, acometem as feras, suas inimigas, logo que as veem e a dente ou a coices as matam. E em nós mesmos experimentamos, quando casualmente nos encontramos com alguém nosso inimigo, que o sangue começa logo a ferver-nos, desenvolvendo-se imediatamente o desejo da vingança. Engana-se completamente quem assim raciocina, confundindo a justa defesa com a injusta vingança. A justa defesa não pode ser censurada; e é esta a que a mesma natureza ensina repelir à força com a força. Mas, nesse caso, não é a vingança de uma injúria que nos fazem. Ninguém pode proibir-nos de não querermos ser injuriados; porém, que nos vinguemos das injúrias, proíbe-o a lei de Deus.

O castigo das injúrias não pertence a particulares, mas aos magistrados. E, porque Deus é o Rei dos reis, é que Ele diz, clamando: "A mim me pertence a vingança: eu retribuirei" (Dt 32,35; Rm 12,19). A causa pela qual as feras atacam naturalmente as suas inimigas provém de que são feras, e não podem, por isso mesmo, discernir entre natureza e vício da natureza. Porém, os homens – que são dotados de razão – devem distinguir a natureza ou pes-

1. *Apud. Sur. die 7. Novembris.*

soa que Deus criou boa, do vício ou pecado, que é mau e não provém de Deus. Por isto, quem é injuriado, tem obrigação de amar a pessoa e aborrecer a injúria; de se compadecer mais de quem o injuriou do que de ficar de má vontade com ele, imitando os médicos, que amam os seus doentes e por isso, com todo o desvelo os curam aborrecendo só a moléstia e empregando, para a debelarem, todos os recursos da sua arte.

É por isto que Cristo, o mestre e médico das almas, ensinou, dizendo: "Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem ódio; e orai pelos que vos perseguem e caluniam" (Mt 5,44). Cristo, nosso mestre, não se pareceu com os escribas e fariseus que, sentados na cadeira de Moisés, ensinavam o que não praticavam[2]; Mas, sentado na cadeira da santa cruz, praticou o que ensinava, pois amou os seus inimigos e orou por eles, dizendo: "Meu Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem". O motivo porquê também aos homens começa a ferver o sangue quando veem as pessoas que alguma injúria lhes fizeram, é porque não aprenderam a sujeitar à razão o ímpeto da parte mais fraca, em que nós não diferimos dos brutos. Os que são espirituais e já sabem dominar a rebelião do corpo, não se mostram coléricos com os seus inimigos, mas compadecem-se deles e se empenham, por meio de boa vontade, atraí-los à paz e concórdia.

Mas isto, se dirá, é demasiadamente difícil, principalmente para quem teve nascimento nobre e quer conservar a nobreza do seu berço. É o contrário: é fácil, porque o jugo de Cristo, que impôs este preceito aos seus sectários, é suave e leve, como testificam os Evangelhos[3], e os seus mandados não são custosos,

2. Cf. Mt 23,2s.

3. Cf. Mt 11,30.

como diz São João.[4] O fato de parecerem-nos custosos e duros provém de que a caridade de Deus em nós é pouca, ou nenhuma, pois para a caridade não há dificuldades, como diz o Apóstolo: "A caridade é paciente; é benigna; tudo tolera, tudo crê, tudo espera e tudo sofre" (1Cor 13,4-7).

Não foi só Cristo quem amou os seus inimigos, apesar de que neste particular é superior a todos, pois na lei da natureza o Santo Patriarca José mostrou extremoso amor aos que o tinham vendido;[5] e, na lei escrita, David sofreu com a maior paciência Saul, seu inimigo, que muito tempo procurou matá-lo.[6] E podendo por muitas vezes tirar-lhe a vida, nunca o quis fazer. Na lei da graça seguiu o exemplo de Cristo o Protomártir Santo Estevão que, quando o estavam apedrejando, orava e dizia: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (At 7,60). E São Tiago Apóstolo, Bispo de Jerusalém, tendo os judeus atirado-o de uma altura, quase a morrer, exclamava: "Senhor, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!".[7] E o Apóstolo São Paulo, de si e dos seus coapóstolos, diz: "amaldiçoam-nos, e bendizemos; perseguem-nos, e sofremos (com paciência)" (1Cor 4,12). Além disto, muitos mártires e inumeráveis outros, seguindo o exemplo de Cristo, cumpriram facilmente este preceito.

Mas ainda hoje alguém diz: Não nego que se deve perdoar aos inimigos, mas no seu tempo, quando a impressão da injúria já tiver desaparecido, e a alma tiver voltado a si da agitação em que se achava". Mas, entretanto, se tu que não perdoas fores deste para o outro mundo e, achando-te lá sem as vestes da caridade,

4. Cf. 1Jo 5,3
5. Cf. Gn 45,5.
6. Cf. 1Rs 18,9.
7. Euseb. *hist. lib.* 2, cap. 22.

ouvires: "Como entraste aqui, não tendo vestido nupcial?" (Mt 22,12); ficarás, então, sem poderes articular nem uma só palavra, e ouvirás a sentença do Senhor: "Atai-o os pés e mãos e lançai-o às trevas exteriores: aí haverá choro e ranger de dentes" (Mt 22. 13). Por que não te resolves antes a imitar desveladamente o exemplo do teu Senhor, que ao mesmo tempo em que estava sendo injuriado, e que de suas mãos e pés corria o sangue morno, e todo o seu corpo era atormentado com dores atrocíssimas, dizia a seu Pai: "Meu Pai perdoai-lhes"?

É Este o verdadeiro e único Mestre, de quem deve aprender quem não quiser errar. D'Ele disse do Céu seu Pai: "Ouvi-o" (Mt 17,5). N'Ele se acham todos os tesouros da sapiência e sabedoria de Deus[8]. Se tivesses consultado Salomão, sem dúvida terias seguido com confiança o seu conselho: mais sábio, pois, do que Salomão é Cristo.[9] Estou, porém, ouvindo não sei quem replicando-me, a dizer: Se pagamos o mal com o bem, a injúria com o benefício, o ultraje com a caridade, os maus se tornariam mais insolentes, os facinorosos mais audazes. Serão oprimidos os justos e a verdade será espezinhada. Não é assim, pois, como diz o Sábio, "a resposta branda aquieta a ira" (Pr 15,1) e não poucas vezes a paciência do justo maravilhou o seu perseguidor, e de inimigo que até ali era, o tornou amicíssimo; nem faltam no mundo magistrados, nem reis, nem príncipes a quem está incumbido o castigar os delinquentes pela forma que as leis prescrevem, e providenciar para que os bons não sejam inquietados no seu viver sossegado e pacífico. E, quando alguma vez em alguma parte, a justiça dos homens deixasse de cumprir o seu dever, esta sempre vigilante a providência de Deus – que não deixará nunca nem o mau sem castigo, nem o bom sem prêmio –, e que, por um modo

8. Cf. Cl 2,3.

9. Cf. Mt 12,42.

CAPÍTULO IV

Explica-se literalmente a segunda palavra: "Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso"

A segunda palavra ou sentença proferida por Cristo na cruz, segundo testifica São Lucas, foi a magnífica promessa a um dos dois ladrões igualmente com Ele crucificados: "Hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23,43). A origem desta segunda palavra foram dois ladrões condenados ao mesmo suplício da cruz e estar cada um pendente na sua – um à direita, outro à esquerda de Cristo – e um deles agravar os seus crimes passados, injuriando o Redentor, dizendo-lhe, acusando-o de nada poder: "Se tu és Cristo livra-te dos tormentos, e a nós também"(Mt 27,40; Mc 15,32). Ora, São Marcos e São Mateus dizem que os ladrões crucificados com Cristo lhe acusavam o seu pouco poder, porém o que se deve entender é que aqueles evangelistas empregaram o número plural por singular, o que é frequente na Sagrada Escritura, como observou Santo Agostinho nos Livros da uniformidade dos evangelistas[1]. Pois o Apóstolo escrevendo

1. Lib. 3. Cap. 26.

aos hebreus a respeito dos Profetas, diz: "Conquistaram reinos, exerceram a justiça, alcançaram as promessas, fecharam a boca dos leões" (Hb 11,33). E apesar disto, quem silenciou as bocas dos leões foi só Daniel; só Jeremias foi apedrejado; e serrado, só Isaías. A isto se deve acrescentar que São Mateus e São Marcos não dizem tão claramente que ambos os ladrões insultaram Cristo, como São Lucas explicitamente escreve[2]: "Um dos ladrões que com Ele foram crucificados, lhe dirigia impropérios"; acrescendo mais, que não há motivo nenhum para o mesmo ladrão ora o insultasse, ora o louvasse.

Ao dizerem alguns que o ladrão que antes tinha blasfemado de Cristo, e depois se arrependido quando lhe ouviu dizer: "Meu Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem", o louvara, repugnam manifestamente ao Evangelho. Pois São Lucas diz que Cristo rogara a seu Pai pelos seus perseguidores antes das blasfêmias do mau ladrão. Deve-se, por isto mesmo, seguir a opinião de Santo Ambrósio[3] e de Santo Agostinho[4], que entendem que dos dois ladrões só um blasfemara, e que o outro louvara e defendera Cristo; pois ao blasfemo disse o que não o era: "Nem ainda tu temes a Deus, estando no mesmo suplício". Este ladrão, feliz pelo consórcio da cruz de Cristo e pela luz Divina, que começava a alumiá-lo, procura com empenho corrigir seu irmão e fazê-lo voltar ao verdadeiro caminho. E deve ser este o sentido das suas palavras: "Tu quiseste imitar os judeus nas suas blasfêmias, porém eles ainda não tiveram lição que os ensinasse a temerem o julgamento de Deus, pois estão persuadidos que venceram e exultam com a sua vitória, vendo Cristo cravado na cruz e julgando-se por isso, livres e desassombrados. Mas tu, que pelos crimes que cometeste,

2. Lc 23,39.

3. *In* Lc 23.

4. *Lib. 3. do consensu Evang.*

estás suspenso de uma cruz e perto do termo da vida, não temes a Deus? Para que amontoas culpas sobre culpas"?

Depois, recebendo o prêmio daquela boa ação, e ajudado da graça de Deus, confessa os seus pecados e proclama a inocência de Cristo, dizendo: "Quanto a nós, o castigo que na cruz estamos sofrendo é justo, porque pagamos o que devíamos; porém este não fez não fez mal nenhum". Por fim, aumentando-lhe a luz da graça, acrescenta: "Senhor, lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino". Admirável, sem dúvida, foi a graça do Espírito Santo, que alumiou o coração deste ladrão. Pedro Apóstolo nega; o ladrão cravado na cruz confessa[5].

Os discípulos, indo para Emaús, dizem: "Ora nós esperávamos" (Lc 23,42); este fala com confiança, dizendo: "Lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino" (Lc 24,21). Tomé, Apóstolo, diz que só acreditará que Cristo ressuscitou quando o vir ressuscitado; o ladrão, pendente da cruz, vendo Cristo também crucificado, não duvida de que Ele há de reinar depois de morrer. Quem tinha ensinado a este ladrão tão altos mistérios? Chama Senhor a quem ele via nu, ferido, sofrendo, exposto à irrisão e desprezo de todos, e pendente como ele da cruz, e dele diz sem duvidar, que depois de morrer, havia de ir para o seu Reino.

Disto entendemos que ele não imaginava que o Reino de Cristo havia de ser temporal, como os judeus esperam, mas sim, que havia de ser Rei eterno no Céu, depois de sua morte. Donde teria ele aprendido estes tão sublimes sacramentos? De ninguém, certamente, senão do Espírito da Verdade, que nas bênçãos de doçura o predestinou[6]. Cristo disse aos Apóstolos depois da sua

5. Cf. Jo 18,17.

6. Cf. Sl 20,4.

ressurreição: "Assim está escrito e assim conveio que Cristo sofresse, e assim entrasse na sua glória" (Lc 24,46),. Porém o ladrão antecipou-se de um modo admirável neste conhecimento e o declarou, quando em Cristo não havia semelhança nenhuma de rei. Pois os reis reinam enquanto vivem, e com a vida lhes acaba o reinado; e o ladrão claramente disse que Cristo, depois da sua morte, havia de ir para o seu Reino, o que o Senhor expôs numa parábola, quando disse: "Um homem de grande nascimento foi a um país distante, tomar posse de um reino, para depois voltar" (Lc 19,12). Isto disse o Senhor nas vésperas da sua Paixão, dando a entender que pela morte iria a uma remota região – isto é, a outra vida – ou ao Céu, que fica distantíssimo da Terra, e que ia tomar posse do maior dos reinos, do Reino sempiterno, e que depois voltaria no dia do Juízo a dar a cada um o que nesta vida tivesse merecido: ou prêmio ou castigo.

Deste Reino de Cristo, de que depois da sua morte Ele havia de tomar posse imediatamente, diz o sensato ladrão: "Lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino". Não era, porém, Cristo Nosso Senhor, já rei antes da sua morte? Era, sem dúvida, pois era por isso que os Magos clamavam: "Onde está o que nasceu rei dos judeus?" (Mt 2,2). e o mesmo Cristo disse a Pilatos: "Tu o dizes, que eu sou rei: para isso nasci e vim ao mundo, para dar testemunho da verdade" (Jo 18,34-37), porém, apesar disso, era Rei neste mundo, como um estrangeiro entre inimigos. E por isso não era reconhecido como tal, senão por poucos, sendo desprezado e maltrato por muitos. Por isso disse na parábola supracitada que havia de ir a um país remoto, tomar posse do seu Reino, e não disse adquiri-lo, granjeá-lo, como se d'Ele não fosse, mas tomar posse do que lhe pertencia e voltar depois; e o ladrão sensato disse: "Quando estiveres no teu Reino".

Certamente, o Reino de Cristo nesta passagem não se entende ser o poder real ou senhorio, pois este Ele o teve sempre desde o princípio, segundo o Salmo: "Eu fui por Ele constituído rei sobre o seu santo monte Sião" (Sl 2,6). E em outra parte: "Dominará de mar a mar, e desde o rio até aos confins da Terra" (Sl 71,8). E Isaías diz: "Foi-nos dado um menino; nasceu-nos um filho, e o seu principado foi colocado sobre um dos seus ombros" (Is 9,6). E Jeremias: "Eu suscitarei a raça justa de David, e reinará um rei, e será sábio, e administrará no mundo justiça reta" (Jr 23,5). E Zacarias: "Exulta muito, filha de Sião, enche-te de júbilo, filha de Jerusalém: está a chegar o teu rei justo, o teu Salvador. Virá pobre e montado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho dela" (Zc 9,9). Não fala, então, Cristo, deste Reino na parábola, de que ia tomar posse, nem dele fala o bom ladrão quando diz: "Lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino", mas falam ambos da perfeita felicidade, pela qual o homem é eximido de toda a servidão e sujeição dos seres criados, e só fica sujeito a Deus, ao qual estar sujeito é reinar, e pelo mesmo Deus é constituído superior a todas as suas obras.

Este Reino, no que diz respeito à felicidade espiritual, possuiu sempre Cristo desde o instante da sua concepção, mas quanto ao corpo não o possuiu de fato, mas só de direito antes da sua ressurreição. Enquanto peregrinou no mundo, estava sujeito ao cansaço, à fome, à sede, às injúrias, aos ferimentos e a mesma morte. Porém, porque lhe era devida a glória do corpo, depois da morte entrou na sua glória, porque sem dúvida a ela tinha direito. Assim o diz o mesmo Senhor depois da sua ressurreição: "Porventura não importava que Cristo sofresse estas coisas, e que assim entrasse na sua glória?" (Lc 24,46).

Esta glória, com verdade se diz que é sua, porque pode dá-la aos outros, e por isto é também chamado Rei da Glória, Senhor

da Glória, e Rei dos reis.[7]. Ele mesmo diz aos Apóstolos: "Por isso eu preparo o Reino para vós, como meu Pai o preparou para mim" (Lc 22,29), pois nós podemos receber a glória e o Reino, mas não dá-lo; e é por isso que se nos diz: "Entra no júbilo do teu Senhor" (Mt 25,21) e não "no teu júbilo". É este o Reino de que o bom ladrão diz: "...quando estiveres no teu Reino". Não se devem passar em silêncio exímias virtudes que brilham na oração deste santo ladrão, para nos não admirarmos tanto, quando ouvirmos a resposta que lhe deu Cristo Nosso Senhor.

Senhor, diz ele, "lembrai-vos de mim quando estiverdes no vosso Reino". Chama-lhe *Senhor*, e por este título se confessa servo, ou antes escravo compradiço, e reconhece em Cristo o seu Redentor. Diz: "Lembrai-vos de mim", que é uma expressão cheia de fé, de esperança, de amor, de devoção, de humildade. Não diz "se puderes", porque acredita que Ele tudo pode. Não diz "se for do teu agrado", porque tem uma plena confiança na sua caridade e piedade. Não diz "desejo o consórcio do teu Reino", porque a sua humildade tal não permitia. Finalmente, não pede nada em particular, mas só diz "Lembrai-vos de mim", como querendo dizer: "se tão somente de mim te dignares lembrar, se para mim quiseres lançar um olhar da tua benignidade, isso só me basta, porque nenhuma dúvida tenho do teu poder e sabedoria, e deposito absoluta confiança na tua compaixão e caridade". Por último, diz: "Quando estiveres no teu Reino", para mostrar que não pedia nenhum dos bens frágeis ou caducos, mas que só desejava os sempiternos.

Ouçamos agora a resposta de Cristo: "Amém, te digo, que serás hoje comigo no Paraíso". Aquele *Amém* é uma expressão solene, de que Cristo se servia, quando queria dar à sua afirmação um cunho de verdade indubitável. Santo Agostinho não receou

7. Cf. Sl 24,8; 1Cor 2,8; Ap 19,16.

dizer que aquela palavra é como um juramento, mas não é propriamente juramento, pois tendo o Senhor dito em São Mateus: "Eu, porém, vos digo que absolutamente não jureis" (Mt 5,34), e pouco depois: "Mas seja o vosso falar, sim, sim, não, não, porque tudo o que daqui passa procede do maligno" (Mt 5,37), não é de modo nenhum crível que o Senhor tenha jurado tantas vezes quantas pronunciou *Amém*, tendo-o empregado muito frequentemente. E em São João não só *Amém*, mas *Amém, Amém*. Bem disse, pois, Santo Agostinho, que *Amém* não é um juramento, mas como um juramento. Aquela palavra significa *em verdade*. E, quando alguém diz "Em verdade te digo", afirma a seriedade própria do juramento. Por isso Cristo muito bem disse ao ladrão: "Em verdade te digo", isto é, somente afirmo e não juro, pois por três motivos poderia o ladrão duvidar da promessa de Cristo, se a sua afirmativa não fosse tão enérgica.

Primeiramente em razão da própria pessoa, que não parecia de maneira nenhuma digna de tamanha recompensa. Quem poderia, pois, suspeitar que um ladrão pudesse imediatamente passar de uma cruz para a bem-aventurança? Em segundo lugar em relação à pessoa de Cristo, que fazia a promessa e que, então, parecia reduzido a extrema pobreza, desvalimento e desgraça, pois poderia o ladrão raciocinar assim: "se este não pôde, enquanto vivo, prestar alguns serviços aos seus amigos, como há de poder fazê-lo depois de morto?". Por último, em relação a coisa prometida, pois lhe era prometido o Paraíso. E o Paraíso, segundo a ideia desta palavra naquele tempo, referia-se não às almas, mas aos corpos, pois por este nome se entendia entre os hebreus o Paraíso terrestre. Mais facilmente acreditaria o ladrão se o Senhor lhe dissesse: "Hoje serás comigo no lugar de refrigério com Abraão, Isaac, e Jacó". Por estes motivos, portanto, começou o Senhor por aquelas palavras "Em verdade te digo".

Hoje. Não lhe disse: "No dia do Juízo, te colocarei à minha direita com os justos"; nem: "Depois de alguns meses de purgatório te levarei à consolação"; tampouco: "Passados alguns meses ou dias, te consolarei". Mas disse-lhe: "Hoje, antes que o Sol se ponha, comigo passarás do patíbulo da cruz para as delícias do Paraíso". Admirável liberalidade de Cristo, admirável felicidade de um pecador. Não sem motivo, Santo Agostinho, no livro da *Origem da alma*,[8] seguindo São Cipriano, julga que aquele ladrão pôde entrar no catálogo dos mártires, e que, por isso, sem as penas do purgatório, passar deste mundo à Pátria. E que se pôde dizer mártir, porque publicamente reconheceu Cristo, quando nem os mesmos Apóstolos se atreviam a falar n'Ele. E, que por esta sua espontânea confissão, Deus lhe levara em conta de ser martirizado por Cristo a morte, que com Cristo padeceu.

Aquele "serás comigo", apesar de lhe não ser prometido mais nada, seria já para o ladrão um grande prêmio, pois, segundo escreve Santo Agostinho, onde poderia ele estar mal com Cristo, e onde bem sem Cristo?[9] Não é, portanto, pequeno o prêmio que Ele prometeu aos que o seguirem, quando disse: "Se alguém me serve, siga-me; e, onde eu estiver, estará também o que me serve" (Jo 12,26). Mas não prometeu ao ladrão unicamente a sua companhia, pois acrescentou: *no Paraíso*.

O que aqui significa a palavra *Paraíso* parece inquestionável, não obstante a dúvida de alguns, pois é certo que Cristo naquele dia, depois de morrer, esteve com o corpo no sepulcro, com a alma nos infernos. Assim o diz bem explicitamente o Símbolo da Fé, e não há dúvida que nem ao sepulcro nem aos infernos se pode dar o nome de Paraíso celeste, nem de Paraíso terrestre. Ao

8. *Lib*. 1., cap. 9.

9. *Tract*. 51 *in* Jo

sepulcro não, porque era ele um lugar estreitíssimo, e só destinado para receber cadáveres, para não dizer que nele foi só metido o corpo de Cristo e não o do ladrão; por isto, se ao sepulcro se pudesse dar o nome de Paraíso, não teria sido cumprida a promessa: "Hoje serás comigo". Aos infernos não pode também chamar-se de modo nenhum o nome de Paraíso, pois significa jardim de delícias. E, na verdade, no Paraíso terrestre havia árvores que davam flores e produziam frutos; havia água limpidíssima e a sua temperatura era a mais amena. No Paraíso celeste havia – e há – delícias imortais, dias intermináveis, habitação dos bem-aventurados. Nos infernos, mesmo naquela parte onde se achavam as almas dos santos patriarcas, não havia nem luz, nem amenidade, nem delícias: as almas que lá estavam não sofriam tormentos; antes, pelo contrário, tinham a consolação e a alegria da esperança da redenção que haviam de ter e da visita de Cristo, que lá havia de ir. Mas, apesar disto, estavam detidos como escravos em um obscuro cárcere.

Assim diz o Apóstolo, expondo o Profeta: "Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro" (Ef 4,8); e Zacarias diz: "Tu no sangue do teu testamento libertaste os teus prisioneiros do lago, em que não há água" (Zc 9,11). Onde, aquelas palavras "os teus prisioneiros" e "do lago em que não há água", não significam a amenidade do Paraíso, mas um cárcere obscuro. Por isso, o termo *Paraíso* aqui não significa senão a felicidade da alma, que consiste em estar vendo a Deus, pois é isto verdadeiramente o Paraíso das delícias, não corporal ou local, porém espiritual e celeste. E é este o motivo porquê ao ladrão que suplicava, dizendo: "Lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino", Cristo não respondeu: "Hoje serás comigo no meu Reino, mas no Paraíso", pois naquele dia não havia Cristo de estar no seu Reino, isto é, em perfeita felicidade do corpo e da alma, porém no dia da ressurreição em

que havia de ter um corpo imortal, impassível, glorioso e absolutamente livre de toda a escravidão ou sujeição. Nem neste Reino havia de ter por companheiro o bom ladrão até a ressurreição geral do gênero humano e dia de Juízo final. Por isso, com toda a verdade e propriedade lhe disse: "Hoje serás comigo no Paraíso", porque naquele mesmo dia havia de comunicar não só a alma do bom ladrão, mas também as de todos os santos, que nos infernos se achavam, a glória da visão de Deus, que Ele tinha recebido desde a sua conceição.

Esta é, pois, a glória ou felicidade essencial, e o bem principal no Paraíso celeste. É, sem dúvida, para admirar a propriedade das palavras de Cristo, pois não disse: "seremos hoje no Paraíso, ou iremos hoje ao Paraíso"; mas "comigo serás hoje no Paraíso", como se quisesse dizer: "Tu estás hoje comigo na cruz, mas não no Paraíso, onde eu estou quanto à parte superior da alma. Porém, daqui a pouco, hoje mesmo, estarás não só fora da cruz, mas até dentro do Paraíso".

CAPÍTULO V

Do primeiro fruto da segunda palavra

Da segunda palavra, proferida na cruz, podemos colher alguns frutos, e frutos excelentes. O primeiro é a consideração da imensa misericórdia e liberalidade de Cristo, e quão agradável e proveitoso é servi-lo. Cristo, macerado pelas dores, poderia não atender a súplica do ladrão, porém a sua caridade antes quis esquecer-se dos acerbíssimos tormentos que estava sofrendo, do que deixar de prestar atenção àquele miserável pecador, que n'Ele confiava. O mesmo Senhor nem uma só palavra proferiu aos insultos e injúrias dos sacerdotes e soldados, mas ao clamor daquele pobre penitente, que o confessava, a Sua caridade não pôde ficar silenciosa.

Às injúrias emudeceu ela, porque é sofredora; à confissão não, porque é benigna. Mas que diremos da liberalidade de Cristo? Os que servem os senhores deste mundo, muitas vezes, não obstante os muitos serviços que lhes prestam, pouco proveito tiram, pois não são poucos os que, todos os dias estamos vendo voltarem para suas casas velhos e quase a pedir, depois de terem passado toda a sua vida nos palácios dos príncipes. Cristo, prín-

cipe verdadeiramente generoso e magnífico, nenhum serviço recebeu deste ladrão senão algumas boas palavras e bons desejos de o servir.

E eis aí como o remunerou. No mesmo dia, primeiramente lhe são perdoados os seus muitos pecados que tinha cometido com os crimes de uma vida inteira. Depois é admitido à companhia dos príncipes do seu povo, isto é, à companhia dos patriarcas e dos Profetas. Finalmente, é feito participante da sua mesa, da sua dignidade, da sua glória, e, por isso, de todos os seus bens. *Hoje*, lhe diz o Senhor, *serás comigo no Paraíso*, e fez o que disse, sem demorar a recompensa para outro dia, pois naquele mesmo em que fez a promessa lhe lançou no regaço a remuneração plena, avantajada, de cogulo, a transbordar[1]. Nem só com este ladrão foi Cristo tão generoso. Dos Apóstolos, uns deixaram os seus barquinhos para servi-Lo, outros os seus telônios, outros as suas casinhas; mas Ele os constituiu príncipes sobre toda a Terra, sujeitando ao seu poder os demônios, as serpentes e toda a qualidade de enfermidades[2]. Quem por amor de Cristo der de comer ao pobre ou o vestir, ouvirá, no dia do Juízo: "Tive fome e deste-me de comer; estava nu, e cobriste-me. Entra, por isso, na posse do Reino sempre eterno" (Mt 25,34ss).

Enfim aí tens uma prova da liberalidade do Senhor, (não falando em outras) e quase incrível, se não fosse uma promessa feita por Deus: "Todo aquele que deixar a sua casa, ou seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou seus bens, por causa do meu nome, receberá centuplicado, e possuirá a vida eterna" (Mt 19,29). São Jerônimo[3] e

1. Cf. Lc 6,38.

2. Mt 10,1.

3. *In Comment. ad cap.* 29. Mat.

outros sagrados doutores explicam esta passagem de modo que a significação daquelas palavras é a que se segue: "Aquele, que nesta vida deixar, por Cristo, algum objeto temporal, receberá remuneração duplicada – e ambas de valor incomparavelmente maior que a do objeto, que por Cristo for deixado. Primeiramente, receberá nesta vida o gosto espiritual, ou o espiritual galardão centuplicadamente maior, e de maior preço do que o do objeto que por Cristo deixar, de sorte que em bom raciocínio, antes preferirá assim fazer: conservar-se na posse daquele bem espiritual do que trocá-lo por cem propriedades rústicas ou urbanas, ou coisas semelhantes. Além disto, como se aquela paga ou remuneração fosse pequena ou nenhuma, receberá aquele feliz mercador no futuro século a vida eterna, ou o conjunto de todos os bens. Tal é, sem dúvida, a liberalidade de Cristo, o maior dos reis para com aqueles que deveras se resolveram a segui-lo. E não são loucos os que, abandonando Cristo, querem, antes, fazerem-se escravos das riquezas, da gula, e da luxúria? Dizem, porém, os que não sabem avaliar os tesouros com que Cristo remunera: "Isso são só palavras, porque nós vemos os servos de Cristo ordinariamente pobres, sujos, desprezados e tristes, e nunca vimos o cêntuplo, que tu tanto engrandeces".

É assim. O homem carnal nunca viu o cêntuplo que Cristo prometeu, porque não tem os olhos com que Ele se pode ver, nem gozou nunca aquele gosto completo, que nasce de uma consciência pura e do verdadeiro amor de Deus. Vou apresentar um exemplo pelo qual o espírito carnal possa, de algum modo, fazer ideia das delícias e riquezas espirituais. Lê-se no *Livro dos homens ilustres da Ordem de Cister*,[4] que Arnulfo, pessoa nobre e rica, abandonando tudo isto, se fizera monge naquela Ordem, sendo seu abade São Bernardo. Deus deu-lhe exercício a sua paciên-

4. *Dist*. 3. *exempl*. 26.

cia, principalmente pelos fins da vida, com duríssimos flagelos de várias doenças. Mas, quanto mais as dores o atormentavam, mais dizia ele, gritando: "Verdade é tudo quanto disseste, Senhor Jesus"; e, perguntando-lhe os circunstantes porque dizia isto, respondeu: "O Senhor diz no seu Evangelho que todo aquele que deixar as riquezas e todos os seus bens por amor d'Ele, receberá nesta vida o cêntuplo e na outra a bem-aventurança. É agora que eu compreendo a força desta promessa, e confesso que estou recebendo o cêntuplo de tudo quanto deixei, pois tão agradável se torna para mim a imensa acerbidade desta dor pela esperança da misericórdia divina, que por ela tenho, que não quereria ver-me livre dela ainda mesmo pelo valor cem vezes dobrado dos bens terrenos que deixei".

Pois, sem dúvida, o contentamento espiritual que ainda não passa de esperança, vale cem mil vezes mais do que o temporal que atualmente é uma realidade. Medite o leitor nestas palavras, e julgue depois quanto vale a esperança indubitável, divinamente comunicada, da vida eterna, que dentro em muito pouco tempo se vai gozar.

CAPÍTULO VI

Do segundo fruto da segunda palavra

É outro fruto, da mesma segunda palavra, o conhecimento do poder da graça de Deus e da fraqueza da vontade humana – do qual poderemos aprender que nada há tão proveitoso como ter muita confiança no auxílio de Deus e desconfiar muito das próprias forças. Desejas saber qual é o poder da sua Divina Graça? Põe os olhos no bom ladrão. Tinha ele sido um notável pecador, e neste malíssimo estado tinha permanecido até o suplício da cruz, isto é, pouco menos do que até a morte. E, no perigo iminente de condenação eterna, não havia ao menos uma pessoa que o aconselhasse ou o socorresse, pois, apesar de estar tão próximo do Salvador, contudo, estava ouvindo os pontífices e os fariseus que afirmavam que ele era um revolucionário e um ambicioso, que pretendia assenhorear-se de um reino que não era seu. Estava ouvindo ao outro ladrão, seu companheiro, os mesmos impropérios que ele dirigia a Cristo.

Não havia ninguém que dissesse uma palavra a favor de Cristo, e nem Ele mesmo refutava aquelas blasfêmias e injúrias. Não obstante isto, quando aquele ladrão parecia de todo abandonado para a sua salvação, muito próximo das penas eternas e

o mais distante que era possível da eterna bem-aventurança, instantaneamente iluminado e convertido pela divina graça, confessa que Cristo é inocente e rei da vida futura. E, como pregador, repreende o seu companheiro, exorta-o à penitência e, diante de todos, se encomenda devota e humildemente a Cristo. Finalmente opera-se nele tal mudança que, o que lhe restava de castigo na cruz foi convertido em pena de purgatório, e imediatamente depois da sua morte, entrou no gozo do seu Senhor.

Dessa forma, ficamos sabendo que ninguém deve perder a esperança de se salvar, quando este, que foi trabalhar na vinha quase à duodécima hora, recebeu paga igual a daqueles que foram para o trabalho na hora primeira. Pelo contrário, o outro ladrão, para se provar a fraqueza humana, não se aproveitou nem da tão notável caridade de Cristo, que tão afetuosamente orava pelos seus algozes, nem do seu próprio suplício, nem admoestação e exemplo do seu cúmplice, nem das trevas extraordinárias, nem do fendimento das pedras, nem do exemplo daqueles que, depois de Cristo expirar, se arrependiam.

Tudo isto aconteceu depois do arrependimento do bom ladrão,[1] para ficarmos sabendo que este sem aqueles auxílios pôde converter-se; e, que o outro, com todos eles, ou não pôde ou não quis. Mas, perguntarás tu: Por que inspirou Deus a um a graça da conversão e não a inspirou ao outro? Respondo que a graça suficiente não faltou a nenhum deles e que, se um deles se perdeu, se perdeu por sua culpa; e, que se o outro se converteu, se converteu pela graça de Deus, cooperando, porém, o livre arbítrio. "Mas por que não deu Deus a ambos a graça eficaz, a que nenhum coração resiste apesar da sua dureza?", replicarás tu. Isso é dos segredos de Deus, os quais nós devemos admirar, sem pretendermos in-

1. Cf. Lc 23,41.

quiri-los, bastando-nos saber que Ele não falta à justiça, como diz o Apóstolo[2], e que os seus juízos podem ser ocultos, mas nunca injustos, como diz o Doutor Santo Agostinho[3].

O que mais nos interessa é aprendermos de tais exemplos a não diferirmos a conversação para o fim da vida, pois se a um aconteceu achar a graça de Deus na sua última hora, a outro sucedeu encontrar o seu julgamento. Se alguém ler a história ou observar o que todos os dias está acontecendo, saberá que muito raros têm sido os que felizmente deste mundo partiram, tendo passado toda a sua vida em perdição; e que, pelo contrário, muitos têm sido os que de uma vida tíbia são arrebatados para as penas eternas. Assim como também bem pequeno é o número dos que tendo vivido bem e santamente, tenham acabado mal; e que, pelo contrário, muitos se contam que depois de uma vida santa e piedosa, dela passaram para a bem-aventurança. Demasiada é, sem dúvida, a audácia e cegueira daqueles que, em um objeto de tanta importância, pois é ou da vida eterna ou de eternos suplícios, se atrevem a conservarem-se, mesmo um só dia, em pecado mortal, quando a cada momento pode acontecer que partamos desta vida, depois da qual já não pode haver arrependimento, nem no Inferno redenção nenhuma.

2. Cf. Rm 9,14.

3. *Ep.* 105.

CAPÍTULO VII

Do terceiro fruto da segunda palavra

Um terceiro fruto se poderá colher da mesma palavra do Senhor, advertindo-se que três foram os crucificados no mesmo lugar e na mesma hora: um inocente, Cristo; outro penitente, o bom ladrão; o terceiro obstinado, o mau ladrão. Ou, se antes quiserem assim, que foram três os crucificados ao mesmo tempo: Cristo, sempre e excelentemente santo; um ladrão, sempre e excessivamente mau; outro ladrão, mau numa época da sua vida e santo na outra. Disto podemos entender que não há neste mundo ninguém que possa viver sem cruz, e que inúteis são os esforços dos que confiam, que podem absolutamente fugir dela; e que sensatos são os que aceitam a sua cruz da mão do Senhor e que até o fim da vida a levam, não só com paciência, mas até com gosto.

Que todos os bons têm a sua cruz, se entende das palavras do Senhor "Se alguém quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me" (Mt 16,24). E em outra passagem: "O que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não pode ser meu discípulo" (Lc 14,27). Isto mesmo claramente o diz o Apóstolo: "Todos os que querem viver piamente em Jesus Cris-

to, padecerão perseguição" (2Tm 3,12), com o qual concordam os Santos Padres, gregos e latinos, dos quais por brevidade só citarei dois. Santo Agostinho no Comentário dos Salmos[1] diz: "Esta vida de curta duração é tribulação: se não é tribulação não é peregrinação. Se, porém, é peregrinação, ou pouco amas a pátria, ou sem dúvida te vês em tribulação", e em outra parte:[2] "Se julgas que ainda não sofres tribulações, ainda não começaste a ser cristão". São João Crisóstomo numa homília aos antioquenos,[3] exprime-se assim: "A tribulação é laço indissolúvel da vida do cristão". O mesmo Doutor[4] diz: "Não podes dizer que seja justo quem viver sem tribulação".

Finalmente, a razão prova isto mesmo, de modo que não deixa dúvida: coisas de natureza contrária não podem existir juntas. O fogo e a água, enquanto estão separados, estão em sossego; quando se juntam no mesmo pouto, começa logo a água a lançar vapor, agitar-se, a fazer ruído até que ou se consuma ou o fogo se apague. Contra um mal há um bem, diz o Eclesiástico,[5] e contra a morte a vida. Assim, também, contra o justo há o pecador. Os justos são semelhantes ao fogo; brilham, ardem, tendem para o alto, estão sempre em ação e tudo quanto fazem é sempre com eficácia. Os injustos, pelo contrário, são semelhantes a água: frios, arrastados e fazendo lodo em toda a parte. Que admira pois, que todos os bons sejam perseguidos pelos maus? Até o fim do mundo há de estar o joio misturado com o trigo no mesmo campo, a palha e o grão na mesma eira, os bons peixes e os que

1. *Ad. Psalm.* 137.

2. *Ad. Psalm.* 11.

3. *Hom.* 67 *ad pop.*

4. *Hom.* 29. *in epist. ad. Hebr.*

5. Cf. Eclo 33,15.

não prestam na mesma rede, isto é, os bons e os maus não só no mesmo mundo, mas até na mesma Igreja.

Por isso não podem os bons e santos deixar de sofrer tribulações dos maus e perversos. Mas nem mesmo os maus vivem neste mundo sem cruz, porque, ainda que não sofram perseguição dos bons, sofrem-na de outros como eles, sofrem-na dos próprios vícios, sofrem-na dos remorsos. Mesmo Salomão, sapientíssimo, e que foi reputado o mais feliz dos homens, não pôde deixar de confessar que também tinha a sua cruz, dizendo: "Em tudo achei vaidade e aflição de espírito", e pouco mais abaixo: "E aborreceu-me a vida, ao ver que debaixo do Sol tudo são infortúnios, tudo vaidade e mágoa" (Ecl 2,11). E o Eclesiástico, homem também de muito saber, apresenta a seguinte máxima geral: "Grandes trabalhos foram criados para todos os homens, e pesado é o jugo que oprime os filhos de Adão" (Ecl 40,1). Santo Agostinho, sobre os Salmos diz: "De todas as tribulações não há nenhuma maior que o remorso"[6]. São João Crisóstomo, na homilia de Lázaro[7], diz largamente que os maus não podem passar sem a sua cruz, pois, se é pobre, a pobreza lhe é cruz; se não é pobre é ambicioso, o que é cruz ainda maior; se está doente de cama, está na cruz; se não está doente, é acometido da ira, que também é cruz. São Cipriano demonstra, mesmo do nascer do homem, que ele nasce para a cruz e tribulação, e que naturalmente o prognostica com o seu choro: "Cada um de nós, quando nasce, e é recebido na hospedaria deste mundo, começa a sua vida com lágrimas e, não obstante ser então de uma ignorância absoluta, já no ato do seu nascimento sabe chorar. Por natural providência lamenta as afli-

6. *In Psalm*. 45.

7. *Hom*. 3.

ções e os trabalhos, e logo ao começar a existência protesta, chorando e gemendo, contra os trabalhos do mundo em que entra"[8].

Em vista disto ninguém pode duvidar de que todos, bons e maus, têm a sua cruz. Resta-nos provar, que a dos primeiros é de pequena duração, pouco pesada e frutífera, e que, ao contrário, a dos maus é de grande duração, muito pesada e estéril.

Que a cruz dos bons é de pequena duração, não há dúvida. Não pode prolongar-se além da vida neste mundo, pois, quando os justos estão para morrer, já o espírito está lhes dizendo que vão descansar dos seus trabalhos, e que Deus lhes vai enxugar as suas lágrimas[9]. Que esta vida é curtíssima, apesar de parecer dilatada enquanto vai correndo, claramente o diz a divina Escritura: "Curtos são os dias do homem, o homem nascido da mulher, vivendo pouco tempo. E que é a nossa vida? Um vapor de pequena duração, e que logo desaparece" (Jó 14,1). O Apóstolo, não obstante ter tido uma cruz pesadíssima e por muito tempo, pois foi desde a adolescência até a velhice, diz na Epistola aos Coríntios: "Esta tribulação, momentânea e ligeira, produz em nós de um modo todo maravilhoso, no mais alto grau, um peso eterno de glória"(2Cor 4,17); onde compara a um momento indivisível mais de trinta anos de tribulação, que ele chama leve, tendo passado fome, sede, nudez, bofetadas, contínuas perseguições, tendo sido três vezes varado pelos romanos, cinco vezes flagelado pelos judeus, apedrejado uma vez, e ter três vezes naufragado. Tendo-se finalmente visto em muitos trabalhos, muitas vezes encarcerado, excessivamente espancado e frequentes vezes às portas da morte[10].

---

8. *Serm. de patientia.*

9. Cf. Ap 14,13; 21,4.

10. Cf. 2Cor 11,23- 27.

Que tribulações existirão, então, que possam dizer-se pesadas, se estas com verdades se chamam e são leves? E que me dirá, se eu acrescentar, que a cruz dos justos não só é leve, mas até agradável e aprazível pelo superabundante conforto do Espírito Santo? O mesmo Cristo declara a respeito do seu jugo, que também se pode chamar cruz: "O meu jugo é suave, e o meu peso leve" (Mt 11,30). E em outra parte: "Chorareis e gemereis, e o mundo se há de alegrar; haveis de estar tristes, porém a vossa tristeza se há de converter em gozo" (Jo 16,20). E o Apóstolo: "Cheio estou de consolação, exubero de gozo em toda a nossa tribulação" (2Cor 7,4).

Finalmente, que a cruz dos justos não só é pequena e leve, mas até frutífera, proveitosíssima, e fecundíssima em deliciosíssimos frutos, não se pode negar, pois Nosso Senhor clarissimamente o diz em São Mateus: "Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor de justiça, porque deles é o Reino dos Céus" (Mt 5,10); e o Apóstolo, na sua Epístola aos Romanos, clama: "As penalidades da presente vida não tem proporção alguma com a glória vindoura, que se manifestará em nós" (Rm 8,18). E com ele concorda o seu coApóstolo Pedro: "Folgai de serdes participantes das penalidades de Cristo, para que folgueis também com júbilo na aparição da sua glória" (1Pd 4,13).

Ora, que a cruz dos maus é grandíssima, mortificantíssima e sem proveito nem utilidade nenhuma, muito facilmente se prova. A cruz do mau ladrão com certeza não acabou com esta vida, como a do bom, mas ainda hoje dura no Inferno, e durará por toda a eternidade. O verme dos ímpios não morrerá no Inferno, nem se apagará o fogo que os devora.[11] A cruz do rico avarento, isto é, a sede de amontoar riquezas que o Senhor de for-

11. Cf. Is 66,24.

ma muito propícia comparou com os espinhos, que não podem tocar-se, nem ter-se na mão sem machucarem[12], não terminou com a morte, como a do mendigo Lázaro. Mas, acompanhando-o ao Inferno, com ele dura eternamente, atormentando-o, e obrigando-o a dizer: "Quem me dera uma gota d'água, para refrigerar a minha língua neste fogo que me abrasa!".

Assim, a cruz dos maus não há de ter fim, e o peso e mortificação que ela causa neste mundo, certificam-no as vozes daqueles em cujas bocas o livro da Sapiência põem estes queixumes: "Cansamo-nos no caminho da iniquidade e da perdição, e andamos maus caminhos" (Sb 5,7). Pois então? Não são maus caminhos a ambição, a avareza, a luxúria? Não são maus caminhos as consequências, que nascem destes vícios, as traições, as injúrias, as difamações, os ferimentos, os homicídios? São, sem dúvida, estes vícios e os seus resultados, que não raras vezes levam o homem a suicidar-se desesperado, e a fazer cair sobre seus ombros uma cruz mais pesada, pretendendo livrar-se de uma que já o oprimia.

Qual é, porém, a utilidade da cruz dos maus? Que vantagem tiram eles dela? Nenhuma, certamente, porque nem os espinhos produzem uvas, nem figos os abrolhos. O jugo do Senhor produz a tranquilidade. Ele mesmo o diz: "Tomai sobre vós o meu jugo, e achareis descanso para as vossas almas" (Mt 11,29). Que pode produzir, senão, cuidados e aflições o jugo do diabo, que é contrário ao jugo de Cristo? De todas as provas, a mais pesada é que a cruz de Cristo é degrau para se subir a eterna felicidade: "Era necessário que o Cristo sofresse tais coisas, para entrar na sua glória" (Lc 24,26); e que a cruz do diabo é o degrau para descer aos eternos suplícios, pois no dia do Juízo dirá o Senhor: "Ide para o

12. Cf. Lc 16,24.

fogo eterno, que está preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41).

Por isso, os que são sensatos não busquem descer da sua cruz se nela estão crucificados com Cristo. Não façam, como loucamente fez o mau ladrão, mas antes, seguindo o exemplo do bom, gostosamente se apeguem ao lado de Cristo, e peçam a Deus paciência para poderem suportá-la, e não que Ele os livre dela. Pois, sofrendo juntamente com Cristo, com Ele também terão parte na sua glória, como diz o Apóstolo: "Se com Ele padecemos, com Ele seremos glorificados" (Rm 8,17). Os que estão sendo vítimas da cruz do diabo, se não querem ser néscios, tratem de trocá-la sem perda de tempo: deixem, se não são cegos de todo, cinco cangas de bois pelo jugo de Cristo.

As cinco cangas de bois nada mais parecem significar do que os trabalhos e penas a que os homens se sujeitam, tornando-se escravos dos cinco sentidos corporais, e trocam-se por um jugo suave e leve de Cristo. As cinco cangas de bois, empregando o homem os trabalhos que sofria, pecando em exercícios de penitência, ajudado de Deus. Feliz a alma que sabe mortificar os vícios e a concupiscência da sua carne, e que se acostuma a exercer a caridade, fazendo esmolas com o dinheiro que gastava em satisfazer os seus apetites, e que emprega as horas que – escravizado da incomodantíssima ambição – perdia em acompanhar e visitar os grandes do mundo, na oração ou na leitura devota, se esforçando por ganhar a graça de Deus e dos príncipes da Corte do Céu. Pois assim se troca a cruz do mau ladrão pela cruz de Cristo, isto é, a cruz pesada e estéril pela cruz leve e frutífera.

Sem dúvida é avisado o modo por que um soldado honrado se dirigia a um seu camarada, falando-lhe a respeito da troca da

cruz; e se lê em Santo Agostinho:[13] "Não me dirá onde nós pretendemos chegar à custa de todos estes nossos trabalhos? Que ambicionamos nós? Por que motivo militamos? Que maior esperança podemos ter no Palácio além de sermos amigos do Imperador? E a que acidentes e perigos não andam expostos os cortezões? E por quais perigos não se caminha para um perigo maior? E, suponhamos, mesmo que cheguemos a ser áulicos, quando o chegaremos a ser? Ora, se eu quiser ser amigo de Deus, sou-o desde este instante". Assim discorria, quem prudentissimamente julgou, que muito mais útil era, sem comparação, trocar trabalhos pesadíssimos – e por muito tempo – e muitas vezes sem resultado nenhum, para conseguir a graça do Imperador, pelos mais suaves, menos duradouros e, sem dúvida, mais proveitosos para alcançar a amizade de Deus. Foi o que fizeram aqueles felizes soldados, pois deixando a milícia do século, dedicaram-se ao serviço de Deus e duplicou-lhes o seu contentamento a resolução das suas desposadas, que muito gostosamente, depois de saberem a deliberação que eles tomaram, consagraram a Deus a sua virgindade.

13. *Lib.* 8. *Confess.* e. 6.

CAPÍTULO VIII

Explica-se literalmente a terceira palavra "Eis aí a tua mãe; eis aí o teu filho"

A última sentença das três, que particularmente dizem respeito à caridade do próximo, foi aquela "Eis aí a tua mãe, eis aí o teu filho". Antes, porém, de tratarmos delas, temos de explicar as palavras do evangelista que as precedem. Diz São João: "Estavam junto da cruz de Jesus sua Mãe, e a irmã de sua Mãe, Maria mulher de Cleofas e Maria Madalena. E vendo Jesus sua Mãe, que estava em pé, e o seu discípulo predileto, diz para sua Mãe: 'Eis aí o teu filho'; e depois diz para o discípulo: 'Eis aí tua Mãe'. E desde aquela hora o discípulo a tomou naquela conta".

Das três mulheres, que em grupo estavam junto da cruz do Senhor, duas são conhecidíssimas, Maria, sua Mãe, e Maria Madalena. A respeito de quem fosse Maria, mulher de Cleofas, não há certeza. Geralmente, porém, se diz que era irmã germana da bem-aventurada Virgem, Mãe de Deus, filha de Ana, sua Mãe, que, dizem, também tivera uma terceira filha, chamada Maria Salomé. Porém esta opinião não se pode admitir de modo nenhum, porque nem é crível que três irmãs tivessem o mesmo

nome, e tem fundamento o juízo de eruditos e pios, que dizem que Santa Ana nenhuma filha mais tivera além da Virgem Maria; nem nos Evangelhos se faz menção de alguma Maria Salomé. Na passagem de São Marcos[1] *Maria Magdalene, et Maria Jacobi et Salome emerunt aromata* Salomé não é genitivo para significar *Maria de Salomé*, como pouco atrás aquele evangelista disse *Maria, mãe de Tiago*, mas é nominativo, do gênero feminino, como bem se vê do texto grego. Por fim, Salomé era mulher de Zebedeu e mãe de Tiago e João, Apóstolos, como se pode entender de São Mateus, cap. 27, e de São Marcos, cap. 15, assim como Maria de Tiago ou de Cleofas era mulher de Cleofas e mãe de Tiago menor, ou Tadeu. Por isto a verdadeira opinião é que Maria de Cleofas foi chamada irmã da Virgem, mãe de Deus, porque Cleofas era irmão de São José, esposo da Virgem Maria, pois as esposas de dois irmãos bem se podem entre si chamar irmãs. Pela mesma razão, também Tiago menor foi chamado irmão do Senhor, sendo primo, porque era filho de Cleofas, irmão de São José. Assim o diz Eusébio de Cesaréia na *História Eclesiástica*,[2] apoiando-se no verídico escritor Hegésipo, que foi contemporâneo dos Apóstolos, e confirma Santo Agostinho no seu livro contra Helvídio.

Deve também resolver-se aqui outra questão literal, que consiste em dizer São João que estas três mulheres estiveram junto da cruz de Cristo, dizendo São Marcos no cap. 15, e São Lucas no 23, que elas estiveram longe. Santo Agostinho, no livro 3º da *Concordância dos Evangelistas* harmoniza estas afirmativas, dizendo, que destas santas mulheres se pode afirmar que estiveram longe da cruz, e que dela estiveram próximas: longe em relação aos soldados e oficiais de justiça, que tão perto estavam da cruz que a tocavam; perto, porque podiam ouvir as palavras de Cristo

1. *In* Mc 16,1.

2. *Lib. 2, cap. 1, e lib. 9, cap. 11.*

pela distância em que se achavam, as quais já não podiam ser ouvidas pelas turbas que estavam a muita distância da cruz. Poderia também dizer-se que aquelas santas mulheres, enquanto se fez a crucifixão, estiveram muito distantes, porque não as deixaram aproximar-se nem a turba, nem os soldados. Mas, pouco depois dela, e tendo-se já retirado muita gente, elas com São João se chegaram para junto da cruz.

Por esta questão, assim resolvida, se resolve outra: como puderam a Santa Virgem e São João tomar, como ditas a si, as palavras de Cristo *Este é o teu filho; esta é a tua mãe*, estando ali grande multidão de povo e não tendo Cristo proferido nem o nome da Virgem nem o do discípulo? Pois a ela respondemos, que aquelas três mulheres e São João tão perto estiveram da cruz, que facilmente podia o Senhor indicar com os olhos as pessoas a quem se dirigia, principalmente sendo certo que falava aos seus e não a estranhos, e, que no número daqueles, nenhum outro homem se achava, sendo São João, a quem se pudesse dizer *Esta é tua mãe*; e nenhuma outra mulher, a quem a morte privasse de seu filho senão a Virgem Mãe. Disse, pois, à Mãe: "Eis aí o teu filho", e ao discípulo: "Eis aí tua mãe". Sendo o sentido destas palavras: "Eu estou a passar deste mundo para ir para meu Pai. E porque sei que tu, minha Mãe, és órfã, e já não tens marido, nem tens irmãos, nem irmãs, te recomendo ao meu caríssimo discípulo João, para não te deixar abandonada de todo o auxílio dos homens; tê-lo-ás na conta de filho, e ele te tratará como sua mãe".

Foi este saudável conselho, ou preceito de Cristo, muito do agrado de ambos e ambos concordaram, como é crivei, inclinando a cabeça. E de si diz São João: "E desde aquela hora o discípulo a aceitou como pessoa da sua família"; isto é, logo lhe obedeceu, e a contou no número das pessoas por quem devia desveladamente olhar, como eram seus pais, já velhos, Zebedeu e Salomé.

Ocorre, porém, neste lugar uma nova questão de sentido literal, pois São João era um daqueles que tinha dito: "Eis aqui estamos nós, que deixamos tudo, e te seguimos: que haverá então para nós?" (Mt 19,27), e entre o que tinham deixado, o mesmo Senhor enumera pai, mãe, irmãos, irmãs, casa e fazenda. E deste mesmo São João, e de seu irmão São Tiago, São Mateus escreveu: "E eles no mesmo ponto, deixadas as redes, o seguiram" (Mt 4,20). Como é então que, quem tinha deixado uma mãe, toma outra? A isto facilmente se responde. Os Apóstolos, para seguirem Cristo, deixaram seus pais e suas mães sozinhos, como se eles fossem um estorvo para pregarem o Evangelho, e só porque de os não deixarem, lhes provinha comodidade ou gozo, não espiritual; mas não deixaram de cumprir os deveres de justiça, a que estavam obrigados para com seus pais ou filhos, quanto à educação ou socorros de que precisassem[3]. Motivo pelo qual, como dizem os Doutores, não pode entrar em religião um filho, cujo pai seja tão velho, ou tão pobre, que não possa prescindir do seu ânimo. Deixou, pois, São João seu pai e sua mãe, quando eles não precisavam dele, e encarregou-se do cuidado e amparo da Virgem Mãe por determinação de Cristo, para ela não ficar sem ânimo nenhum.

Podia Deus, sem dúvida, por ministério dos anjos, e sem nenhum dos homens, subministrar a sua Mãe o que para a conservação da sua vida lhe fosse necessário, pois, também a Cristo, os anjos serviam alimento no deserto[4]. Quis, porém, que o fizesse São João, para não só providenciar a respeito da Virgem, mas também para honrá-lo e ajudá-lo. Para a casa da viúva, Deus mandou Elias, para ela o sustentar. Não por Ele não poder fazê-lo por meio de corvos, como já tinha feito, mas para abençoar a viú-

3. *St. Thom.* 2. 2. q. 189. *art.* 6.

4. Cf. Mt 4, 11.

va, como advertiu Santo Agostinho[5]. Assim também foi da vontade do Senhor incumbir o seu discípulo de cuidar de sua Mãe, para com isto lhe fazer a maior mercê, e lhe mostrar que, na verdade, ele era o seu predileto[6]. Certamente naquela mudança de Mãe se realizou "O que deixar seu pai ou sua mãe, etc., receberá centuplicado, e possuirá a vida eterna", pois centuplicado recebeu o que deixou uma mãe, mulher de um pescador, e recebeu por mãe a Mãe do Criador, a Senhora do mundo, cheia de graça, bendita entre as mulheres, e, que pouco depois havia de ser exaltada sobre os coros dos anjos no Reino dos Céus.

5. *Ser. 26 de verb. Domini.*

6. Cf. Mt 19,29.

CAPÍTULO IX

Do primeiro fruto da terceira palavra

Desta terceira palavra muitos frutos pode colher quem atentamente a ponderar. O primeiro será o conhecimento do infinito desejo que Cristo teve de padecer para nos salvar, a fim de que a redenção fosse plenissima e copiosíssima. Enquanto os outros homens providenciam que na sua morte, e principalmente na morte violenta, desonrosa e infamante, os seus parentes não assistam, para que não tenham de sentir dobrado sofrimento e tristeza, por estarem presentes, Cristo, não satisfeito com o próprio sofrimento atrocíssimo, cheio de dores e de desonra, quis, além disso, que sua própria Mãe, e seu amado discípulo assistissem, e em pé permanecessem junto da cruz, para que a dor da compaixão de pessoas que lhe eram caras lhe duplicasse o sofrimento.

Estava Cristo na Cruz, e o seu sangue corria, em grande abundância, como de quatro fontes. Quis que junto d'Ele estivessem sua Mãe, o seu discípulo, e também Maria, irmã de sua Mãe, e Madalena, as quais, além de outras santas mulheres, lhe consagravam a mais extremosa afeição, para que delas rebentassem

quatro fontes de lágrimas, a fim de que Ele quase não padecesse maior tormento do sangue que derramava, do que da grande chuva de lágrimas, que a pena dos que lhe assistiam exprimia dos seus corações. Parece-me que estou ouvindo Cristo a dizer: "Cercaram-me as vagas da morte[1], mas não menos me rasga o coração a espada que Simeão profetizou, a qual traspassou com uma dor incrível a alma da minha inocentíssima Mãe. Assim separas, cruel morte, não só a alma do corpo, mas também uma Mãe, e uma tal mãe, de um filho, e de um tal filho?!"

Foi este o motivo porque o amor lhe não deixou dizer *Minha Mãe*, mas sim *Mulher, eis aí o teu filho*. De tal modo amou Deus os homens, que para sua redenção sacrificou o seu Filho unigênito, e de tal modo seu Filho unigênito amou seu Pai, que para sua honorificação derramou em abundância o seu próprio sangue. E não satisfeito com os tormentos de que padecia, lhes acrescentou a dor da compaixão, para que a satisfação dos pecados fosse copiosíssima. Por isso, o Pai e o Filho recomendam-nos por uma razão, e modo inefável, a sua caridade para nós não perdermos e conseguirmos a vida eterna. E, apesar disso, o coração humano ainda resiste a tamanha caridade, e antes quer expor-se a ira do Onipotente, do que saborear a doçura da sua misericórdia e ceder à caridade do amor divino.

Não podemos, sem dúvida, ser mais ingratos nem deixar de merecer todos os suplícios, pois, amando-nos Cristo tanto, que quis por nós padecer muito mais do que seria necessário. E, quando para a nossa redenção bastaria apenas uma gota do seu sangue, Ele quis derramá-lo todo e sofrer tormentos inumeráveis. Nós, nem por seu amor, nem para a nossa salvação, queremos sofrer o bastante para a conseguirmos. A causa deste desmazelo e

1. Cf. Sl 17,5.

loucura tão grandes não é outra, senão não considerarmos séria e atentamente, como devemos, na Paixão e amor de Cristo. Além disso, não escolhermos ocasiões e lugares acomodados para objeto de tanta importância, pois em pouco tempo e rapidamente, lemos ou ouvimos ler a sua Paixão. Por isso, o santo Profeta nos exorta: "Atendei e vede se há dor igual a minha dor" (Lm 1,12); e o Apóstolo: "Considerai, pois, atentamente Aquele que sofreu tal contradição dos pecadores contra a sua pessoa, para que não vos fatigueis, desfalecendo em vossos ânimos" (Hb 12,3).

Chegará, porém, o tempo em que nos arrependamos em vão desta nossa tão grande ingratidão para com Deus, e desmazelo da nossa salvação. Muitos são, pois, os que no último dia mostrarão arrependimento, e dirão, quando angustiados: "Erramos, não há dúvida. E não brilhou para nós o Sol da Justiça" (Sb 5,6). Nem dirão assim pela primeira vez naquele dia, mas mesmo antes do dia do Juízo, logo que a morte lhes fechar os olhos do corpo, se lhes abrirão os da alma, e então verão o que não quiseram ver enquanto era tempo.

CAPÍTULO X

Do segundo fruto da terceira palavra

O segundo fruto desta terceira palavra colhe-se do mistério das três mulheres que estavam junto da cruz do Senhor, pois Maria Madalena representa os penitentes e os que começam a sê-lo; Maria de Cleofas, os proficientes; Maria, Mãe de Cristo e Virgem, os perfeitos e com ela podemos também reunir São João, virgem, e que dentro em pouco tempo havia de ser perfeito, se ainda não o era. São aqueles os únicos que se acham junto da cruz do Senhor, porque os que vivem em pecado e não tratam de fazer penitência, afastam-se da cruz que é a escada do Céu. Além disso, todos os que estão junto da cruz têm motivo para lá estarem, pois precisam do auxílio do Crucificado.

Os penitentes ou incipientes estão em guerra aberta com os vícios e apetites desordenados, e muito precisam do auxílio de Cristo, nosso General, para se animarem a combater, vendo-o a lutar contra o dragão e não querendo descer da Cruz, sem dela obter completo triunfo. Assim o diz o Apóstolo na sua Epístola aos Colossenses: "Despojou os principados e potestades, e os trouxe confiadamente triunfando publicamente deles em si mes-

mo" (Cl 2,14s); e pouco antes: "Encravando na cruz a cédula do decreto que havia contra nós".

Os proficientes, representados por Maria de Cleofas, casada e mãe de filhos que eram tidos em conta de irmãos do Senhor, precisam também do auxílio da cruz, para que os cuidados e inquietações deste mundo, em que necessariamente se acham envolvidos, não lhes afoguem a boa semente, nem deixem de pescar, trabalhando toda a noite. Devem, por isso, aproveitar e pôr os olhos em Cristo crucificado, que não satisfeito com as boas obras, muitas e grandes que já tinha praticado, quis, por meio da cruz, avançar a mais e não descer dela senão depois de vencido e derrotado o inimigo. Pois não há nada que prejudique mais aos que querem aproveitar no caminho da virtude do que cansarem nele e pararem, porque neste caminho não progredir é andar para trás, como bem diz São Bernardo[1], escrevendo a Garino, e pondo-lhe para exemplo a Escada de Jacó, na qual todos sobem ou descem e ninguém está parado.

Finalmente, até mesmos os perfeitos, que vivem no estado de solteiros, e principalmente se são virgens, como eram a Virgem Mãe de Cristo e o discípulo São João, por este motivo mais amado que os outros, até estes, digo, muito carecem da proteção do Crucificado, pois os que estão em posição mais elevada devem ter muito receio do vento da soberba, se não estiverem bem animados e enraizados em profundíssima humildade. Cristo, não obstante ter-se apresentado sempre o mestre da humildade, como quando disse: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29), e quando de outra vez disse: "Toma o último lugar" (Lc 14,10; Mt 11,29), e tantas vezes repetiu: "Todo o que se exalta será humilhado; e todo o que se humilha será exal-

1. Cf. *Ep.* 253.

tado" (Lc 18,14); contudo, nunca se mostrou maior mestre da humildade do que na cadeira da cruz. O que o Apóstolo declarou, dizendo: "Humilhou-se a si mesmo, feito obediente até a morte e morte da cruz" (Fl 2,8). Que maior humildade, portanto, pode imaginar-se do que deixar-se prender e crucificar, quem é Onipotente, e, consentir, quem tem em si encerrados todos os tesouros da sabedoria e da ciência de Deus[2], em ser reputado louco por Herodes e pelos seus soldados, e em ser zombado, vestido com uma vestimenta branca, e permitir quem se senta acima dos querubins[3] ser crucificado entre ladrões? Certamente não terá docilidade nenhuma quem, depois de se ver com atenção no espelho da cruz, não conhecer e não confessar que está ainda muito longe da verdadeira humildade, por muitos que sejam os progressos que nela tenha feito.

2. Cf. Cl 2,3.

3. Cf. Sl 98,1.

CAPÍTULO XI

Do terceiro fruto da terceira palavra

Em terceiro lugar, aprendemos da cadeira da cruz e das palavras de Cristo dirigidas à Mãe e ao discípulo, as quais são as obrigações dos bons pais para com seus filhos e os deveres dos bons filhos para com seus pais. Comecemos por aquelas.

Devem os bons pais amar seus filhos; de modo, porém, que este amor não se oponha ao amor de Deus. É por isso que o Senhor diz no Evangelho: "Quem ama seu filho ou filha mais do que a mim, não é digno de mim" (Mt 10,37). A isso cumpriu com todo o rigor possível a bem-aventurada Virgem, pois estava junto da cruz, sofrendo a maior dor com a maior constância. Aquela dor era a prova do sumo amor a seu Filho, pendente da cruz; aquela constância assegurava a sua muito submissa obediência a Deus. Doía-se de que seu Filho inocente, que afetuosissimamente amava, fosse atormentado de crudelíssimas dores, mas nem por isso a elas impediria por palavras ou por obras, ainda que pudesse, porque sabia que Ele padecia aqueles martírios por determinação e presciência de Deus Padre[1].

1. Cf. At 2,23.

O amor é a medida da dor. Por isso, Maria sofria muito vendo seu Filho em tamanhos tormentos; porque o amava muito. E como não amaria extremamente seu Filho a Virgem Mãe, sabendo como ninguém sabia que aquele Filho se avantajava em todos os predicados a todos os filhos dos homens, e que lhe pertencia mais do que a suas mães pertencem quaisquer outros filhos? Por dois motivos as mulheres amam seus filhos: por tê-los gerado e por eles sobressaírem em merecimento por alguma excelente qualidade, pois não sendo assim, não faltam mães que, ou pouco amor tenham a seus filhos e que até os aborreçam, ou por serem muito feios, ou por serem maus, desobedientes e ingratos a seus pais.

Por ambos aqueles motivos a Virgem Mãe amava seu Filho mais do que nenhuma outra mãe. Primeiramente, porque as outras mulheres não geram os seus filhos sem cooperação de marido; a Virgem bem-aventurada na geração do seu, não teve cooperador, pois Virgem gerou e Virgem pariu. E, assim como Cristo Senhor, na geração divina, teve Pai sem ter Mãe, do mesmo modo na geração humana, teve Mãe sem ter Pai; e, ainda que com verdade se diga, que Cristo foi concebido do Espírito Santo, contudo o Espírito Santo não é Pai de Cristo, mas o formador do corpo de Cristo; nem o Espírito Santo formou da sua própria substância o corpo de Cristo, o que propriamente pertence ao Pai, mas formou-o das puríssimas entranhas da mesma Virgem.

Em verdade, portanto, a Virgem Santíssima, por si só e sem cooperação do pai, gerou seu Filho, e por isso mesmo ela podia reclamá-lo, porque só a ela pertencia. E assim mais o amava, do que outra alguma mãe amou seus filhos.

Quanto ao outro motivo, o Filho da nossa Virgem não só foi – e é – o mais formoso que todos os filhos dos homens[2], mas

2. Cf. Sl 44,3.

leva vantagem em todos os predicados aos homens e aos anjos. Assim, a Virgem bem-aventurada, que amou seu Filho como nenhuma outra mãe ama os seus, também sentiu mais que todas os seus sofrimentos e morte. E é isto tão verdade, que São Bernardo em um sermão[3], não duvida afirmar que a angústia da bem-aventurada Virgem na Paixão de seu Filho se pode chamar martírio do coração, segundo o que Simeão tinha profetizado: "E a tua mesma alma será traspassada de uma espada de dor" (Lc 2,35); e, porque o martírio do espírito parece ser mais doloroso do que o do corpo, Santo Anselmo no seu livro das excelências da Virgem[4], diz que a sua pena fora mais atormentadora do que de qualquer martírio corporal.

Nosso Senhor, quando orava no horto de Getsêmani, sofria sem dúvida o tormento do espírito, meditando atentamente em todas as dores e martírios que havia de sofrer no dia seguinte, e, largando de certo modo as rédeas à tristeza e ao pavor, em tal aflição se viu que de todo o corpo derramou suor de sangue, coisa que não se lê que lhe acontecesse nos tormentos de que seu corpo foi vítima. Assim, a Virgem Santíssima sofreu indubitavelmente daquela espada de dor que lhe traspassou a alma, uma dor intensíssima e acerbíssimo tormento; e, não obstante, porque preferia a honra e glória de Deus aos martírios de seu Filho, estava junto da cruz, cheia de resignação e tranquila, vendo-o nas torturas do patíbulo.

Não caiu desfalecida, e quase morta, como alguns imaginam; não arrancou o cabelo; não fez o pranto que as mulheres costumam fazer. Mas suportou com a firmeza com que devia a execução dos decretos de Deus. Amava muito seu Filho, mas

---

3. *Serm. in illud., Signum magnum.*

4. Cap. 5.

aquele amor era subordinado a honra do Pai e a salvação do mundo. E estas duas circunstâncias eram também mais pesadas para o Filho, do que os tormentos que tinha de sofrer. Além disto, a fé em que a Virgem nunca vacilou, de que seu Filho havia de ressuscitar no terceiro dia, dava força à sua grande constância, para não precisar de consolação de ninguém, pois sabia que a morte de seu Filho havia de ser como um sono curtíssimo, segundo dissera o Profeta: "Adormeci e dormi; e acordei, porque o Senhor foi comigo" (Sl 3,6).

O exemplo da Virgem, todos os fiéis deviam imitar para amarem seus filhos, sem preferirem o amor que lhes tenham ao amor de Deus, que é Pai de todos, e que os ama muito mais e melhor, do que nós sabemos amá-los. Os cristãos devem amar seus filhos com amor discreto e prudente, não sendo indulgentes com eles, quando eles faltam aos seus deveres, mas educando-os no temor de Deus, repreendendo-os e castigando-os, quando O ofenderem, ou não cumprirem as suas obrigações literárias. É esta a vontade de Deus, a qual Ele declarou nas Santas Escrituras, pois diz o Eclesiástico: "Educa teus filhos, e faze-os dóceis desde tenra idade" (Eclo 7,25); e de Tobias se lê que educou seu filho desde a infância no temor de Deus e na abstenção de todo o pecado;[5] e o Apóstolo[6] exorta os pais a não provocarem nos seus filhos a indignação, para se não tornarem pusilânimes, recomendando-lhes que os eduquem em disciplina e correção do Senhor, isto é, que os tratem como filhos, e não como escravos. Os pais que são demasiadamente austeros com seus filhos, e que os estão sempre repreendendo e castigando por qualquer falta, mesmo das mais desculpáveis, tratam-nos como escravos, e não como filhos, e fazem que eles se tornem tímidos e lhes fujam. Os exces-

5. Cf. Tb 1,10.

6. Cf. Cl 3,21; Ef 6,4.

sivamente indulgentes tornam os filhos viciosos e criam-nos não para o Reino dos Céus, mas sim para o fogo do Inferno.

A boa educação dos filhos consiste em instruí-los a respeito da obediência, que eles devem a seus pais e mestres, e em os castigar paternalmente, quando eles delinquirem, para que saibam que seus pais os castigam por amizade, e não por cólera. Se Deus der a algum a vocação de se ordenar, ou fazer-se frade, não lhe impeça o pai esta vocação para que não pareça que quer contrariar a vontade de Deus, que é pai mais respeitável, mas diga com Santo Jó: "O Senhor o deu, o Senhor o levou: bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1,1). Finalmente, se morte prematura levar os filhos, como aconteceu principalmente a bem-aventuradíssima Virgem, considere seus pais nos juízos de Deus, que muitas vezes chama para si alguns, para que a malícia não lhes perverta o seu bom natural e para os livrar da eterna condenação[7].

Certamente se os pais algumas vezes soubessem o fim com que Deus assim faz, não só não chorariam, mas teriam muito contentamento; e se a fé na ressurreição velasse tanto em nós, como na Santíssima Virgem, não teríamos mais sentimentos por alguém cujos dias terminem antes da velhice do que temos por quem comece a dormir antes de anoitecer. Pois a morte do fiel é um sono, como diz o Apóstolo na sua primeira epístola aos de Tessalônica: "Não queremos, irmãos, que vós ignoreis coisa alguma acerca dos que dormem, para que vos não entristeçais como os outros que não tem esperança" (1Ts 4,12). Menciona primeiramente a esperança do que a fé, porque não se refere a qualquer ressurreição, mas sim a feliz e gloriosa, que é a vida eterna, como foi a ressurreição de Cristo, pois, quem firmemente crê na ressurreição da carne, e tem a esperança de que seu filho, arrebatado

7. Cf. Sb 4,11.

por morte prematura, há de ressuscitar gloriosamente, não tem motivo nenhum para se entristecer, mas sim para se alegrar, pela certeza que tem da sua salvação.

Vou agora tratar dos deveres dos filhos para com seus pais, deveres que Cristo cumpriu sobejamente. Tem os filhos obrigação de retribuírem a seus pais, como ensina o Apóstolo;[8] e cumprem-na se proverem o necessário a seus pais já velhos, assim como seus pais lhes fizeram quando eles, ainda pequenos, não podiam granjear nem alimento nem vestido. Por isso Cristo, vendo que sua Mãe ia entrando na idade, e que não tinha ninguém que cuidasse dela depois que Ele morresse, encarregou-a a São João para tratá-la como Mãe, dizendo à Virgem: "Eis aí o teu filho", e ao Discípulo: "Eis aí tua Mãe".

Cumpriu o Senhor perfeitamente para com sua Mãe as obrigações de filho por muitos modos: primeiramente nomeando, para ficar em lugar do filho de sua Mãe, São João, que era da mesma idade de Cristo, ou antes mais novo um ano, e por este motivo, em muito boas condições para amparar a Mãe do Senhor. Em segundo lugar, designando dentre os seus doze discípulos aquele que mais amava, e de quem sabia que era correspondido, podendo, assim, confiar que ele desempenharia com pontualidade e desvelo o encargo de cuidar de sua mãe. Além disso, nomeou aquele que sabia que havia de chegar à idade muito avançada, e que por isto lhe havia de sobreviver. Finalmente, não deixou Cristo de cumprir os seus deveres para com sua Mãe, posto que fosse obrigado a fazê-lo em ocasião tão pouco própria, porque estava sofrendo tais dores em todo o corpo, e recebendo tais injúrias dos seus inimigos, e quase esgotando o amargosíssimo cálice da morte, que parecia que não poderia prestar atenção a mais nada.

8. Cf. 1Tm 5,4

Apesar, porém, de tudo isto, o amor a sua Mãe foi superior e, não se importando de si, só tratou de lhe procurar consolação e ânimo. E não se enganou na confiança que pôs na boa vontade e desvelo de São João, pois desde aquela hora ele se encarregou da Virgem como de pessoa que lhe pertencesse[9].

O cuidado que Cristo teve de sua Mãe, com maior razão o devem ter de seus pais os outros filhos, porque Cristo não lhe devia tanto como os outros homens devem aos seus progenitores. Os outros devem-lhes tantas obrigações, que nunca lhas podem pagar, pois lhes devem a vida, que não pode ser recompensada.

Lembra-te, diz o Eclesiástico, de que, se não fossem eles nunca virias ao mundo.[10] Cristo e só Cristo, é exceção desta regra, pois da Virgem, sua Mãe, recebeu uma vida, a humana, mas deu-lhe três vidas: a humana, quando a criou com o Padre e Espírito Santo; a da graça quando, antecipando-a nas bênçãos de doçura, a criou santificando-a, e a santificou, criando-a; e a vida da glória, quando a criou para a glória eterna, e exaltou sobre os coros dos anjos. Pelo que, se Cristo que a sua bem-aventurada Mãe deu mais do que a vida, que dela recebeu, nascendo, quis cumprir a lei, retribuindo-lhe como filho, quanto maior não é a obrigação que os outros homens têm de retribuírem a seus pais? A isto, acresce que, ainda que nós, honrando os nossos pais, nada mais fazemos do que cumprir uma obrigação, contudo a benignidade de Deus nos promete prêmio, dizendo-nos na Lei: "Honra teus pais, para viveres largo tempo sobre a Terra" (Ex 20,12). E pelo Eclesiástico o Espírito Santo acrescentou: "Quem honrar seus pais, terá alegria em seus filhos, e será ouvido no dia da sua oração" (Eclo 3,6). Nem somente Deus prometeu prêmio aos filhos

9. Cf. Jo 19,26s.

10 Cf. Eclo 7,29s.

que honrarem seus pais, também impôs pena a quem assim não fizer, pois diz o Senhor: "Deus diz: 'O que desatender seu pai, ou sua mãe, morra irremissivelmente'" (Mt 15,4); e o Eclesiástico acrescenta: "O que fizer irar sua mãe, seja maldito de Deus" (Eclo 3,18). Disto aprendemos que a maldição dos pais tem uma grande força, porque Deus a confirma.

Não poucos são os exemplos que a história nos apresenta em prova do que digo. E um bem notável conta Santo Agostinho no livro da *Cidade de Deus*. Em suma é assim: em Cesareia da Capadócia dez filhos, sete meninos e três meninas, amaldiçoados por sua mãe, foram imediatamente castigados por Deus com um tremor horrível de todos os membros, e, não podendo suportar as vistas de seus concidadãos, por se verem neste terribilíssimo estado, andavam vagabundeando por quase todo o orbe romano, cada um por onde lhe parecia. Dois deles foram finalmente curados na presença de Santo Agostinho pelas relíquias de Santo Estevão, Protomártir[11].

11. *Lib.* 22, cap. 8.

CAPÍTULO XII

Do quarto fruto da terceira palavra

O encargo e jugo imposto por Deus a São João de tomar a seu cuidado a Virgem Mãe foi certamente encargo suave e jugo leve. Quem, então, não conviveria de boa vontade com aquela Mãe, que em seu ventre trouxe nove meses o Verbo Encarnado, e que com Ele conviveu trinta anos inteiros com a maior dedicação e afeto? Quem não terá inveja ao predileto do Senhor, que na falta do Filho de Deus mereceu a companhia da Mãe de Deus? Mas, se não me engano, também podemos nós com as nossas súplicas alcançar da benignidade do Verbo, por amor de nós encarnado, e do extremoso amor de quem pelo mesmo motivo se sujeitou ao tormento da cruz, que Ele também nos diga: "Eis aí a vossa Mãe"; e a sua Mãe diga: "Eis aí os teus filhos".

O piedoso Senhor não é avarento de graças, contanto que nós, com fé e confiança - e com o coração sincero, nos aproximemos do seu trono de misericórdia. Quem quis que nós fôssemos coerdeiros do Reino de seu Pai, não se recusará certamente a querer que sejamos coerdeiros do amor de sua Mãe. E nem a mesma Virgem Benigníssima se aborrecerá com a multidão de

seus filhos, pois tem um vasto colo e muito desejo de que se não perca nenhum dos que seu Filho livrou das penas do Inferno com tão precioso sangue e com tão preciosa morte. Recorramos, portanto, confiadamente ao Trono da graça de Cristo, e peçamos-lhe com orações e lágrimas que a respeito de cada um de nós diga a sua Mãe: "Eis aí o teu filho", e a respeito de sua Mãe a cada um de nós diga: "Eis aí tua Mãe".

Quão bem não estaremos nós com a proteção de tal Mãe! Quem se atreverá a arrancar-nos do seu colo?! Que tentação, que tributação haverá que possa vencer a nossa confiança na Mãe de Deus e nossa Mãe?! Nem nós seremos os primeiros, que consigamos tamanho benefício. Muitos nos precederam já; muitos, torno a dizer, têm recorrido ao especial e maternalíssimo patrocínio de tão poderosa Virgem e ainda nenhum voltou envergonhado ou triste, mas todos alegres e contentes e guardados na intercessão de uma Mãe que tanto pode, esperam naquela de quem está escrito: "Ela esmagará a tua cabeça" (Gn 3,15), que também eles hão de impunemente passear sobre a serpente e basilisco, e hão de pisar o leão e o dragão (Sl 90,13). Ouçamos dentre muitos, alguns, porém, especialmente aqueles que certificam que na proteção da Virgem depositavam singular confiança. Para se poder acreditar que eles são do tipo daqueles a quem o Senhor tenha dito: "Eis aí tua Mãe", e de quem sua Mãe tinha dito: "Eis aí o teu filho".

Seja o primeiro Santo Efrem Siro, padre antigo, e tão célebre que, segundo testifica São Jerônimo,[1] eram os seus livros publicamente lidos nas Igrejas depois das Sagradas Escrituras. Este em um panegírico da Mãe de Deus diz: "Imaculada e puríssima Virgem Mãe de Deus, Rainha de todas as criaturas, esperança

1. *Lib. de Scriptor. Eccles.*

dos desanimados"; e abaixo: "Tu és o porto dos que estão quase a soçobrar na tempestade, a consolação do mundo, a libertadora dos encarcerados, o abrigo dos órfãos, a redentora dos cativos, o alívio dos enfermos, a salvação de todos"; e abaixo: "Abriga-me debaixo das tuas asas, e protege-me; compadece-te de mim, que estou manchado de lodo"; e abaixo: "Ninguém mais tenho em quem possa confiar. Ave, paz, alegria e salvação do mundo".

Ajuntemos a Santo Efrem, São João Damasceno, que foi dos que mais devoção tiveram a Virgem Santíssima, e mais confiaram no seu patrocínio. Diz ele em um discurso da Natividade da Virgem: "Ó Filha e Senhora de Joaquim e Ana, ouve a oração deste pecador que, apesar disso, te ama e venera ardentemente, e que em ti só confia que sejas a diretora da sua vida, a sua reconciliadora com teu Filho, o penhor seguro da sua salvação. Alivia-me da carga de pecados que me oprimem. Sufoca as tentações, que me querem arrastar e governa a minha vida pelo caminho da piedade e santidade, para que, por ti conduzido, eu consiga a celeste bem-aventurança".

A estes acrescentarei dois padres latinos: Santo Anselmo, no livro das excelências da Virgem, diz numa parte: "Por isso conjeturo que aquele que ao menos merecer lembrar-se afetuosamente da Santíssima Virgem, esse tem já uma grande prova a favor da sua salvação"; e abaixo:[2] "Mais depressa se consegue algumas vezes a salvação, recorrendo-se ao seu nome (o da Virgem Mãe), do que invocando o do Senhor Jesus, seu único Filho. E não porque ela seja nem superior a seu Filho, nem mais poderosa do que Ele, pois a preeminência e poder do Filho não vem de sua Mãe, mas sim a desta de seu Filho. Por que é, então, que muitas vezes se consegue a salvação mais prontamente recorrendo

2. *Ibid. cap.* 6.

antes à Mãe, do que ao Filho? Vou dizer a minha opinião a este respeito. O Filho é Senhor e Juiz de todos, e toma conhecimento do mérito de cada um. Por isso, quando deixa de ouvir sem demora a invocação do seu nome, procede sem dúvida com justiça; e invocando o nome de sua Mãe, a sua meritória intercessão faz com que o invocante seja ouvido, ainda que para isso não tenha merecimentos"[3].

É, porém, São Bernardo quem admiravelmente descreve o pio e inteiramente maternal afeto da Virgem Santíssima aos seus devotos, e correspondentemente a exímia e filial piedade dos que reconhecem por sua Mãe e bem-aventurada Virgem. No segundo sermão sobre a embaixada do Anjo, diz ele: "Ó quem quer que sejas, que conheces que no mar deste mundo mais flutuas entre tormentos e temporais, do que pisas terra firme, não desvies os olhos do fulgor deste astro (de Maria, Estrela do Mar) se não queres ser engolido pelas ondas. Se soprarem os ventos das tentações, se te vires nas dificuldades da tribulação, olha para a Estrela, chama por Maria. Se te vires batido das ondas da soberba, da ambição, da maledicência, da inveja, volta-te para a Estrela, chama por Maria. Se agitado pela perversidade de algum crime, confundido pelo remorso, aterrado pela severidade do Juiz, começares a ser devorado pelo inferno da tristeza e pelo abismo da desesperação, lembra-te de Maria; nos perigos, nas aflições, nas más circunstâncias lembra-te de Maria, pede proteção a Maria. Seguindo-a, não te perdes no caminho, rogando-lhe o seu valimento, não desesperas, tendo-a no pensamento, não erras".

No sermão da Natividade da Virgem Bem-aventurada, ou do Aqueduto, diz: "Vede com que afetuosa devoção quis que

3. *De Excell. Virg. cap.* 3.

honrássemos Maria, Aquele que em Maria depositou o complemento de todo o bem, para por isso mesmo sabermos que, se alguma esperança temos, se alguma graça recebemos, se a salvação conseguimos, tudo dela nos dimana"; e abaixo: "Por isso sejamos devotíssimos de Maria com toda a afeição dos nossos corações, com toda a força da nossa vontade, porque assim o quer Aquele que tudo quer que obtenhamos por sua intercessão"; e segunda vez: "Meus filhinhos, Maria é a escada dos pecadores. É em quem tenho uma confiança que não pode ser maior. É toda a minha esperança.

A estes dois Santíssimos Padres acrescentarei mais dois, também da escola dos teólogos, e tão santos como aqueles. Santo Tomás, no seu opúsculo da Saudação Angélica,[4] diz assim: "Bendita entre as mulheres, porque foi ela a única que aniquilou a maldição, trouxe a bonança, e abriu a porta do Paraíso; e por isso lhe compete o nome de Maria, que significa Estrela do Mar, pois, assim como por aquela estrela os navegantes se dirigem ao porto, assim também os Cristãos, guiados por Maria, se encaminham à glória".

São Boaventura, na sua aljava,[5] diz: "Assim como, ó Bem-aventuradíssima, todo aquele que te despreza e é por ti desprotegido, não pode deixar de se perder, também é impossível que não se salvem os teus devotos e teus protegidos". O mesmo santo na *Vida de São Francisco*, falando da confiança que este tinha na Bem-aventurada Virgem,[6] diz: "Tinha um afeto indizível a Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, por ser ela a quem devemos ser irmãos do Senhor da Majestade, e por nos ter conseguido miseri-

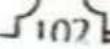
4. *Opusc*. 8.

5. *Lib*. 1, *cap*. 5.

6. *Cap*. 9.

córdia. Confiado nela abaixo de Cristo, tomou-a para sua Protetora e dos seus, e em sua honra jejuavam devotissimamente São Pedro e São Paulo, desde a Festa dos Apóstolos até a Ascenção".

A todos estes faço gosto de acrescentar o Papa Inocêncio III, que foi singular devoto da Virgem Mãe de Deus, e não só lhe fez magníficos elogios em sermões, mas até construiu em sua honra um mosteiro. E o que é mais admirável, estimulando o povo a confiar na Santíssima Mãe de Deus, quase profetizando, disse coisas que depois comprovou com feliz resultado em si mesmo. Diz ele no 2º Sermão da Assunção: "Quem está na noite da culpa, ponha os olhos na lua, dirija as suas súplicas a Maria, para que ela, intercedendo por ele a seu Filho, lhe alumie o seu coração para a penitência. Pois que pecador a ela recorreu, que não fosse ouvido?"

Consulte o leitor o que escrevemos do Papa Inocêncio III, livro 2º, cap. 9 do Gemido da Pompa. De tudo isto claramente se conclui, que dos sinais de eleição para a bem-aventurança não é dos últimos a singular devoção da Mãe de Deus, pois parece que não é possível que se perca aquele a respeito de quem Cristo disse à Virgem: "Eis aí teu filho", contanto que ele ouça atentamente o que Cristo lhe disse: "Eis aí tua mãe".

LIVRO II

DAS QUATRO RESTANTES PALAVRAS PROFERIDAS POR CRISTO NA CRUZ

• • • •

CAPÍTULO I

Explica-se literalmente a quarta palavra: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

Expusemos no livro antecedente as três primeiras palavras que Nosso Senhor pronunciou da cadeira da cruz, perto da hora sexta, pouco depois de crucificado. Neste exporemos as quatro, que depois das trevas e silêncio de três horas o mesmo Senhor, e da mesma cadeira, próximo a morrer, pronunciou bradando. Parece-me, porém, necessário dizer antes que trevas foram aquelas de que foram produzidas, e para que fim; trevas que separaram as primeiras três palavras das quatro ultimas, pois diz São Mateus: "Desde a sexta hora toda a Terra se cobriu de trevas até a hora nona, e perto desta Jesus clamou: '*Eli Eli lammazabactani*'", isto é, "meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?" (Mt 27,45s). Que aquelas trevas foram causadas pela falta da luz solar, declara-o expressamente São Lucas: "E o Sol escureceu-se" (Lc 23,45).

Têm, porém, de desatar-se nesta passagem três nós de dificuldades, pois os eclipses do Sol acontecem na Lua nova, quan-

do ela se põe de permeio entre ele e a Terra. Mas isto não pôde acontecer na ocasião da morte de Cristo, por não haver então conjunção da sua com o Sol, como sucede na Lua nova. A Lua estava então oposta ao Sol, como sucede na Lua cheia, pois era então a Páscoa dos judeus, que segundo a Lei começava no dia 14 do primeiro mês. Além disso, ainda quando houvesse conjunção da Lua com o Sol durante a Paixão de Cristo, não podiam as trevas durar três horas, isto é, desde a sexta até a nona, pois não pode um eclipse do Sol durar tanto tempo, principalmente sendo total, que obscureça toda a sua luz, e esta obscuridade se possa chamar treva, pois a Lua tem mais celeridade de movimento que o Sol, e por isso não lhe pode interceptar toda a luz, senão por curtíssimo espaço, porque começando a retirar-se logo, deixa ao Sol iluminar a Terra com o seu costumeiro brilho.

Além disso, não pode nunca acontecer que o Sol pela sua conjunção com a Lua, deixe em escuridão toda a Terra, porque a Lua é menor que o Sol e mesmo do que a Terra, não podendo, por isso, com a sua interposição, eclipsar o Sol de modo que toda a Terra fique às escuras. Se, porém, alguém disser que os evangelistas disseram que o eclipse escureceu toda a Terra, se referem a toda a área da Palestina, e não a toda a Terra em geral, essa opinião refuta-se facilmente com o testemunho de São Dionísio Areopagita que, escrevendo a São Policarpo, afirma que viu aquele eclipse do Sol e trevas horríveis em Heliópolis no Egito.

Faz também menção do mesmo eclipse o historiador Flegon, grego, e gentio, dizendo: "No quarto ano da Olimpíada ducentésima segunda, aconteceu um grande eclipse do Sol, como ainda não tinha havido. A hora sexta o dia tornou-se tão escuro, que se viam as estrelas". Este historiador não escreveu na Judeia.

Citam-no Orígenes contra Celso[1] e Euzébio na Crônica do ano de Cristo 33. O mesmo certifica Luciano mártir, dizendo: "Procurai nos vossos anais e neles achareis que no tempo de Pilatos um dia se converteu em trevas, fugindo o sol". Refere estas palavras de São Luciano Rufino na *Historia ecclesiastica* de Eusébio, que ele traduziu em latim[2]: Também Tertuliano no Apologético e Paulo Orozio na sua História[3], e todos dizem que aquele eclipse fora visto em outras partes do mundo, e não somente na Judeia.

Estas controvérsias, porém, têm uma explicação fácil, pois o que no princípio se chamava do eclipse do Sol, que costuma ser não na Lua cheia, mas na Lua nova, é verdade, quando o eclipse é natural; porém o eclipse na morte de Cristo foi singular e prodigioso, porque só pode ser produzido por Aquele que criou o Sol e a Lua, o Céu e a Terra, pois diz São Dionísio, no lugar citado, que ele e Apolofanes viram perto do meio-dia a Lua correndo para o Sol com um movimento extraordinário e velocíssimo e colocar-se abaixo dele, conservando-se assim até à hora nona, e que depois, pelo mesmo caminho, voltara para o seu lugar ao Oriente.

Quanto à outra objeção que se fazia, *que um eclipse do Sol não podia durar três horas, de modo que todas elas estivesse o mundo em trevas*, responde-se que assim é verdade no eclipse natural e ordinário. Mas que aquele eclipse não foi efeito das leis da natureza, mas da vontade do Onipotente, que assim como pode fazer ir à Lua extraordinariamente com uma velocíssima carreira do oriente para o Sol, e voltar à sua posição passadas três horas, também pôde fazer com que ela se conservasse aquele tempo abaixo do Sol, quase sem movimento, não andando nem mais nem menos do que ele.

---

1. *Lib.* 2.
2. *Lib.* 9. *cap.* 6.
3. *Apolog. Oros. Lib.* 7. *cap.* 4.

Por fim, a outra objeção, *que não pode ser visível em todo o mundo aquele eclipse, porque a Lua é muito menor que a Terra, e muito menor também que o Sol*; admitimos a hipótese, por ser muito verdade que não pode ser dessa forma apenas pela interposição da Lua entre o Sol e a Terra, mas o que a Lua não pode fazer, fê-lo o criador do Sol e da Lua, deixando de cooperar com o Sol na iluminação da Terra. Pois nada podem fazer os objetos da criação sem o poder e cooperação do Criador. Não se podendo admitir que aquelas trevas que escureceram todo o mundo fossem produzidas por negras e densas nuvens, como alguns dizem, constando por testemunho dos antigos que, durante aquele eclipse e aquelas trevas, se viram as estrelas no céu, visto que as nuvens condensadas não só podem escurecer e escurecem o Sol, mas mesmo a Lua e as estrelas.

Costumam apresentar-se várias causas pelas quais Deus quis que na Paixão de Cristo houvesse aquelas significativas trevas, mas são duas as principais. A primeira, para significarem a maior possível cegueira do novo judaico (é de São Leão no discurso décimo quarto da Paixão do Senhor), cegueira que ainda dura e durará, segundo o vaticínio de Isaías que, falando do princípio da Igreja, diz: "Levanta-te, esclarece-te, Jerusalém, porque chegou a tua luz, e a glória do Senhor nasceu sobre ti, porque as trevas cobrirão a Terra, e a cerração os povos" (Is 60,1s). Quer dizer, densíssimas trevas envolverão a terra judaica e a cerração, que não é tão densa, e que facilmente se dissipa, envolverá os gentios. A segunda, para mostrar a grandeza do delito dos judeus, como diz São Jerônimo,[4] pois até ali os maus perseguiam, vexavam e matavam os bons; então o atrevimento dos ímpios chegou a perseguir o mesmo Deus, feito homem, e a cravá-lo numa cruz. Até ali os concidadãos tinham questões uns com os

4. *Comment. In* Mt.

outros; destas passavam a desordens; das desordens aos ferimentos; dos ferimentos aos assassinatos. Então, porém, os servos e escravos insurrecionados contra o rei dos homens e dos anjos, e com uma audácia incrível, O crucificavam. Por isso todo o mundo se horrorizou e o Sol, protestando contra tal atentado, ocultou os seus raios e cobriu toda a atmosfera de trevas horríveis.

Passemos às palavras do Senhor: *Eli, Eli, lammazabactani*. São estas palavras tiradas do princípio do Salmo 21: "Meu Deus, meu Deus, valei-me: porque me abandonaste?", mas aquele *valei-me*, que está no meio do verso, foi acrescentado dos setenta intérpretes, e no texto hebreu não estão senão as palavras que o Senhor disse. Só com a diferença de que as palavras do Salmo são todas hebraicas, e as proferidas por Cristo são algumas siríacas, língua de que os hebreus usavam frequentemente, pois os termos *Talitha cumi* (em português: *Ergue-te, moça*) e *Epheta* (em português: *Se atento, ou atenta*) e algumas mais, que apareçam nos Evangelhos, são da língua siríaca, e não da hebraica.

Queixa-se, pois, o Senhor e queixa-se bradando de ter sido desamparado por Deus. Tanto uma como outra coisa deve ser brevemente explicada. O abandono de Cristo por seu Pai pode entender-se de cinco modos, dos quais um só é verdadeiro, pois haviam no Filho de Deus cinco uniões: uma natural e eterna da pessoa do Pai com a pessoa do Filho em essência. Outra nova, da natureza divina com a natureza humana na pessoa do Filho, ou, o que é o mesmo, da pessoa divina do Filho com a natureza humana. A terceira foi a união da graça e da vontade, pois Cristo foi cheio de graça e de verdade[5], e fazia sempre o que era do agrado de Deus, como Ele mesmo diz em São João[6]. E a seu respeito não

5. Cf. Jo 1,14.
6. Cf. Jo 8,29.

nós, seus servos, não fôssemos ingratos a tamanho benefício, fazer conhecer publicamente os tormentos da sua Paixão, e assim aquelas palavras: "Meu Deus, porque me abandonaste?" não mostram em Cristo nem acusação, nem indignação, nem queixume, mas, como eu já disse, exprimem com a mais justificada razão, e na ocasião mais própria, a medida do quanto sofreu na sua Paixão.

CAPÍTULO II

Do primeiro fruto da quarta palavra

Explicamos brevemente o que, relativo à História, diz respeito à quarta palavra. Agora a primeira consideração que nos oferece, para da árvore da cruz colhermos alguns frutos, é a de ter Cristo querido esgotar o cálice da Paixão completamente, até a última gota. Tinha de estar na cruz três horas, da 6ª até a 9ª, nela esteve três horas inteiras completas e mais que completas, pois foi crucificado antes da 6ª e expirou depois da 9ª, como se prova com o seguinte argumento: O eclipse começou a hora 6ª, como dizem três evangelistas: São Mateus, São Marcos e São Lucas; e expressamente São Marcos: "E chegada a hora de sexta, se cobriu toda a Terra de trevas até a hora de Noa" (Mc 15,33); e três das sete palavras do Senhor, proferidas na cruz, foram antes de começarem as trevas, e antes da hora sexta; e as quatro últimas depois das trevas e, por isso mesmo, depois da hora nona.

São Marcos, porém, ainda com mais clareza explica tudo, dizendo: "Era a hora de terra, quando o crucificaram", e depois acrescenta: "E chegada a hora de sexta converteu-se o dia em tre-

vas". Quando diz que o Senhor foi crucificado na hora de terça, quer dizer que esta hora ainda não estava completa, e por isso, que ainda não tinha começado a de sexta. Pois São Marcos exprime-se pelas horas principais, e cada uma delas contém três horas ordinárias. E é segundo este modo de contar o tempo[1] que o Pai de família convidou trabalhadores para a vinha na hora 1ª, 3ª, 6ª, 9ª e 11ª. É que nós designamos as horas canônicas por prima, terça, noa e vésperas, que é a undécima. Por isso, em São Marcos se lê que o Senhor foi crucificado na hora de terça, porque ainda não tinha começado a de sexta.

Quis o Senhor beber o cálice da Paixão, completamente cheio, a trasbordar, para nós aprendermos a gostar do cálice amargo da penitência e dos trabalhos; e a não nos deleitarmos com o cálice dos prazeres e delícias do mundo. Nós, segundo os apetites da carne, e do século, desejamos pequenas penitências e grandes indulgências, pouco trabalho e muito regalo, pequena reza e muita palestra, mas na verdade não sabemos o que havemos de pedir, pois segundo a exortação do Apóstolo aos coríntios: "Cada um receberá a sua recompensa segundo o seu trabalho" (1Cor 3,8), e também "não será coroado senão aquele que combater conforme a Lei" (2Tim 2,).

A felicidade perpétua mereceria, sem dúvida, um trabalho perpétuo para se conseguir. Porém, se fosse necessário um trabalho assim, nunca chegaríamos a consegui-la. Satisfez-se o Senhor de piedade com que somente nesta vida que foge como sombra, cada um de nós segundo as suas forças, se empenhe na prática de boas obras e em seu serviço. Por isso não tem coração, não pensam, não raciocinam. São não moços, mas crianças, os que passam esta curta vida no ócio, e o que, muito pior é ainda, pecan-

1. Cf. Mt 20,3-7.

do gravemente e provocando a ira de Deus. Pois, se conveio que Cristo padecesse e assim entrasse na sua glória[2] como havemos nós, passando a vida em divertimentos e estragando o tempo nos deleites da carne, ser participantes da glória que não é nossa? Se o Evangelho fosse muito escuro e não pudesse interpretar-se ou entender-se sem grande dificuldade, talvez tivéssemos alguma desculpa, mas ele está tão explicado pelo seu autor com o exemplo da sua própria vida, que até para os cegos é claro. E não só o temos explicado por Cristo, mas são tantos os comentários que explanam o seu sentido, quantos são os Apóstolos, mártires, confessores, virgens e, finalmente, os santos, cujos louvores e triunfos todos os dias celebramos. Todos eles, clamando, estão nos dizendo que as portas do Céu não se abrem com a chave de muitos deleites, mas com a de muitas tribulações[3].

2. Cf. Lc 24,26.

3. Cf. At 14,22.

CAPÍTULO III

Do segundo fruto da quarta palavra

Outro fruto, e muito precioso, se pode colher da consideração do silêncio de Cristo nas três horas que decorreram da sexta até a nona. Que fez então o teu Senhor, dize-me, minha alma, naquelas três horas? Estava o universo envolvido em horror e trevas e o teu Deus não descansava deitado em brando leito, mas estava pendente da cruz, nu, cheio de dores e sem consolação nenhuma. Tu, Senhor, que és o único que sabes os horríveis tormentos que padeceste, ensina os teus servozinhos a avaliarem quanto te devem e a que, ao menos com piedosas lágrimas de ti se compadeçam, e saibam algumas vezes privar-se neste desterro por amor de ti de tudo quanto for prazer, se assim for da tua vontade.

Eu, filho, em toda a minha vida mortal, que foi toda de trabalho e mortificação, nunca sofri tormentos maiores do que naquelas três horas; nem também sofri nunca de maior vontade do que naquele espaço de tempo. Então, pelo cansaço do corpo cada vez mais se me rasgavam as chagas e se aumentava a violência das dores. Então por falta do calor do Sol, o frio subindo de intensidade, agravava o meu sofrimento por estar de toda a parte

desagasalhado. Então as trevas, que me tiravam a vista do Céu e da Terra, e de todos os objetos da criação, obrigavam-me de certo modo a não pensar senão nos meus tormentos. Assim, aquelas três horas consideradas por este lado, pareciam-me três anos; porém, o desejo que ardia em meu peito, da honra de meu Pai, de cumprir a sua vontade e da salvação das vossas almas era tal, que quanto mais as dores se exasperavam, mais aquele desejo crescia, fazendo com que aquelas três horas me parecessem três minutos pelo grande gosto com que eu sofria.

Ó piedosíssimo Senhor, em vista disso muito ingratos somos nós, a quem é custoso empregar uma horazinha na meditação dos teus tormentos, quando tu de boa vontade sofreste para nos salvares estar cravado na cruz três horas inteiras, no horror das trevas, ao frio, nu, padecendo uma sede ardentíssima e horrivelmente martirizado! Ora, dize-me, Amigo dos homens, eu te peço: se a veemência das dores naquele tão dilatado espaço de três horas pôde desviar a tua alma da oração, por que nós, quando estamos atribulados, principalmente se sofremos alguma dor forte, não podemos sem grande custo rezar com atenção?

Não fazia eu assim, filho, mas na carne enferma tinha o espírito pronto para a oração. Todas aquelas três horas em que nem uma palavra pronunciei, foram por mim empregadas em orar por vós a meu Pai com a boca do coração, mas também com a das chagas e do sangue. Eram tantas as bocas com que eu, clamando, pedia por vós a meu Pai, quantas eram as chagas em meu corpo; e muitas eram elas; e quantas eram as gotas do sangue que eu derramava, tantas eram as línguas que a meu Pai e também vosso, para vós pediam e rogavam misericórdia.

Confundiste completamente, Senhor, a impaciência do teu servo, que se for orar para rogar por si, ou fatigado de algum trabalho, ou incomodado por alguma dor, apenas pode elevar o

pensamento a Deus; ou se por graça tua o eleva, não pode assim continuar por muito tempo sem se ressentir do incômodo do cansaço ou da dor. Compadece-te, pois, do teu servo, Senhor, pela tua grande misericórdia, para que a vista de tamanho exemplo que lhe dás de paciência, ele aprenda a seguir os teus passos e a desprezar, ao menos quando estiver rezando, os seus pequeníssimos padecimentos.

CAPÍTULO IV

Do terceiro fruto da quarta palavra

Quando o Senhor na Cruz disse, bradando: "Meu Pai, por que me abandonaste", não o disse por ignorar a razão por que seu Pai o abandonou. Como poderia, então, ignorá-lo Aquele que tudo sabe? E nesta conformidade respondeu o Apóstolo Pedro ao Senhor, quando Este lhe perguntou se ele o amava: "Senhor, tu bem sabes, bem conheces que te amo" (Jo 21,17); e o Apóstolo Paulo falando de Cristo, diz: "Em que se acham todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Cl 2,3). Por isso não fez aquela pergunta para saber, mas a fim de nos exortar a perguntarmos, para das respostas ficarmos sabendo muitas coisas que nos são úteis, e mesmo necessárias. Mas por que abandonou Deus seu Filho na sua tribulação e no sofrimento das dores atrocíssimas? Ocorrem-me cinco motivos que vou expor, para dar aos sábios ocasião de fazerem melhores e mais úteis indagações.

O primeiro me parece ser a grandeza e número das ofensas do gênero humano contra Deus, as quais seu Filho se encarregou de expiar à custa do seu sofrimento: "O qual foi o mesmo que levou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que,

mortos para os pecados, vivamos para a justiça, por cujas chagas fostes vós sarados", diz São Pedro (1Pd 2,24). A grandeza da ofensa que Cristo tomou a se aniquilar na cruz é, na verdade, de algum modo infinita, em razão da pessoa infinita, da infinita dignidade, da infinita excelência, que foi ofendida. Mas, também a pessoa do satisfaciente, que é o Filho de Deus, é de infinita dignidade e excelência, e por isso qualquer pena a que Ele espontaneamente se sujeitasse, ainda que fosse só o derramamento de uma gota de sangue, seria bastante para expiação. Isto não há dúvida, mas para que a redenção fosse copiosa, porque não era só uma ofensa, mas eram quase inumeráveis e porque o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo, não se incumbiu só de expiar o primeiro pecado de Adão, mas os pecados de todos os homens, foi da vontade de Deus que seu Filho sofresse penas inumeráveis e atrocíssimas. E é isto o que quer dizer aquele abandono, a respeito do qual o Filho diz a seu Pai: "Por que me abandonaste"?

O segundo motivo foi a multidão e grandeza das penas do Inferno, as quais o Filho de Deus, para que nós pudéssemos conhecê-las, quis apagar com tão forte aguaceiro dos seus tormentos. A intensidade do fogo do Inferno mostra-a o Profeta Isaías,[1] dizendo que é absolutamente intolerável, pois se expressa assim: "Quem de vós poderá habitar com o fogo devorador? Quem habitará com as perpétuas chamas?". Graças por isso demos de todo o coração a Deus, que quis abandonar o seu Unigênito nos mais cruéis martírios, para nos livrar dos ardores sempiternos. Graças demos também, e do íntimo dos nossos corações, ao Cordeiro de Deus, que antes quis ser de Deus abandonado, debaixo do cutelo degolador, do que abandonar-nos ele aos dentes da besta infernal, que sempre rói e nunca se farta de roer.

1. Cf. Is 33,14.

O terceiro motivo é a grandeza do preço da graça divina, que é aquela pedra preciosa[2] que Cristo, negociante sapientíssimo, vendendo tudo quanto tinha, comprou para lhe dar. A graça de Deus que nos tinha sido dada em Adão, e que pelo pecado de Adão nós perdemos, era uma pedra preciosa de tanto valor, que nos adereçava de um modo admirável, tornando-nos agradabilíssimos a Deus, e sendo o penhor da eterna felicidade. Esta pedra preciosa que era toda a nossa riqueza, e que a astúcia da serpente nos roubou, ninguém a podia reaver senão o Filho de Deus, que com a sua sabedoria venceu a malícia do diabo, mas com gravíssimo incômodo seu, expondo-se a muitos trabalhos e a muitos sofrimentos. Venceu-a a piedade do Filho, que se sujeitou a uma jornada custosíssima e a uma enfadonhíssima peregrinação, para nos recuperar aquela pedra preciosa.

O quarto motivo foi a grandeza eminentíssima do Reino dos Céus, cujas portas nos abriu à custa de imensos trabalhos e sofrimentos por que passou o Filho de Deus, de quem a Igreja canta com o maior reconhecimento: "Tu, desarmando a morte, abriste aos crentes o Reino dos Céus"; e para vencer o império da morte, foi-lhe preciso lutar com ela em renhidíssimo combate, no qual seu Pai não o socorreu, para que o seu triunfo fosse mais glorioso.

O quinto motivo foi o grande amor que o Filho tinha a seu Pai, pois desejava que na redenção do mundo e aniquilação do pecado, ficasse copiosíssima e superabundantissimamente satisfeita a honra do Padre Eterno. E isto não podia realizar-se não abandonando o Pai seu Filho, isto é, sem consentir que Ele sofresse todos os tormentos que o diabo pôde investigar e de que o homem pode ser vítima. Se alguém perguntar porquê abandonou Deus seu Filho, quando cravado na cruz estava sofrendo os

2. Cf. Mt 13,45.

tormentos mais atrozes, poderá responder-se-lhe que agiu assim para se patentear a grandeza do pecado, a das penas do Inferno, a da graça divina, a da vida eterna, e a do amor do Filho de Deus a seu Pai. Dessa forma se resolve também outra questão:[3] porque quis Deus misturar no cálice dos sofrimentos de muitos mártires grande quantidade de consolações espirituais de modo que eles antes queriam aquele cálice com aquela mistura de consolações do que prescindir do cálice sem elas; e permitiu que seu queridíssimo Filho, sem consolação alguma, esgotasse o seu amargosíssimo cálice até às tezes por assim dizer, pois a razão disto é que nos santos mártires não se dava nenhum daqueles motivos que enumeramos na Paixão de Cristo.

3. *Vide Rufinum, Hist. Eccles. cap. 36.*

CAPÍTULO V

Do quarto fruto da quarta palavra

Pode-se adicionar aos frutos antecedentes um quarto fruto, nascido não tanto da quarta palavra, quanto da circunstância da ocasião em que ela foi proferida. Quero dizer, das horrendas trevas que sem muito intervalo a antecederam, pois são elas muito apropriadas para esclarecerem os hebreus e para conservarem os cristãos na verdadeira fé se quiserem prestar séria atenção à força do raciocínio que vamos propor, deduzido daquelas mesmas trevas. Esta demonstração pode se deduzir sem dificuldade nenhuma de quatro verdades.

A primeira é que estando Cristo na Cruz, o Sol se obscureceu completamente, de modo que no céu se viram as estrelas, como se veem de noite. Esta verdade resulta do dito de cinco testemunhas, merecedoras de todo o crédito, de diversas nacionalidades e que escreveram em diversos tempos e lugares, e por isso não podiam escrever coisas que entre si tivessem combinado para fazerem-nas passar por fatos. A primeira é São Mateus.[1] Hebreu que escreveu na Judeia, e um dos que viram o obscureci-

1. Cf. Mt 27,45.

mento do Sol. E, certamente, um homem como ele era – sisudo e circunspecto – nunca escreveria na Judeia, e dentro de Jerusalém, como é crível, coisas que não fossem verdade, pois, agindo assim, podia ser censurado e incorrer no desprezo dos habitantes daquela cidade e território, escrevendo como verdadeiras coisas que todos sabiam que eram falsíssimas.

A segunda é São Marcos[2] que escreveu em Roma, e viu também aquele eclipse, por que estava então na Judeia com os outros discípulos de Cristo.

A terceira é São Lucas[3] que era grego, e escreveu na Grécia, e que presenciou também o eclipse em Antioquia, sua pátria, pois, tendo-o presenciado São Dionísio Areopagita em Heliópolis, no Egito, mais facilmente podia presenciá-lo São Lucas em Antioquia, que fica mais próxima de Jerusalém do que Heliópolis.

A quarta e quinta são São Dionísio e Apolofanes, que eram gregos, e ainda gentios, e que muito explicitamente dizem que viram o eclipse, e sobre ele pensaram sumamente admirados. São estas as cinco testemunhas que depõem de vista às quais acrescem os anais dos antigos Romanos, e Flegon, cronógrafo do imperador Adriano, como dissemos no primeiro capítulo. Por isso, a primeira verdade de modo nenhum pode ser negada sem louca ousadia nem pelos judeus, nem pelos pagãos, pois entre os cristãos ela é de fé católica.

A outra verdade é que o mencionado eclipse não podia acontecer senão pela Onipotência de Deus, e por isto não podia ser produzido de modo nenhum nem pelos demônios, nem pelos homens, auxiliados por eles. Mas, sim, só por especial pro-

2. Cf. Mc 15,33.

3. Cf. Lc 23,44s.

vidência e vontade de Deus, criador e conservador do mundo. Esta verdade demonstra-se da seguinte maneira. O Sol não pode eclipsar-se senão por uma de três causas: ou interpondo-se a Lua entre ele e a Terra; ou por alguma grande e densíssima nuvem; ou pela retração e extinção dos seus raios. Quanto à primeira não podia naturalmente acontecer aquela interposição, porque sendo então a páscoa dos judeus, achava-se a Lua oposta ao Sol, sendo por isso necessário que, ou houvesse o eclipse sem interposição da Lua ou que, por um extraordinário e grandíssimo milagre, a Lua fizesse em poucas horas o curso que havia de completar em quatorze dias; e que depois, por outro milagre, como o primeiro, retrocedesse com tanta velocidade, que no espaço de três horas fizesse outra vez o caminho de quatorze dias. Ora, no que diz repeito aos orbes celestes, é inquestionável que ninguém tem poder senão Deus, pois os demônios não têm poder senão no mundo sublunar. E é este o motivo por que o Apóstolo[4] chama ao demônio príncipe do poder desta atmosfera.

Pela segunda causa não podia acontecer o eclipse, porque, como já havíamos dito, uma nuvem densa e cerrada não pode ocultar-nos o Sol, sem também nos ocultar as estrelas. E consta pelo testemunho de Flegon, que no eclipse que sucedeu na Paixão de Cristo, se viram no céu as estrelas, como se fosse noite.

Pela terceira causa não podia acontecer, como todos sabem, senão sendo retraídos ou extintos os raios do Sol por Deus que o criou. Por isso, a segunda verdade não é menos certa do que a primeira, e não é preciso menos indiscrição para negar esta, do que para negar aquela.

A terceira verdade é que as trevas, de que agora tratamos, aconteceram por causa da crucificação de Cristo e que foram efei-

4. Cf. Ef 2,2.

to da Divina Providência. Verdade que se demonstra que elas se conservaram durante o tempo em que Cristo Senhor Nosso esteve vivo na cruz, isto é, desde a hora de sexta até á de Noa, como atestam todos os que daquele eclipse fizeram menção. E não podia acontecer por acaso, que umas trevas cheias de milagres coincidissem com a Paixão de Cristo, pois os fatos milagrosos não sucedem casualmente, mas sim pela providência de Deus; e nem há autor algum, de quem eu tenha conhecimento, que a outra causa atribua aquele tão admirável eclipse. Os que conheciam Cristo, declararam que a sua morte causara o eclipse; os que o não conheceram, confessaram admirados a sua ignorância.

A quarta verdade é que aquelas trevas tão prodigiosas, nada mais podiam significar senão que a sentença de Caifás e Pilatos foi tão injusta, quanto podia ser. E que Jesus é verdadeiro e próprio filho de Deus, e o verdadeiro Messias, que aos judeus foi prometido. Foi esta a principal causa, pela qual eles exigiram a sua morte, pois no conselho dos pontífices, dos sacerdotes, dos escribas e dos fariseus, vendo o pontífice que os depoimentos produzidos contra Cristo nada provavam, ergueu-se e disse: "Eu te conjuro pelo Deus vivo, que nos digas, se tu és Cristo, Filho de Deus" (Mt 26,63). E declarando-lhe o Senhor, que o era, ele rasgou as suas vestiduras, dizendo: "Blasfemou. Que necessidade temos já de testemunhas? Eis aí acabais de ouvir agora uma blasfêmia. Que vos parece?" Ao que eles responderam: *"É réu de morte"*. Depois, na presença de Pilatos, que desejava livrar o Senhor, disseram os pontífices e os ministros: "Nós temos lei; segundo ela, deve morrer, porque se fez filho de Deus" (Jo 19,7). Foi, pois, esta como foi dito, a principal causa por que o Senhor foi condenado à morte, como tinha predito o Profeta Daniel[5], dizendo: "Cristo será morto; e não tornará o ser o seu povo o povo que o há de negar".

5. Cf. Dn 9,26.

E foi este o motivo por que Deus na Paixão do Senhor envolveu o mundo naquelas horrendas trevas: para mostrar com a maior evidência que erraram os pontífices, que errou o povo, que errou Pilatos, que errou Herodes – e que Aquele que estava pendente na cruz era o seu verdadeiro filho e o Messias prometido.

Que Ele o era, disse-o o centurião em bem alta voz à vista dos sinais celestes: "Na verdade este era o filho de Deus" (Mt 27,54); e de outro modo: "Sem dúvida este homem era justo" (Lc 23,47), pois reconheceu que aqueles sinais eram como a voz de Deus, que reprovava a sentença de Caifás e Pilatos, e que afirmava que aquele homem fora, contra todo o direito, condenado e executado, sendo Ele o autor da vida, o verdadeiro Filho de Deus e o Cristo, prometido na Lei. Pois que outra coisa quereria Deus mostrar com aquelas trevas, às quais acresceu fenderem-se as pedras, e rasgar-se o véu do Santuário, senão que Ele virara as costas ao povo, que em outro tempo era o seu, e que estava contra Ele encolerizadíssimo, por Ele não ter conhecido o tempo da sua vinda, que o Senhor claramente lhe predisse, segundo São Lucas?[6]

Se os judeus pensassem nisto e, ao mesmo tempo, notassem que eles, desde então foram espalhados entre as nações, que não tornaram a ter nem rei, nem pontífices, nem altar, nem sacrifícios, nem milagres, nem respostas de profetas, certamente saberiam que Deus os abandonara, e o que muito mais miserável é ainda, que ficaram condenados, e que neles se está verificando a profecia de Isaías,[7] quando apresenta o Senhor a falar-lhe, dizendo: "Vai e dize a esse povo: 'Ouvi bem claramente, e não queirais entender; vede perfeitamente, e não queirais conhecer'. Cega o coração deste povo; tapa-lhe os ouvidos; fecha-lhe os olhos; para

6. Cf. Lc 19,44.

7. Cf. Is 6,9.

que ele não veja com os seus olhos, não ouça com os seus ouvi-
dos, nem entenda, para que se não converta e eu o salve".

CAPÍTULO VI

Do quinto fruto da quarta palavra

Nas primeiras três palavras nos recomendou Cristo, nosso mestre, três excelentes virtudes: caridade com os nossos inimigos, compaixão com os infelizes e acatamento a nossos pais. Nas quatro seguintes nos recomenda quatro não mais excelentes que aquelas, mas não menos necessárias para nosso bem. A humildade, a paciência, a perseverança e a obediência.

A humildade, que propriamente se pode dizer virtude de Cristo, pois nenhuma ideia dela nos dão os escritos dos sábios deste mundo. Não só Ele a praticou em todo o decurso da Sua vida, mas, além disto, se declarou por termos nada equívocos, mestre desta virtude dizendo: "Aprendei de mim, que sou manso, e humilde de coração" (Mt 11,29). Nunca tão declaradamente, porém, nos recomendou esta virtude, e juntamente com a paciência, que dela é inseparável, como quando disse: "Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?", pois com esta expressão nos mostra o Senhor que, por permissão de Deus, toda a sua glória e primazia tinha se obscurecido na presença dos homens, o que também queriam dizer aquelas trevas: nem o Senhor pode,

sem a mais rendida humildade e paciência, sujeitar-se àquele abatimento.

A glória de Cristo, da qual fala São João no princípio do seu Evangelho (Jo 1,14), dizendo: "E nós vimos a sua glória, glória como de Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade", consistia no poder, na sabedoria, na probidade, na Majestade de Rei, na beatitude da alma e na dignidade divina que Ele teve, como verdadeiro e natural Filho de Deus. Todas estas excelências obscureceram a sua Paixão, e este obscurecimento dizem-no aquelas palavras: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?". A Paixão obscureceu-lhe o poder, porque cravado na cruz, parecia que nenhum poder tinha; e, por isso, os príncipes, os sacerdotes, os soldados e até o mesmo mal ladrão, O insultavam, dizendo-lhe que Ele nada podia, e "Se tu és Cristo, desce da cruz. Salvou os outros e não pode salvar-se a si!" (Mt 27,40.42).

Quanta paciência e quanta humildade não foi necessária para nenhuma resposta dar a estes insultos aquele que era verdadeiramente onipotente!? A Paixão obscureceu-lhe a sabedoria, pois em presença dos Príncipes, Sacerdotes, de Herodes e de Pilatos não respondeu a muitas perguntas que lhe foram feitas, parecendo que não sabia o que havia de responder, sendo por isto, depois de vestido de branco por ordem de Herodes, escarnecido por ele e pelos seus soldados (Lc 23,11). Quanta paciência, quanta humildade, não precisou para suportar tal coisa, quem não só era mais sábio que Salomão, mas era a mesma sabedoria de Deus?! A Paixão obscureceu-lhe a probidade da sua vida, quando estava cravado na cruz entre dois ladrões, como se fosse um revolucionário e usurpador de um reino que lhe não pertencia. E esta glória da sua inocência parecia obscurecer-lhe ainda mais aquele abandono de Deus, que Ele mesmo confessava, dizendo: "Por que me abandonaste?", pois Deus não desampara os bons, mas

sim os maus. Todos os orgulhosos têm muita cautela para não dizerem coisa nenhuma da qual, quem a ouvisse, pudesse suspeitar que eles mesmos confessavam a sua indignidade. Mas os humildes, os sofredores, de quem Cristo foi o rei, de boa vontade aproveitam qualquer ocasião de mostrarem a sua humildade e paciência, contanto que não faltem à verdade.

Quanta humildade, então, quanta paciência, não mostrou em sofrer isto, aquele de quem o Apóstolo diz: "Porque tal Pontífice convinha que nós tivéssemos, santo, inocente, imaculado, segredado dos pecadores, e mais elevado que os céus" (Hb 7,26). A régia majestade de tal modo lha obscureceu a Paixão, que lhe trocou o áureo diadema por uma coroa de espinhos, o cetro por uma cana, o trono pelo patíbulo, o cortejo real por dois ladrões. Que humildade, que paciência, não devia ser a do Rei dos reis, do Senhor dos senhores, do Príncipe dos reis da Terra?! (Ap 1,5; 19,16)

Que direi da beatitude da alma de Cristo logo depois da sua conceição; beatitude que Ele, se quisesse, podia comunicar ao seu corpo? Quão fortemente não lhe obscureceu a sua Paixão esta glória, tornando-o sujeito às dores, conhecedor da sua fraqueza, desprezado, e tido como o último dos homens, segundo Isaías (Is 53,3), e sendo Ele mesmo, quem pela intensidade dos tormentos, gritava: "Meu Deus, por que me abandonaste?"! Finalmente a sua elevadíssima dignidade de Pessoa divina a sua Paixão lhe obscureceu de tal modo, que aquele que senta não só acima de todos os homens, mas também acima de todos os anjos chegou a dizer por causa dela: "Sou um verme e não um homem; sou o opróbrio dos homens, e o desprezo da plebe" (Sl 21,7).

A tão grande humilhação desceu finalmente Cristo. Porém, não ficou ela sem grande admiração, pois o que Deus mesmo muitas vezes prometeu, dizendo: "Todo aquele que se humilhar

será exaltado" (Mt 23,12; Lc 14,11; 18,14), se cumpriu na Pessoa de Cristo. Assim o certifica o Apóstolo, dizendo: "Humilhou-se, obedecendo até sacrificar a sua própria vida morrendo numa cruz; pelo que não só Deus o exaltou, mas até lhe deu um nome, cuja excelência é superior à de todos os nomes, pois ao nome de Jesus tudo dobra o joelho no Céu, na Terra, e no Inferno" (Fl 2,8). Assim o que foi o último, foi elevado à primazia; a sua humilhação foi brevíssima e quase momentânea, porém a sua admiração é perpétua. O mesmo vemos que tem acontecido aos Apóstolos, e a todos os santos, pois São Paulo nos diz (1Cor 4,13) que aqueles foram tidos em conta de lixo e lama dos sapatos, isto é, das coisas mais desprezíveis que se deitam à rua e são pisadas pelos transeuntes. Tal foi a humildade dos Apóstolos. Qual foi, porém, a sua elevação? São João Crisóstomo[1] a declara dizendo que eles agora no Céu estão próximos do Trono de Deus, onde os querubins o glorificam, onde voam os serafins; isto é, que tem o mesmo lugar que os príncipes do Reino dos Céus, o qual nunca perderão. Certamente, se os homens atentamente considerassem quão honroso é imitar no mundo a humildade do Filho de Deus, e pudessem, ao mesmo tempo, de algum modo, imaginar a quão grande primazia se sobe pela escada da humildade, poucos seriam, sem dúvida, os soberbos. Porém, porque a maior parte deles mede tudo pelos estímulos da carne e pelas considerações mundanas, não admira que tão rara seja no mundo aquela virtude e infinito o número dos soberbos.

1. *Hom. 32. In Epist. ad Roman.*

será exaltado" (Mt 23,12; Lc 14,11; 18,14), se cumpriu na Pessoa de Cristo. Assim o certifica o Apóstolo, dizendo: "Humilhou-se, obedecendo até sacrificar a sua própria vida morrendo numa cruz; pelo que não só Deus o exaltou, mas até lhe deu um nome, cuja excelência é superior à de todos os nomes, pois ao nome de Jesus tudo dobra o joelho no Céu, na Terra, e no Inferno" (Fl 2,8). Assim o que foi o último, foi elevado à primazia; a sua humilhação foi brevíssima e quase momentânea, porém a sua admiração é perpétua. O mesmo vemos que tem acontecido aos Apóstolos, e a todos os santos, pois São Paulo nos diz (1Cor 4,13) que aqueles foram tidos em conta de lixo e lama dos sapatos, isto é, das coisas mais desprezíveis que se deitam à rua e são pisadas pelos transeuntes. Tal foi a humildade dos Apóstolos. Qual foi, porém, a sua elevação? São João Crisóstomo[1] a declara dizendo que eles agora no Céu estão próximos do Trono de Deus, onde os querubins o glorificam, onde voam os serafins; isto é, que tem o mesmo lugar que os príncipes do Reino dos Céus, o qual nunca perderão. Certamente, se os homens atentamente considerassem quão honroso é imitar no mundo a humildade do Filho de Deus, e pudessem, ao mesmo tempo, de algum modo, imaginar a quão grande primazia se sobe pela escada da humildade, poucos seriam, sem dúvida, os soberbos. Porém, porque a maior parte deles mede tudo pelos estímulos da carne e pelas considerações mundanas, não admira que tão rara seja no mundo aquela virtude e infinito o número dos soberbos.

1. *Hom.* 32. *In Epist. ad Roman.*

CAPÍTULO VII

Da quinta palavra "Tenho sede" explicada à letra

Segue-se a quinta palavra mencionada por São João, e para a sua compreensão é preciso acrescentar as outras, pelas quais se exprime o evangelista, assim as antecedentes como as consequentes. Diz São João: "Depois, sabendo Jesus que tudo estava cumprido, disse para se cumprir uma palavra que ainda restava da Escritura: 'Tenho sede'. Tinha-se ali posto um vaso, cheio de vinagre. E eles, molhando nele uma esponja, que depois pulverizaram com hissopo, chegaram-lha à boca" (Jo 19,28s).

Mas, por que o disse somente para cumprimento da Escritura, e não porque na realidade tivesse sede e quisesse apagá-la? Pois o Profeta não o predisse para se realizar a predição; predisse-o porque tinha previsto o futuro, e disse o que havia de acontecer, porque se havia de realizar, ainda que não fosse previsto. Por isso a previsão – ou a predição – não é a causa do que futuramente há de acontecer, mas o fato, que há de suceder, é a causa de ele poder ser previsto ou predito. Descobre-se nisto um grande mistério. O Senhor padeceu, sem dúvida, ardentíssima sede des-

de o começo da sua crucifixão e esta sede foi sempre aumentando cada vez mais, de modo que foi um dos maiores tormentos que o Senhor passou na cruz, pois a perda de sangue em grande quantidade seca – e origina por isso a sede.

Conheci um sujeito que, tendo perdido muito sangue por muitos ferimentos, nada mais apetecia senão água, como se nada mais sofresse além da sede no maior auge. O mesmo se lê na vida do mártir Santo Emeramo[2], que, amarrado a um poste e muito ferido, só se queixava de sede. Como não havia então Cristo de padecer uma sede de abrasar, tendo derramado muito sangue na flagelação, depois de tão fatigado, e tendo, depois de cravado na cruz, quatro fontes abertas a vertê-lo já há tanto tempo e em tanta abundância?! E, apesar disto, tinha silenciosamente suportado três horas de sofrimento doloroso, e poderia assim continuar até a morte, que já estava próxima. Por que razão, então, sofreu em silêncio e por tanto tempo tamanho martírio e só quase na hora da morte o patenteou, dizendo: "Tenho sede", senão porque era vontade de Deus, que todos nós soubéssemos que Cristo foi vítima desta nova espécie de tormento? Foi por isto que o mesmo Pai Celeste quis que o Profeta predissesse que Ele se havia de dar na pessoa de Cristo, e ao mesmo Jesus Cristo Senhor Nosso, inspirou que, para exemplo de paciência para os seus fiéis, declarasse que sofria este novo e insuportável martírio. Por isso disse: "Tenho sede", isto é, "falta já no meu corpo toda a umidade; secaram as minhas veias; secou a minha língua; secou o meu paladar, secou a minha garganta; estou todo seco por dentro; se alguém quer regalar-me dê-me de beber".

Saibamos agora a bebida que lhe deram os que estavam próximos da cruz: "Estava ali um vaso cheio de vinagre. E eles

2. *Vide Surium ad diem 22 septembr.*

ensopando nele uma esponja, e tendo-a pulverizado com hissopo, chegaram-lha à boca". Ó consolação, ó refrigério! Estava ali um vaso cheio de vinagre, que é nocivo às feridas e acelera a morte, e por este motivo mantinham ali para mais depressa fazerem morrer os crucificados. São Cirilo[3] escreve a respeito desta passagem da Paixão o seguinte: "Em lugar de uma bebida refrigerante e agradável, deram-lhe uma prejudicial e azeda", e isto se torna mais crível em vista do que São Lucas escreveu no Evangelho: "Escarneciam-no os soldados, chegando-se a Ele, e oferecendo-lhe vinagre" (Mt 27,48), e posto que São Lucas diga que eles assim fizeram pouco depois que Cristo foi cravado na cruz, é de crer que eles, quando lhe ouviram dizer *Tenho sede*, lhe deram por uma esponja posta numa cana o vinagre, que até então por zombaria, lhe tinham oferecido. Em suma, assim como no princípio, pouco antes da crucificação, lhe ofereceram vinho, misturado com fel[4], assim também no fim da vida lhe ofereceram vinagre[5] nocivo às feridas, para que desde o princípio até o fim toda a Paixão de Cristo fosse pura e verdadeira Paixão sem refrigério nenhum.

3. *Lib. 22. cap. 35 in Jo.*

4. Cf. Lc 23,36.

5. Cf. Jo 19,29.

CAPÍTULO VIII

Do primeiro fruto da quinta palavra

O Velho Velho Testamento explica-se a maior parte das vezes pelo novo, porém, neste mistério da sede do Senhor, as palavras do Salmo 68 podem ter como comentário do Evangelho, pois nele não se diz claramente se os que ofereceram vinagre ao Senhor na sua sede, o fizeram por obséquio, ou se para o atormentarem ainda mais. Isto é, se por amor, se por ódio. Nós, com São Cirilo, tomamos como má parte aquele oferecimento do vinagre. São, porém, tão claras as palavras do Salmo, que não carecem de explicação, e delas colheremos o fruto de aprendermos de Cristo a termos a sede que devemos ter: a sede da salvação.

As palavras do Profeta são as seguintes: "esperei que alguém me consolasse, e não achei. Misturaram fel na minha comida, e na minha sede apresentaram-me vinagre" (Sl 68,21s).

Por isso, os que deram vinho misturado com fel a Cristo Senhor Nosso pouco antes de ser crucificado e os que, depois de crucificado lhe ofereceram vinagre, eram daqueles de quem Ele se queixa, dizendo: "Esperei que alguém se condoesse de mim" etc.

dos rendimentos das suas igrejas, do que pelo grande número de almas que se perde, ou por eles abandonarem o seu rebanho ou pelo pouco cuidado com que dele tratam.

Menos nos incomoda, diz São Bernardo falando dos Bispos,[2] o prejuízo de Cristo, do que o nosso. Todos os dias tratamos de averiguar com toda a miudeza as despesas diárias, e ignoramos as contínuas perdas do rebanho do Senhor". Não pense o prelado – que satisfaz a sua obrigação só por viver piamente e por fazer diligências – em seguir como particular as virtudes de Cristo sem tornar piedosos também os seus súditos, ou melhor, seus filhos, e sem guia-los pelos vestígios de Cristo para a vida eterna. Por isso, se quer sofrer com Ele, com Ele entristecer-se e consolá-lo na sua mágoa, vigie assiduamente sobre o seu rebanho; não desampare as suas ovelhinhas; dirija-as com a palavra e caminhe na frente delas com o exemplo.

Dos particulares pode também Cristo queixar-se com razão, por eles se não contristarem, nem lhe darem lenitivo a sua pena. E se na cruz queixava-se justamente da perfídia e obstinação dos judeus que Ele estava vendo, que desprezavam tantos trabalhos seus e tantos martírios, e que, como frenéticos, rejeitavam o tão precioso remédio do seu sangue; quanto não se poderá Ele queixar agora, vendo não na cruz, mas no Céu, que os seus crentes, ou que se fingem sê-lo, nenhum caso fazem da sua Paixão, pisam o seu sagrado sangue, e que nada mais lhe oferecem senão fel e vinagre, isto é, que, sem considerarem no julgamento de Deus e sem temor das penas eternas, multiplicam os seus pecados?

Há maior júbilo no Céu por um pecador que fizer penitência[3], mas, se pouco depois o que pela fé e batismo parecia nas-

2. *Liv. 4 de Consid., cap. 9.*

3. Cf. Lc 15,7.10.

cido em Cristo, e que pela penitência parecia ter voltado à vida da morte, torna a morrer, pecando, não se converte a alegria em tristeza, o leite em fel, o vinho em vinagre? Sem dúvida, a mulher que no parto se vê angustiada, esquece-se logo da aflição que sofreu se o menino veio vivo, porque nasceu um homem ao mundo[4]. Mas, se ele nasceu morto, ou morreu pouco depois de nascer, não será dobrada a sua dor? Assim também, muitos dos que deixam de lado o trabalho de confessarem os seus pecados e talvez de jejuarem e darem esmolas, mas por uma consciência errônea ou ignorância indesculpável não conseguiram o perdão dos seus pecados, não sofrem eles também neste parto e não se reduz ele a um aborto? E não é duplicada a pena que assim causam a si mesmos e aos seus pastores? São estes homens semelhantes ao enfermo, que morre mais depressa por ter tomado um medicamento amarguisíssimo, com que esperava curar-se; ou ao lavrador, que depois de muito trabalhar na cultura da vinha ou do campo, perde toda a produção, fruto da sua fadiga, porque o granizo inesperado lhe destruiu. Bem lastima, com razão merece isto; e quem o lastima e se entristece se contrista com Cristo na cruz; e quando para evitá-Lo, faz quanto pode, esse suaviza admiravelmente os sofrimentos de Cristo Crucificado, compartilhará da sua alegria no Céu e lá reinará com Ele.

4. Cf. Jo 16,21.

CAPÍTULO IX

Do segundo fruto da quinta palavra

Ocorre-me outra consideração, e não de pequena utilidade, quando medito na sede de Cristo crucificado. Parece-me, então, que o Senhor disse: *Tenho sede*, no mesmo sentido em que disse à samaritana: "*Dá-me de beber*; porque pouco depois, explicando o mistério do que lhe dissera, acrescentou: "Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, certamente lhe pedirias, e Ele te daria água viva" (Jo 4,10). Como poderá, porém, ter sede, quem é a Fonte de água viva? Não falava Cristo de si, quando no Evangelho: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (Jo 7,37)? E não é Ele mesmo aquela pedra de que fala o Apóstolo aos Coríntios: "Bebiam da pedra que os seguia, e a pedra era Cristo" (1Cor 10,4)? Não é Ele aquele mesmo que diz aos judeus por Jeremias: "Abandonaram me, sendo eu a fonte de água viva; e para si cavaram cisternas, cisternas rotas, que não podem conter a água" (Jr 2,13)? Parece-me então que estou vendo Cristo na cruz, como numa elevada torre, vendo todo o mundo cheio de gente sedenta, e desfalecida pela sede, e que o mesmo Senhor, compadecido, quando sofria a sua sede corporal, daquela sede geral do gênero humano, gritara:

"Tenho sede", isto é, estou sem dúvida sequioso, porque se esgotou já o humor do meu corpo. Esta sede, porém, breve terminará; mas a minha maior sede é de que os homens conheçam pela fé que eu sou a verdadeira fonte de água viva, de que venham a mim e bebam e que não tornem a ter mais sede.

Ó felizes nós, se com toda a atenção possível ouvíssemos este sermão do Verbo encarnado! Pois não padecem quase todos os homens da sede ardentíssima e insaciável de beberem as águas nocivas e enlodadas dos objetos transitórios e caducos, que vulgarmente se chamam bens, dinheiro, honras e prazeres? E quem, bebendo desta água, não tornou a ter sede? E quem foi que, seguindo a doutrina de Cristo, nosso mestre, bebendo da água da sabedoria celeste e da caridade divina, não sentiu logo extinguir-se dentro dele a sede dos objetos mundanos, começar a desejar a vida eterna e apetecer os bens do Céu, abandonando os importunos cuidados de adquirir e acumular bens terrenos?

Esta água corrente, que não sobe da terra, mas que desce do céu, e que o Senhor, que dela é fonte, nos concederá, se a pedirmos com fervorosas súplicas, e com fontes de lágrimas, não só nos apagará a sede das coisas terrenas, mas também nos será comida e bebida, que nunca nos há de faltar durante toda a nossa peregrinação. Diz Isaías: "Todos os que têm sede, venham às águas" (Is 55,1); e, para que não penses que é simples água, ou então água que te custará muito caro, acrescenta: "Apressai-vos, vinde, e comprai sem dinheiro, e sem permutação alguma, vinho e leite". Diz Isaías desta água: *comprai*, porque ela não se adquire sem algum trabalho, isto é, sem a própria disposição. Consegue-se, porém, sem por ela se dar dinheiro ou coisa de valor, porque se dá de graça, nem podia achar-se preço algum que lhe correspondesse; e ao que pouco antes chamara água, chama agora vinho e leite, por ser uma coisa preciosíssima, que juntamente compreende a virtude ou perfeição da água, do vinho, e do leite.

A verdadeira sabedoria e caridade são representadas pela água, porque refrigera os ardores da concupiscência; pelo vinho, porque aquenta e embriaga a alma com a mais sóbria ebriedade; pelo leite, porque nutre com um agradável alimento, principalmente os meninos em Cristo, segundo diz o Apóstolo São Pedro: "Como meninos recém-nascidos, desejai o leite" (1Pd 2,2). Esta mesma verdadeira sabedoria e caridade, oposta à concupiscência carnal, é aquele jugo suave e peso leve (Mt 11,30), ao qual, aqueles que de boa vontade se submetem, acham para as suas almas o verdadeiro e perdurável descanso, de modo que não tornam a sofrer sede, nem precisam tornar a tirar água dos poços terrenos.

Este dulcíssimo descanso das almas abriu as solidões, encheu os mosteiros, reformou o clero e até levou os casados a não pequena moderação. O palácio do imperador Teodósio Junior parecia-se certamente com um grande mosteiro, e a casa do conde Elzeário, representava um mosteiro pequeno. Nem naquele palácio, nem naquela casa havia dúvidas ou repreensões, mas ressoavam mui frequentemente os Salmos e cânticos sagrados. Isto tudo devemos nós a Cristo, que com a sua sede apagou a nossa sede, e como fonte perpétua de tal sorte regou com as águas, que dela correm incessantemente, os campos dos nossos corações, que eles não receiam secar, só se por instigação do demônio (o que Deus não permita) se apartarem da mesma fonte.

CAPÍTULO X

Do terceiro fruto da quinta palavra

O terceiro fruto que pode colher-se da quinta palavra é a imitação da paciência do Filho de Deus, pois, não obstante que na quarta tenha sobressaído a humildade com a paciência, contudo na quinta parece ter brilhado, como em lugar próprio, no seu maior esplendor, e só a paciência de Cristo.

Na verdade, a paciência não só é uma das grandes virtudes, mas até muito mais necessária que as outras. A respeito dela diz São Cipriano:[1] "Não acho entre os outros caminhos que levam à sabedoria do Céu, algum que seja mais útil para a vida ou mais espaçoso para a glória do que a paciência, a qual deve com todo o empenho fazer por conseguir, quem quiser firmar-se bem nos preceitos do Senhor, por obséquio de temor e de devoção". Antes, porém, de dizermos alguma coisa sobre a necessidade da paciência, é preciso distinguir a verdadeira da falsa.

1. *Serm. de bono paticutiae.*

A verdadeira é a que nos manda sofrer o mal do prejuízo, para não nos vermos obrigados a cometer atos culpáveis.[2] Tal foi a paciência dos mártires, que antes quiseram sujeitar-se aos tormentos dos algozes do que negar a fé de Cristo. E preferiam perder tudo quanto tinham ao invés de prestar culto aos falsos deuses. A falsa paciência é a que nos leva a sofrermos todos os males para obedecermos às leis do apetite, e a perdermos os bens eternos para conservarmos os temporais. Tal é a paciência dos mártires do diabo, que suportam facilmente a fome, a sede, o frio, o calor, a perda da boa reputação, e, o que mais admira, do Reino dos Céus, para acumularem riquezas, satisfazerem à luxúria e subirem a cargos honoríficos.

Além disso, a paciência tem a propriedade de aperfeiçoar e conservar todas as virtudes. E é isto o que São Tiago exalta nos louvores desta virtude, dizendo: "Mas a constância faz obras perfeitas, a fim de que sejais perfeitos, completos, não faltando em coisa alguma" (Tg 1,4); pois as outras virtudes não podem subsistir por muito tempo sem a paciência pelas dificuldades que se encontram na prática delas. Quando, porém, ela as acompanha, vencem facilmente todas aquelas dificuldades, porque ela converte em ordem a desordem, e torna plano o terreno pedregoso. E isto é tão verdadeiro, que São Cipriano[3] diz da mesma rainha das virtudes, a caridade: "A caridade é o vínculo da fraternidade, o fundamento da paz, a consolidação e firmeza da unidade; é mais excelente que a fé e que a esperança; é de mais merecimento que o martírio. Ela que há de permanecer sempre conosco eterna junto a Deus no Reino dos Céus. Tira-lhe a paciência, e verás que ela não pode durar; tira-lhe a força de sofrer e suportar, e verás que fica como uma árvore sem raízes e sem vigor".

2. *Vid. Sanct. August. lib. de patientiae* cap. 1. 2. e 3.

3. *Serm. de Patientia.*

Isto o mesmo santo prova com ainda mais facilidade em relação a castidade, a justiça e a paz com o próximo, dizendo: "Seja forte e permanente no teu coração a paciência. E nem o corpo santificado, o templo de Deus, é poluído pelo adultério; nem a justiça, que deve ser a protetora da inocência, é infeccionada pelo contágio da traição, nem depois de recebida a Eucaristia, a mão é manchada com a espada e com o sangue, que ela faz derramar". Isto ensina São Cipriano, querendo dizer que nem a castidade, desacompanhada da paciência, pode resistir ao adultério, nem a justiça sem ela está livre de traição, nem também sem ela a comunhão pode livrar de homicídio.

O que São Tiago escreve da virtude da paciência, ensinam-no por outras palavras o Profeta Davi, o próprio Senhor e o seu apóstolo. David, diz (Salmo 9): "A paciência do pobre não será perdida", porque sem dúvida a obra de perfeição, e não perderá nunca o seu merecimento, devido aos frutos que produz. Neste mesmo sentido costumamos dizer que se perdeu o trabalho do lavrador, quando não produz fruto; e que não se perdeu quando o produz. Entra naquele versículo a expressão *do pobre* que neste lugar significa o humilde que se reconhece pobre, e que nada pode fazer, nem sofrer, sem o auxílio de Deus. Assim explica Santo Agostinho no Livro da Paciência[4]: pois não só os pobres, mas também os ricos podem ter a verdadeira paciência, contanto que não confiem em si mesmos, mas em Deus, a quem devem, como realmente pobres das graças divinas, pedir a paciência.

Isto mesmo quis o Senhor fazer conhecer, dizendo-nos no Evangelho: "Na vossa paciência salvareis as vossas almas" (Lc 21,19), pois só terão vida, e vida como propriedade, de que ninguém possa privá-los, os que com paciência sofrem todas as

4. *De Patientiae*, c. 15

aflições, e até mesmo a morte, para não ofenderem a Deus. Pois ainda que pareça que perdem a vida morrendo, contudo não a perdem; mas conservam-na eternamente, pois a morte do justo não é morte: é um sono, um sono curtíssimo.

Os impacientes, que para não perderem a vida do corpo não se importam de pecar seja abjurando Cristo, prestando culto aos ídolos ou sucumbindo à luxúria ou cometendo outro qualquer pecado, parece que conservam a vida temporal, mas perdem para sempre a vida do corpo e da alma. E, assim como aos verdadeiros pacientes, se diz com justiça: "Não se perderá um cabelo da vossa cabeça" (Lc 21,18), do mesmo modo aos impacientes se deve dizer: "Nem um só membro do vosso corpo será livre das chamas do Inferno". Isto finalmente confirma o Apóstolo, dizendo: "A paciência vos é necessária, para que fazendo a vontade de Deus, alcanceis a promessa"; palavras por que ele mostra que a paciência não só é útil, mas absolutamente necessária, para que façamos sempre a vontade de Deus, e, fazendo-a, consigamos a promessa, isto é, "coroa da vida, que Deus prometeu aos que o amam" (Hb 10,36): "Se alguém me ama, guardará a minha palavra. O que não me ama, não guarda a minha palavra" (Jo 14,21.24).

Vemos assim toda a Escritura, sem discrepância, pregar aos fiéis a necessidade de paciência. E é esta a causa por que Cristo, ao terminar esta vida, quis certificar-nos todos de seu tormento invisível, acerbíssimo, e muito demorado: a sede; para em vista de tão grande exemplo nos resolvermos a ter paciência em todas as nossas aflições. Que a sede de Cristo foi um tormento atrocíssimo, já antecedentemente o provamos na explicação da palavra *Tenho sede*. Que foi prolongadíssimo, prova-se muito facilmente.

Iniciando pela flagelação, diremos que estava Cristo quando a sofreu, já fatigado da prolongada oração e agonia, e derra-

mamento de sangue no Horto; e além disso, do muito caminhar naquela noite e no dia seguinte do Horto para casa de Anás, desta para a casa de Caifás, desta para a de Pilatos, desta para a de Herodes, e desta outra vez para a de Pilatos; no que o Senhor andou muitas milhas sem ter tomado alimento algum desde a ceia do dia anterior, e sem ter dormido.

Além disso, tinha sofrido em casa de Caifás muitos e crudelíssimos maus tratos, aos quais acresceu a crudelíssima flagelação, acompanhada de intensa sede, que, depois de flagelado, não cessou, mas progrediu. Seguiram-se a isto a coroação, o escárnio e novos maus tratamentos, também acompanhados da sede; e acabada a coroação, a sede aumentou.

Depois, carregado com o patíbulo da cruz, caminhou para o Calvário, apesar de cansado de tanto andar e tantos sofrimentos, de tal modo que era uma sede ardentíssima. Ao chegar ao Calvário, ofereceram-lhe vinho misturado com fel, que Ele, provando, não quis beber. Terminado o percurso, porém, a sede, que em todo ele tinha atormentado o piedoso Senhor, exacerbou-se sem dúvida.

Seguia-se a crucifixão; e correndo-lhe o sangue de quatro feridas, como de quatro fontes, cada um pode imaginar a que ponto ela chegaria. Finalmente quase não se acreditará na intensidade da sede, com que aquele sacratíssimo corpo foi atormentado nas três horas seguintes, da 6ª a 9ª durante as horríveis trevas. E, posto que os algozes lhe chegaram vinagre à boca, contudo, porque não foi vinho com água, mas uma bebida azeda e desagradável, e em pequena quantidade, porque tinha de sorver gotas da esponja, e estava quase a expirar, com toda a verdade se pode dizer que o nosso Redentor sofreu do princípio da sua Paixão até a sua morte, e com a maior paciência, aquele ansiosíssimo

tormento, que entre nós é pouco conhecido, porque a cada passo se encontra água. Porém, os que muitos dias caminham por desertos em que ela não se encontra, esses sabem que tormento é a sede.

Diz Quinto Curcio na vida de Alexandre Magno[5], que, marchando ele com o seu exército por um deserto, encontraram um rio depois de uma longa marcha, em que sofreram muita sede; e que fora tal a avidez com que os soldados beberam, que muitos ali morreram logo asfixiados, perdendo ele ali mais gente do que em nenhuma batalha tinha perdido, pois o ardor da sede era tão intolerável, que não podiam os soldados ter força sobre si mesmos para tomarem fôlego quando estavam bebendo. Assim morreu uma grande parte do exército de Alexandre.

Tem também havido quem, por causa de grande sede, tenha achado saborosa água enlodada, azeite ou sangue, e outras coisas ainda mais imundas e repugnantes, as quais ninguém beberia se não fosse obrigado por extrema necessidade. Disto devemos aprender quão tormentosa foi a Paixão de Cristo, e quão intensa nela foi a virtude da sua paciência, a qual por vontade de Deus nos foi permitido conhecer para a imitarmos, sofrendo também com Cristo, a fim de sermos com Ele glorificados.

Parece-me que estou ouvindo algumas almas piedosas dizerem que de boa vontade aprenderiam a imitar a paciência de Cristo e a dizer com o Apóstolo: "Estou cravado com Cristo na cruz" (Gl 2,19), e com o mártir Santo Inácio: "O meu amor está crucificado"[6]. Isto não é tão difícil, como a muitos parece, pois não é preciso que todos durmam no chão, que se disciplinem até

---

5. *Lib.* 7.
6. *Epist. ad Rm.*

correr sangue, que jejuem todos os dias a pão e água, que tragam todos os dias áspero cilício ou cadeia de ferro sobre a carne; nem que façam outras coisas assim para domarem a carne e crucificá-la juntamente com os seus vícios e desordenados apetites. São louváveis e proveitosas aquelas penitências, quando feitas por quem pode, e aconselhadas por diretor espiritual; mas eu quero mostrar aos meus piedosos leitores um modo de exercer a paciência, imitando a de Cristo; um modo, porém, que a todos convenha, sem extraordinários nem inovações; sem nada daquilo donde possa suspeitar-se que se faz para armar a popularidade.

Em primeiro lugar digo que, quem quiser conseguir a virtude da paciência, deve, sem constrangimento, exercer naqueles trabalhos e mortificações de que não haja dúvida que são do agrado de Deus, segundo o que diz o Apóstolo: "A paciência é-vos necessária, para que, fazendo o que é da vontade de Deus, consigais as suas promessas" (Hb 10,36).

Ora, os trabalhos a que Deus quer que nós pacientemente nos sujeitemos, não são difíceis nem de ensinar, nem de aprender. Primeiramente tenhamos como certo que, o que nos determina a Igreja, nossa Mãe, se deve cumprir com obediência e paciência, ainda que seja custoso e difícil. Os jejuns da quaresma, das quatro têmporas e das vigílias que a Igreja nos prescreve, para serem satisfeitos como devem ser, não podem dispensar a paciência. Se, porém, o que em dia de jejum tiver na sua mesa delicadas iguarias, e numa ceia ou em um jantar comer tanto, como costuma comer ao jantar e a ceia; e, antecipando a hora da refeição, comer logo ao anoitecer pequena refeição que se possa chamar ceia, esse certamente nem terá fome nem sede. Nem, por isso mesmo, precisará de paciência. Aquele que não tomar a refeição antes da hora prescrita, exceto por motivo de doença ou por algum outro justificado, que usar de comida porca e ordinária, própria para a

penitência e, além disso, em quantidade que não exceda a que deve ser, e der aos pobres o que comeria na outra refeição se não fosse dia de jejum para, assim como diz São Leão,[7] a abstinência do que jejua, se tornar alimento do pobre; e em outra parte:[8] "Fiquemos com alguma fome, meus muito amados; e tiremos da nossa ordinária comida alguma coisinha que sirva para remediar os pobres"; e se, finalmente ao anoitecer, a consoada, que muitos costumam tomar, for rigorosamente pequena refeição aquele precisa, sem dúvida, de paciência para suportar a fome e a sede; e jejuando assim, de alguma sorte imitará a paciência de Cristo, e com Ele estará também na cruz ao menos em parte.

Mas não é preciso que tudo isso seja assim. Porém, para imitar a Paixão de Cristo, tudo isto é necessário. Manda além disto a Santa Madre Igreja, que os eclesiásticos e regulares rezem ou cantem as sete horas canônicas, e que todos os fiéis rezem ao menos o Padre Nosso e Ave Maria. Esta sagrada lição e oração há de, sem dúvida, precisar do auxílio da paciência para se fazer do modo que se deveria fazer, mas não são poucos os que, para evitar aquele auxílio, se esforçam em remover todas as dificuldades. Primeiro, tendo de cumprir alguma rigorosa obrigação a que não possam faltar, correm com toda a velocidade, só para se livrarem o mais breve possível daquele peso; além disso, leem as horas canônicas incorretamente – não em pé ou de joelhos – mas sentados ou passeando, para que o tédio da lição ou da oração se diminua com o descanso, ou se suavize com o passeio. Falo dos que leem as horas em particular, e não dos que cantam os Salmos em coro.

Além disso, para não interromperem o sono, rezam não só

7. *Serm. 11. de jejum. 10 mensis.*

8. *Serm. 9. de jejum. 7 mensis.*

as diurnas, mas também as noturnas quando ainda é sol. Não digo nada a respeito da atenção e elevação da alma, quando a Deus se dão louvores ou se fazem súplicas, porque a maioria em nada pensa do que naquilo que estão cantando ou lendo; e por isso tirada a dificuldade de consumir longo tempo na leitura ou na oração, e também a de deixar a cama para ir à reza das horas noturnas; e deixando de lado o trabalho de estar em pé e de ajoelhar, e de reprimir a atenção para não andar divagando de uma para outra parte, mas estar toda no que está lendo. Não é de admirar que pareça que são muitos os que carecem do auxílio da paciência.

Ouçam estes com que devoção São Francisco lia as horas canônicas, e ficarão sabendo que esta piedosa obrigação não pode satisfazer-se sem que a paciência auxilie. São Boaventura, na *Vida de São Francisco*,[9] diz assim: "Costumava aquele santo homem rezar as horas canônicas com grande respeito e devoção, pois, ainda que padecia dos olhos, do estômago, do braço e do fígado, não se encostava, apesar disso, nem em muro, nem na parede enquanto salmeava, mas rezava sempre as horas em pé, sem o capuz, e com os olhos nelas, sem interrupção. Se alguma vez ia caminhar, parava para rezar, não deixando de conservar este costume reverente e sagrado, mesmo que a chuva caísse torrencialmente. Julgava que cometia um pecado grave se, estando a rezar, estivesse interiormente distraído com vãs imaginações; e, quando tal lhe acontecia, confessava-se logo, para expiar aquela culpa. Salmeava com tanta atenção, como se estivesse na presença de Deus. E quando na reza tinha de pronunciar o nome do Senhor, lambia os beiços pela suavidade da sua doçura".

9. *Vida de São Francisco, Cap.* 10.

CAPÍTULO XI

Do quarto fruto da quinta palavra

Resta ainda um fruto, e dulcíssimo, para colher da palavra: *Tenho sede*. Santo Agostinho, explanando o Salmo 68 diz, relativamente a esta palavra, que ela mostrara não só o desejo de bebida corporal, mas também o ardente desejo de Cristo pela conversão e salvação dos seus inimigos. Nós, porém, pela ocasião que nos oferece a explanação de Santo Agostinho, podemos subir mais alto e dizer que a sede de Cristo era a sede da glória de Deus e da salvação dos homens. E que a nossa deve ser da glória de Deus, da honra de Cristo, da nossa salvação e da salvação do nosso próximo.

Que Cristo teve sede da Glória de seu Pai e da salvação das almas, não pode duvidar-se, pois isso clamam todas as suas obras, todas as suas pregações, todos os martírios que sofreu, todos os seus milagres. Devemos pensar de preferência a tudo, para não sermos ingratos a tamanho benefício, sobre o modo que possamos inflamar-nos, de modo que tenhamos verdadeira sede da honra de Deus, que amou os homens até sacrificar por eles o seu Unigênito (Jo 3,16); e termos tal sede juntamente e do mesmo

modo da glória de Cristo, que nos amou e se entregou a si mesmo por nós, oferenda e hóstia a Deus em perfume de suavidade;[1] e para também nos compadecermos dos nossos irmãos, de modo que tenhamos ardentíssima sede da sua salvação.

O que, porém, nos é necessário, sobretudo, é tratarmos da nossa salvação tão sincera e resolutamente, que a sede dela nos obrigue a pensarmos, a dizermos, a fazermos quanto couber em nossas forças, e que para ela nos conduza, pois se nós não tivermos sede nem da honra de Deus, nem da glória de Cristo, nem da salvação do nosso próximo, nem por isso Deus ficará sem a honra que lhe é devida, nem Cristo será privado da sua glória, nem o nosso próximo deixará de conseguir a sua salvação. Nós, porém, pereceremos para sempre se não tivermos a sede que devemos ter da nossa salvação.

Não posso, por isso, deixar de me admirar – e muito –, de que sabendo nós quão ardente foi a sede que Cristo teve de que nos salvemos, e acreditando indubitavelmente que Ele é a sabedoria de Deus, nós não resolvamos imitar o seu exemplo numa coisa que nos é tão necessária mais do que nenhuma outra. E não menos me admiro de que, sendo tão grande a nossa sede dos bens temporais, como se eles fossem perpétuos, tão negligentemente cuidemos da eterna salvação, que não mostremos sede por ela, e que nem mesmo seja grande o desejo que dela temos; como se ela fosse uma coisa momentânea e de pouca importância. A isto se deve acrescentar a consideração de que os bens temporais não são puros bens, mas misturados com muitos males, e não obstante isto, são solícita e desveladamente cobiçados. E que a salvação eterna, sendo um bem extremo, é tão descarada, tão frouxamente desejada, como se não houvesse vantagem ne-

1. Cf. Ef 5,2.

nhuma em consegui-la. Ilumina-me, Senhor, os olhos da minha alma, para que eu possa chegar a conhecer a causa de tão perniciosa ignorância.

O amor produz, sem dúvida, o desejo; e este, quando é veemente, chama-se sede. Mas quem pode deixar de querer a própria felicidade, principalmente a eterna – e em que não há senão bens, sem mal nenhum? E se não pode deixar de ser amada coisa de tamanho valor, por que não é ardentemente desejada? Por que não há dela uma sede intensa? Por que não se empregam todos os meios para consegui-la? Talvez seja a razão disto não ser a felicidade eterna objeto dos sentidos e não podermos por isso avaliá-la, como avaliamos a saúde. Por este motivo temos sede desta, e daquela um frio desejo. Mas, se é assim, como é que Davi, homem como os outros, tão ardente sede teve da vista de Deus, na qual consiste a salvação eterna, que gritando, dizia: "Assim como o veado deseja encontrar água em que sacie a sua sede, assim a minha alma deseja saciar-se em ti, meu Deus. A minha alma tem sede de Deus, forte, vivo. Quando irei eu apresentar-me à vista de Deus?" (Sl 41,2s). Palavras das quais se depreende que o Profeta, ainda no mundo, tinha uma sede ardentíssima da vista de Deus, na qual consiste a eterna bem-aventurança. Não foi só Davi que teve esta sede; tiveram-na também muitos outros de assinalada santidade que consideravam desprezíveis e insípidas todas as coisas terrenas, e para quem somente era saborosíssima e de muita doçura a lembrança ou recordação de Deus.

Não é, portanto, a causa de não termos uma ardente sede da bem-aventurança eterna o fato de não ser ela objeto dos sentidos, mas sim não pensarmos nela com atenção, assiduidade, e cheios de fé. E a razão porque não se pensa nela dessa forma é sermos animais e não espirituais, pois o homem animal não

percebe aquelas coisas, que são do Espírito de Deus[2]. Pelo que, se tu, alma, desejas a sede da tua salvação, da salvação do próximo, e muito mais ainda a sede da honra de Deus e da glória de Cristo, ouve o que te diz o Apóstolo São Tiago: "Se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não impropera, e ser-lhe-ia dada" (Tg 1,5). Pois esta tão sublime sabedoria não se encontra nas escolas do mundo, mas unicamente na do Espírito de Deus, que converte em espiritual o homem animal. Não basta, porém, pedi-la uma só vez, e friamente. É preciso que haja perseverança em pedir, e gritar aos ouvidos do Pai com um gemido, para cuja expressão não há palavras, pois se um pai que não é o do Céu não recusa o pão a um filhinho, que lhe peça, chorando, quanto mais o vosso Pai celestial dará espírito bom aos que lhe pedirem?[3]

2. Cf. 1Cor 2,14.

3. Cf. Lc 11,13.

CAPÍTULO XII

Expõem-se literalmente a sexta palavra: "Tudo está consumado"

A sexta palavra que Cristo proferiu na Cruz é referida por São João como quase junta com a quinta. Logo que o Senhor disse: *Tenho sede* e bebeu do vinagre que lhe ofereceram, acrescenta São João: "Jesus, porém, tendo tomado o vinagre, disse: 'Tudo está consumado'" (Jo 19,30). E, sem dúvida, aquele *Tudo está consumado* à letra não quer dizer mais nada senão a *obra da redenção está concluída*, finalizada. Pois dois serviços tinha o Pai imposto ao Filho: pregar o Evangelho e sofrer pelo gênero humano.

Da primeira disse o Senhor em São João: "Eu acabei a obra que tu me encarregaste que fizesse: manifestei o teu nome aos homens" (Jo 17,4). Isto disse o Senhor depois do último e extensíssimo sermão que pregou aos seus discípulos depois da ceia. Por isso mesmo, concluiu a primeira obra de que seu Pai o encarregara.

O outro serviço era beber o cálice da Paixão. E a respeito deste, diz o Senhor: "Podeis vós beber o cálice que eu hei de be-

ber?" (Mt 20,22). E em outra parte: "Meu Pai, se é da tua vontade, transfere de mim este cálice"[1]. E em outra parte: "Não hei de beber o cálice que meu Pai me deu?" (Jo 18,11). Deste cálice, então, diz o Senhor, próximo à morte: "Tudo está consumado", pois esgotei até a última gota do meu cálice. Nada mais resta senão deixar esta vida, e, abaixando a cabeça, rendeu o espírito.

Porém, porque nem mesmo o Senhor, nem São João explicaram o que era que estava terminado para não serem redundantes, temos nós ocasião de o aplicarmos de forma racional e frutuosamente a muitos mistérios. Primeiramente Santo Agostinho, no seu comentário a esta passagem, diz que o *Está tudo concluído* se refere ao cumprimento das profecias, que rezavam de Cristo. Sabendo, pois, que tudo estava cumprido, para se cumprir a única palavra que ainda restava da Escritura, disse: "Tenho sede". Diz o evangelista e pouco depois: 'Havendo tomado o vinagre, disse: 'Tudo está consumado"', isto é, completou-se o que restava completar; do que entendemos que Ele mesmo quis dizer que estava terminado e completo tudo o que os Profetas tinham predito da sua vida e morte.

Tudo tinha sido predito, é verdade. A sua conceição: "A Virgem conceberá" (Is 7,14); o seu nascimento em Belém: "E tu, Belém, terra da Judeia [...], de ti sairá o chefe, que há de governar o meu povo de Israel" (Mq 5,2); o aparecimento de uma nova estrela: "Nascerá uma estrela de Jacó" (Nm 24,17); a adoração dos Reis: "Os Reis do mar e as ilhas ofertarão dádivas"(Sl 71,10); a pregação do Evangelho: "O espírito do Senhor, que está sobre mim, me enviou a evangelizar aos pobres" (Is 61,1); os milagres: "Virá o próprio Deus, e salvar-nos-á: hão de então abrir-se os olhos dos cegos e ouvidos dos surdos; saltará então o coxo, como um veado,

1. *Ibidem* 26,39.

e desembaraçar-se-á a língua dos mudos" (Is 35,5s); o montar sobre uma burra e o jumento, filho dela: "Virá sem dúvida o teu rei justo, e o teu Salvador; virá pobremente, e montado sobre uma jumenta e um jumentinho filho dela" (Zc 9,9). Finalmente, toda a Paixão foi descrita por partes por Davi nos Salmos, e por Isaías, Jeremias, Zacarias[2], e outros. E é esta a causa porque o Senhor, quando estava para ir para ela, dizia: "Eis aqui vamos para Jerusalém; e tudo quanto está escrito pelos Profetas a respeito do Filho do Homem será cumprido" (Lc 18,31). Daquilo que restava para ser tudo cumprido, diz agora: "Tudo está consumado". Tudo o que se devia terminar e concluir, para se mostrar que os Profetas tinham dito a verdade.

Além disso, o *Tudo está consumado* significa, segundo São João Crisóstomo, que com a morte de Cristo acabou o poder, que contra Ele foi dado aos homens e aos demônios. Do qual poder o mesmo Cristo disse aos príncipes dos sacerdotes, aos magistrados do templo e aos anciões: "Esta é a vossa hora, e o poder das trevas"(Lc 22,53). Por isso, esta hora e todo este tempo em que, por permissão de Deus, os ímpios tiveram poder sobre Cristo terminou quando o Senhor disse: "Tudo está consumado", pois terminou então a peregrinação do Filho de Deus entre os homens, a qual foi profetizada por Baruch nas seguintes palavras: "Este é o nosso Deus, e não haverá outro que se lhe oponha. Este descobriu todos os caminhos da sabedoria, e os ensinou a Jacó, seu servo, e a Israel, seu escolhido; depois do que, foi visto no mundo, e habitou com os homens"(Br 3,36ss).

Juntamente com a peregrinação terminou também o estado da vida mortal, durante o qual precisava comer, beber, dormir e estava sujeito ao cansaço, às injúrias, à flagelação, aos ferimen-

2. Cf. Sl 21 e 68; Is 53; Jr 11; Zc 12,10-13.

tos, e à morte. Assim, quando o Senhor disse na cruz: "Tudo está consumado", e, abaixando a cabeça, rendeu o espírito, concluiu-se a sua jornada, da qual Ele tinha dito: "Saí de meu Pai, e vim ao mundo, de onde volto para meu Pai" (Jo 16,28). Terminou-se a trabalhosa peregrinação, a respeito da qual Jeremias tinha dito: "Quem anima Israel na sua tribulação é a esperança do seu Salvador. Por que hás de tu ser como um colono na terra, e como um viandante, que se encosta, para aí ficar" (Jr 14,8)? Terminou-se a condição mortal da sua humanidade e terminou-se o poder de todos os inimigos sobre Ele. Concluiu-se, em terceiro lugar, o Sacrifício dos sacrifícios ao qual se encaminhavam como ao verdadeiro e real Sacrifício todos os sacrifícios da antiga lei, que dele eram figuras e sombras. Assim diz São Leão:[3] "Atraíste tudo a ti, Senhor, pois, rasgando o véu do Templo, o Santo dos santos abandonou os indignos pontífices, para que a figura se converta em verdade, as profecias em realização, e a lei em Evangelho", e pouco abaixo: "Agora também, tendo acabado a variedade dos sacrifícios carnais, uma só oferenda do teu corpo e do teu sangue contém em si todas as diferentes vítimas", pois neste Sacrifício o sacerdote é o Homem-Deus; o altar a cruz; a vítima o Cordeiro de Deus; o fogo do holocausto; a caridade; o fruto do Sacrifício e a redenção do mundo.

O sacerdote torna a dizer que foi o Homem-Deus superior, ao qual nenhum outro pode imaginar-se: "Tu és um eterno sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 109,4), e, na verdade, segundo a ordem de Melquisedeque porque ele não tem na Escritura nem pai, nem mãe, nem genealogia. E Cristo no mundo não tem pai; no Céu não tem mãe; nem tem genealogia, pois quem poderá historiá-la? Ainda não brilhava no firmamento a

---

3. *Serm. 8. de passione Domini.*

Estrela Dalva, e já Ele tinha sido gerado; e a sua existência data da eternidade[4].

O altar foi a cruz, que quanto mais desonrosa era antes de nela ser crucificado Cristo, tanto mais ilustre e enobrecida ficou depois; e no último dia aparecerá no céu mais brilhante que o Sol, pois dela entende a Igreja a passagem do Evangelho: "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem" (Mt 24,30); e dela canta: "Este sinal estará no céu, quando o Senhor vier a julgar o mundo". E o confirma São João Crisóstomo,[5] observando também que quando o Sol se obscurecer e a Lua não iluminar, aparecerá no céu a cruz mais fulgurante que o Sol.

O Sacrifício foi o Cordeiro de Deus, absolutamente puro e imaculado, de quem disseram: Isaías: "Será levado ao patíbulo manso como uma orelha; e, como um cordeiro em presença de quem o tosquia, se fará mudo e não abrirá a sua boca" (Is 53,7); o Precursor do Senhor: "Eis o Cordeiro de Deus; eis o que tira os pecados do mundo" (Jo 1,29); e o Apóstolo São Pedro: "Sabendo que fostes resgastados da nossa vã maneira de viver recebida de vossos pais, não a preço de coisas corruptíveis, de prata ou de ouro, mas pelo precioso sangue de Cristo, o cordeiro sem defeito e sem mancha" (1Pd 1,18s). Também no Apocalipse Cristo é chamado "Cordeiro, sacrificado desde o começo do mundo" (Ap 13,8), porque o seu preço, previsto por Deus, aproveitava também aos que tinham existido antes de Cristo.

O fogo que queimou o holocausto, e que completa o Sacrifício, é a caridade imensa que, como uma fornalha muito acesa, ardia no coração do Filho de Deus, e que os grandes aguaceiros dos seus tormentos não puderam apagar.

4. Cf. Is 53,8; Sl 109,3; Mq 5,2.

5. *Hom. 77 in cap. 24.* Mt

Finalmente, o fruto do Sacrifício foi a penitência de todos os filhos de Adão[6] ou a reconciliação de todo o mundo. Assim o diz São João na sua primeira Epístola: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1Jo 2,2): o mesmo dizem as palavras de São João Batista: "Eis o Cordeiro de Deus: eis o que tira os pecados do mundo" (Jo 1,29).

Resta uma só questão: como pode o mesmo Cristo ser sacerdote e vítima? A obrigação do sacerdote é sacrificar a vítima, e Cristo não se sacrificou, nem podia sacrificar-se, porque ao fazê-lo cometia um sacrilégio e não oferecia um sacrifício. Porém, Cristo, não se matou, e apesar disto ofereceu realmente um sacrifício, porque de sua livre e espontânea vontade se ofereceu a ser sacrificado para a glória de Deus, e expiação do pecado; pois nem os soldados nem os beleguins poderiam prendê-lo ou segurá-lo; nem os cravos traspassar-lhe as mãos e os pés, nem a morte pôr-lhe fim à vida, mesmo ainda que Ele estivesse crucificado, se Ele assim o não quisesse.

Por isso, com toda a verdade disse Isaías: "Foi maltratado e resignou-se" (Is 53,7); e diz o mesmo Senhor: "Eu ponho a minha vida; ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a ponho" (Jo 10,17s); e tão claramente quanto se pode ser, o diz o Apóstolo São Paulo: "Cristo amou-nos, e a si mesmo se entregou por nós, oblação a hóstia a Deus em perfume de santidade" (Ef 5,2). Assim, de modo admirável, o mal, o pecado, o crime que houve na Paixão de Cristo é todo dos judeus, de Judas, de Pilatos e dos soldados; e estes não ofereceram sacrifício, mas cometeram um sacrilégio; não mereceram ser chamados sacerdotes, mas sacrílegos.

6. Cf. Ct 8.

O que na mesma Paixão houve de bom, de religioso e de pio, isso é tudo de Cristo, que pela sua exuberantíssima caridade se ofereceu como vítima a Deus, não se matando, mas sofrendo pacientissimamente a morte, e morte de cruz, para aplacar a ira de Deus, para reconciliar com Deus o mundo, para satisfazer a justiça divina, e para não perecer o gênero humano, o que em muitas poucas palavras exprimiu São Leão,[7] dizendo: "Consentiu que contra si empregassem suas ímpias mãos os furiosos, que cometendo um crime, de que só eles são responsáveis, prestaram serviços ao Redentor".

Em quarto lugar, na morte de Cristo decidiu-se a grande batalha entre Ele e o príncipe deste mundo, da qual fala o mesmo Senhor em São João, dizendo: "Agora é o juízo do mundo; agora será lançado fora o príncipe deste mundo; e eu, quando for levantado da terra, todas as coisas atrairei a mim mesmo" (Jo 12,31s). Esta batalha foi judicial, não militar. Foi como as demandas dos litigantes, não como os combates dos soldados, pois disputava o diabo com o Filho de Deus a respeito da posse do mundo, isto é, do gênero humano.

Aquele tinha-se desde longo tempo entrosado naquela posse, porque vencera o primeiro homem, e o fez seu escravo com toda a sua descendência; e por isso São Paulo chama aos demônios príncipes e potestades e governadores destas trevas do mundo(Ef 6,12); e o mesmo Cristo, como ainda há pouco dissemos, chama ao diabo príncipe deste mundo, e não queria o diabo ser só príncipe, queria também ser Deus. E daqui vem dizer David no Salmo 95: "Os deuses dos gentios são os demônios, porém o Senhor fez os Céus". Pois adoravam os gentios o diabo em figuras, que o representavam, e lhe faziam sacrifícios de carneiros e novilhos (Sl 95,5).

7. *Serm. 10. de Pass.*

De outra parte, o Filho de Deus, como único e universal herdeiro, reclamava o principado do mundo. Esta contenda terminou na cruz e a sentença deu-se a favor de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque na cruz satisfez de forma plena a justiça divina pela culpa do primeiro homem e de todos os seus descendentes, pois foi prestada pelo Filho ao Pai a obediência em maior grau ainda do que tinha sido a desobediência do servo ao Senhor. Maior foi a humildade do Filho de Deus, até por ela morrer em honra de seu Pai, do que foi a soberba com que o servo se atreveu a injuriar Deus. Por isso, Deus reconciliado com o gênero humano, em obséquio a seu Filho, livrou-o do poder do diabo, e transferiu-o para o Reino de seu filho muito amado (Cl 1,13).

Há também outro motivo, exposto por São Leão,[8] e que nós apresentamos pelas suas mesmas palavras: "Se o cruel e soberbo inimigo tivesse podido aventar o plano da misericórdia de Deus, antes trataria de converter em brandura a animosidade dos judeus, do que de irritá-los com um ódio injusto, para não perder todos os seus escravos, perseguindo a liberdade de quem nada lhe devia". Excelente razão, na verdade. Justo foi, pois, que o diabo perdesse o seu império sobre todos aqueles que pelo pecado tinham feito seus escravos, pois teve o atrevimento de levantar as suas mãos contra Cristo e de persegui-lo até a morte, não sendo Ele seu servo e não tendo nunca o diabo podido obrigá-lo a penar.

Mas, sendo isto assim, se a contenda terminou, se o Filho de Deus ficou vitorioso, e, se Ele quer que todos os homens se salvem (1Tm 2,4), como é que são ainda tantos os escravos do diabo nesta vida e na outra arrastados para os tormentos do Inferno? Respondo em poucas palavras. Porque assim o querem, pois Cristo, voltando vitorioso do combate, fez ao gênero huma-

8. *Serm. 10 de Pass.*

no dois grandes benefícios. Primeiro, abrir aos justos as portas do Paraíso, as quais desde a queda do primeiro homem tinham sido fechadas até então. E no mesmo dia da sua vitória disse: "Hoje serás comigo no Paraíso" ao ladrão, que em virtude do sangue do mesmo Cristo tinha sido justificado pela fé, esperança e caridade, pelo que a Igreja canta cheia de júbilo: "Tu, aniquilado o aguilhão da morte, abriste aos crentes os Reinos dos Céus"; E o segundo foi instituir os sacramentos que tivessem poder de transmitir os pecados e conferir a graça; e enviar a toda a parte do mundo quem em alta voz pregasse: "Aquele que crer, e for batizado, será salvo" (Mc 16,16). Assim o Senhor, vencendo a batalha, abriu a todos o caminho para a glória de filhos de Deus. E se muitos não querem caminhar por ele, perdem-se por sua culpa, e não porque o Redentor não pudesse abrir-lhes o caminho, ou fosse negligente em o abrir.

Em quinto lugar, finalmente, o *Tudo está consumado* pode muito bem entender-se da conclusão do edifício da Igreja, pois ensinam os Santos Padres, Epifânio no livro 3º contra os hereges (*Haeres*. 78.) e Santo Agostinho no último livro da cidade de Deus, que começada no batismo de Cristo, foi concluída na sua Paixão[9]. Os mesmos dizem que Eva, edificada de uma costela de Adão enquanto ele dormia, fora o tipo da Igreja que foi formada do lado de Cristo, enquanto ele dormia o seu sono depois da sua morte; e notam eles que não sem mistério a Escritura diz que Eva foi edificada, e não formada. Que o edifício da Igreja começou do batismo de Cristo prova-o Santo Agostinho do Salmo 71: "Dominará de mar a mar, e do rio até os confins da Terra"[10]. O Reino de Cristo, que é a Igreja, começou do batismo de Cristo, no qual Ele, sendo batizado por São João, consagrou as águas e instituiu o ba-

9. *De Civ. Dei, Lib.* 22, *Cap.* 17
10. *Ibdem, Lib.* 27, *Cap.* 8

CAPÍTULO XIII

Do primeiro fruto da sexta palavra

Muitos são os frutos que da sexta palavra podem colher quem atentamente considerar a sua fecundidade; e em primeiro lugar do "Tudo está consumado", que dissemos que se deve entender do cumprimento dos vaticínios, deduz Santo Agostinho uma utilíssima prova. Pois, assim como temos a certeza, pelo que sabemos que se realizou que foi verdade o que os Profetas predisseram tanto tempo antes; também não devemos duvidar de que há de realizar-se o que os mesmos Profetas predisseram que há de acontecer, posto que isso ainda não aconteceu; pois que os Profetas não o disseram por si mesmos, mas inspirados pelo Espírito Santo (2Pd 1,21). E porque o Espírito Santo é Deus, e Deus de modo nenhum se pode enganar nem faltar à verdade, devemos com toda a certeza acreditar que sem falta nenhuma se há de cumprir o que está profetizado, e que ainda não se realizou.

"Assim como até hoje tudo se verificou, diz Santo Agostinho, também há de se verificar o que resta. Temamos o dia do juízo: há de vir o Senhor, o que veio humilde, virá exaltado", pois nós temos argumentos mais fortes do que os antigos tiveram

para não vacilarmos em acreditar no que há de acontecer. Os que existiram antes da vinda de Cristo, eram obrigados a acreditar em muitas coisas sem terem visto a realização de nenhuma; nós, pelo que já sabemos que se realizou, sem violência nenhuma podemos crer que há de verificar-se o que resta das profecias.

Os que no tempo de Noé ouviam dizer que estava para vir um dilúvio universal, anunciando-o Noé, profeta do Senhor, não só por palavra, mas também pelo grande trabalho com que desveladamente construiu a arca, não se inclinavam a acreditar nele, porque não tinham ainda presenciado um dilúvio como aquele. E, por isso, a ira do Senhor caiu repentinamente sobre eles. Nós, porém, que sabemos que houve aquele dilúvio, porque havemos de duvidar que tem de haver um de fogo que há de consumir tudo aquilo que presentemente tanto estimamos? E, apesar disto, poucos são aqueles que creiam em tal coisa, de modo que deixem de apetecer os gozos transitórios e se desvelem pelo conquista dos verdadeiros e júbilos perpétuos.

Isto, porém, foi predito mesmo pelo Senhor, para não terem desculpa os que ainda têm dúvida em acreditar que há de realizar-se o que as profecias dizem que há de acontecer depois do cumprimento do que já se realizou "Assim como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem, porque assim como nos dias antes do dilúvio estavam comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento até o dia em que Noé entrou na arca, e não o entenderam enquanto não veio o dilúvio e os levou a todos. Assim será também a vinda do Filho do Homem. Velai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o Filho do Homem" (Mt 24,37ss). Diz o Senhor e o Apóstolo São Pedro: "Virá, pois, como ladrão, o dia do Senhor, no qual passarão os céus com grande ímpeto, e os elementos com o calor se dissolverão e a Terra se abrasará com todas as obras que há nela" (2Pd 3,10).

Isso está longe, dizem alguns. Seja assim: esteja longe se longe está, mas não está longe a tua morte e é incerta a sua hora; e não há dúvida de que no juízo particular, que não está longe, se há de dar conta das palavras ociosas (Mt 12,36). E se destas tem de se dar conta, qual não será ela das prejudiciais, das blasfêmias, que muitos proferem tão vastas? E se das palavras se há de tirar conta, que conta não será a das ações, dos furtos, dos adultérios, das fraudes no comprar e no vender, dos homicídios, dos incêndios e de outros pecados ainda mais graves? Por isso as predições se tornarão indesculpáveis, se não acreditarmos com toda a certeza que há de, sem dúvida nenhuma, realizar-se o que ainda resta para se cumprir.

E não é bastante o acreditar, se não tivermos uma fé que nos dê a eficácia precisa para praticarmos ou evitarmos o que ela nos ensina que se deve fazer ou omitir. Se um arquiteto, que avisar os moradores de uma casa de que ela está ameaçando ruína, eles disserem que acreditam no que ele lhes disse, mas não saírem abandonando a casa e se deixarem esmagar no seu desabamento, que se pensará do crédito que eles diziam que davam ao arquiteto? O mesmo que o Apóstolo diz de outros assim: "Confessam que conhecem Deus, mas negam-no com as obras" (Tt 1,16). E o que diremos do doente que, entendendo que o médico lhe proibiu com razão o vinho por entender que ele lhe é nocivo, o exige e se encoleriza, por não lhe darem? Diremos, sem dúvida, que o doente ou está delirado ou não tem fé no médico. Oxalá que não houvessem muitos cristãos, que dizem que acreditam no julgamento de Deus e em outros pontos de crença, e que pelo modo por que procedem, mostram o contrário.

CAPÍTULO XIV

Do segundo fruto da sexta palavra

Pode-se colher outro fruto da segunda explicação da palavra de Cristo: "Tudo está consumado", pois dissemos com São João Crisóstomo que se concluiu com a morte de Cristo a sua trabalhosa peregrinação, que não pode negar-se que foi excessivamente custosa, mas que também foi recompensada pelo pouco tempo da sua duração e pela glória e honra que dela lhe resultou. Foi de trinta e três anos. Que é, porém, o trabalho de trinta e três anos comparado com o descanso da eternidade? Sofreu o Senhor fome, sede, muitas dores e injúrias sem número, pancadas, ferimentos e até a morte; mas agora bebe torrentes de prazer, de prazer interminável. Humilhou-se, é verdade, transformado na desonra dos homens, rebotalho da plebe[1] por pouco tempo. Deus, porém, exaltou-o, e deu-lhe um nome como não há outro, pois ao nome de Jesus dobra-se todo o joelho no Céu, na Terra, e no Inferno.[2]

---

1. Cf. Sl 21,7.
2. Cf. Fl 2,9s

Pelo contrário, os desleais judeus pouco tempo exultaram com a Paixão de Cristo; Judas, escravo da avareza, pouco desfrutou com o lucro de algumas moedas; o gosto que Pilatos teve de não perder a amizade de Augusto e de tornar a ganhar a do rei Herodes, de pouca duração foi também; e há quase mil e seiscentos anos, desde que sofrem os tormentos do Inferno, e a fumaça das chamas que os abrasam subirá por séculos de séculos (Ap 14,11).

Disto aprendam todos os servos da cruz, humildes, pacíficos, sofredores que felicidade não é a de tomarem a sua cruz nesta vida e seguirem o caminho de Cristo. E nenhuma inveja tenham aos que neste mundo são considerados felizes, pois a vida de Cristo e dos santos Apóstolos e mártires é o comentário tão verdadeiro, quanto possível, das palavras do Mestre de todos os mestres: "Bem-aventurados os pobres, bem-aventurados os pacíficos, bem-aventurados os que choram, bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça porque deles é o Reino dos Céus. E, pelo contrário, ai de vós que sois ricos, porque tendes a vossa consolação; ai de vós que estais saciados, porque vireis a ter fome; ai de vós que agora rides, porque gemereis e chorareis" (Mt 5, 3-10; Lc 6, 24s).

Posto que não só as palavras de Cristo, mas até a sua vida e morte, isto é, não só ao texto, mas ao comentário poucos prestam atenção nas escolas deste mundo. Contudo, o que quiser sair dele, entrar no seu coração meditando seriamente, e dizer a si próprio: "Ouvirei o que me diz o Senhor Deus" (Sl 84,9), e, ao mesmo tempo, com humildes preces e gemido de pomba, se dirigir aos ouvidos do mestre de quem é o livro e o comentário, facilmente conhecerá a verdade; e ela o livrará de todos os erros tornando-lhe fácil o que até então lhe parecia impossível.

CAPÍTULO XV

Do terceiro fruto da sexta palavra

Além daqueles frutos, há um terceiro que podemos colher da sexta palavra. Aprendermos a oferecer nós mesmos, como sacerdotes espirituais, espirituais sacrifícios, como diz São Pedro[1], ou como São Paulo Apóstolo nos ensina[2], a oferecermos os nossos corpos como uma hóstia viva, santa, agradável a Deus, que é o culto racional que devemos a Ele. Pois se aquela expressão: "Tudo está consumado", significa que se concluiu na Cruz o Sacrifício do Sumo Sacerdote, justo é que os discípulos do crucificado, desejando imitar o seu mestre, ofereçam também a Deus sacrifício do modo por que podem, ou seja, segundo o seu pouco e a sua pobreza.

Ensina-nos São Pedro Apóstolo que todos os cristãos são sacerdotes. Não propriamente ditos como os que são ordenados pelos bispos na Igreja Católica, para oferecerem o Sacrifício do Corpo de Cristo, mas sacerdotes espirituais, isto é, como ele mesmo declara, para oferecerem sacrifícios espirituais, não vítimas

1. Cf. 1Pd 2,5.

2. Cf. Rm 12,1.

propriamente ditas, como eram no Antigo Testamento, ovelhas, bois, rolas e pombas – e no Novo, o Corpo de Cristo na Eucaristia. Porém, há vítimas místicas que todos podem oferecer, como orações, louvores e boas obras, jejuns e esmolas, das quais diz o Apóstolo São Paulo: "Ofereçamos, pois, por Ele a Deus, sem cessar, sacrifícios de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome" (Hb 13,15). O mesmo Apóstolo, na Epístola aos Romanos(Rm 12,1) , muito desveladamente nos ensina a oferecermos a Deus o sacrifício místico dos nossos corpos à semelhança dos antigos sacrifícios da antiga lei.

Eram quatro os requisitos dos sacrifícios: o primeiro: haver vítima, isto é, coisa consagrada a Deus, a qual era vedada converter em uso profano; segundo: ser coisa viva como ovelha, cabra, novilho; terceiro: ser santa, isto é, pura, porque entre os hebreus havia animais puros e impuros. Eram puros ovelhas, bois, cabras, rolas, pardais e pombas. Quarto: ser a vítima queimada e exalar cheiro de suavidade. Todos estes requisitos enumera o Apóstolo quando diz: "Rogo-vos que ofereçais os vossos corpos como hóstia viva, santa, agradável a Deus", e acrescenta: "que é o culto racional que lhe deveis", para disto entendermos que Ele não nos incita ao sacrifício propriamente dito, como querendo que os nossos corpos sejam sacrificados, mortos e queimados como os das ovelhas, mas sim ao sacrifício místico e racional. Assemelhando, dessa forma, tal sacrifício do espírito e não do corpo.

Exorta-nos, pois, o Apóstolo a que, assim como Cristo na Cruz ofereceu para nosso bem o Sacrifício do seu corpo por meio da morte, também nós ofereçamos em sua honra os nossos corpos como vítima – e esta viva, santa e perfeita, e por isso, bem do agrado de Deus, a qual de certo modo seja espiritualmente sacrificada e queimada.

Expliquemos por sua ordem cada uma destas condições. Em ·imeiro lugar devem os nossos corpos ser hóstias, isto é, coisas ›nsagradas a Deus, das quais devemos servir-nos para honrar Deus, não como de coisas que são nossas, mas que são d'Ele, ›ois lhe fomos consagrados pelo batismo, e Ele nos comprou por ›rande preço, como diz o mesmo Apóstolo aos Coríntios (1Cor 6,11.20). E nem só devemos ser hóstia viva de Deus, mas sim hóstia que viva a vida da graça e do Espírito Santo, pois os que estão mortos pelo pecado não são hóstias de Deus, mas do diabo, que mortifica as almas e nisto se deleita admiravelmente.

O nosso bom Deus, que sempre vive, e é a fonte da vida, não quer sacrifícios de cadáveres fétidos e que não prestam para mais nada senão para serem lançados às feras. É por isso necessário haver o maior cuidado em conservarmos a vida da alma, para assim oferecermos a Deus o culto racional que devemos. Não é também o bastante que a hóstia seja viva. É preciso que, além disso, seja santa: "Hóstia viva e santa", diz o Apóstolo. Santa se diz ela, quando é de animais puros. Eram puros dentre os quadrúpedes, como dissemos acima: ovelhas, cabras e bois; das aves: rolas, pardais e pombas.

Os primeiros significam a vida ativa; os segundos a contemplativa. Por isso, aqueles que entre os fiéis passam vida ativa e querem oferecer-se a Deus em hóstia santa, devem imitar a inocência e mansidão da ovelha, que não sabe o que é prejudicar o próximo; devem imitar também o trabalho e a constância do boi, que não passa a vida ociosa, andando de uma para outra parte; mas, trazendo o seu jugo, move o arado, servindo à agricultura; devem, finalmente, imitar a velocidade da cabra em subir aos montes e a agudeza da sua vista em descobrir os objetos distantes, pois os que na Igreja de Deus passam vida ativa, não se devem se contentar só com a mansidão e boas obras, mas devem

também por frequentes orações subir ao alto e ver mentalmente o que está acima. Como eles modelarão suas obras pela glória de Deus e farão subir ao alto o incenso do sacrifício se nunca, ou raras vezes, pensarem em Deus? Se não se abrasarem no seu amor por meio da contemplação? Pois não deve a vida ativa dos cristãos ser absolutamente separada da contemplativa, nem esta daquela, como depois diremos.

Assim, os que não imitam as ovelhas, os bois e as cabras, que a seu dono servem contínua e utilmente, mas procuram o que é seu, isto é, andam procurando só as comodidades temporais, esses não oferecem a Deus uma hóstia santa. Porém são semelhantes às feras arrebatadoras e carnívoras, aos lobos, aos cães, aos ursos, aos milhafres, aos abutres, aos corvos, que só tratam de satisfazer a barriga, o seguem o leito que, rugindo, anda sempre procurando presa que possa devorar (1Pd 5,8).

Além disso, os cristãos que escolheram a vida contemplativa e desejam oferecer-se a Deus como hóstia viva e santa, devem imitar a solidão da rola, a pureza da pomba e a prudência do pardal. A solidão da rola pertence mais aos monges e eremitas, que se dedicam todos a contemplação e louvores de Deus, sem nada se importarem com as coisas do século. A pureza da pomba, unida com a sua fecundidade, é necessária aos bispos e clérigos, que convivem com os homens e devem gerar e criar filhos espirituais segundo a sua própria obrigação; se, porém, não voarem repetidas vezes e contemplativamente à Pátria celeste e não descerem pela caridade a valer às necessidades do próximo, mal poderão reunir a pureza com a fecundidade. Porque, dados só a contemplação, hão de ser estéreis; só para a criação de filhos hão de manchar-se com o pó da terra; e querendo ganhar os outros, talvez eles mesmos (o que Deus não permita) se perderão.

A uns e outros, tanto os que se dão à vida ativa, como aos que se dedicam à contemplativa, podem, sem dúvida, aproveitar muito a prudência do pardal. Há pardais do monte e pardais domésticos. Os do monte escapam-se com incrível astúcia dos laços e redes dos caçadores; os domésticos habitam nas cidades, fazem os seus ninhos nos telhados das casas, porém convivem com o homem de maneira que não se familiarizam com ele, nem facilmente se deixam apanhar. Por isso a todos os cristãos, mas especialmente aos clérigos e monges, é necessária a prudência dos pardais, para se acautelarem aos laços do demônio, para viverem com os homens em proveito destes, evitando, porém, a sua convivência, especialmente a das mulheres, fugindo de conversações, não tomando parte em reuniões festivas, e não aparecendo em divertimentos nem em espetáculos, se não quiserem ser apanhados nos laços com que os demônios caçam as almas.

Resta a última condição dos sacrifícios: que a vítima seja não só viva e santa, mas além, bem agradável, ou seja, que ao Alto envie odor suavíssimo, o que a Escritura quer significar na passagem: "Sentiu o Senhor o cheiro de suavidade" (Gn 8,21); e, quando a respeito mesmo do Senhor diz: "Entregou-se a si mesmo como oferenda e hóstia a Deus em cheiro de suavidadeo" (Ef 5,2).

Raro é, porém, que a vítima exale cheiro agradabilíssimo a Deus. Para isso é necessário que seja sacrificada e queimada. Isto faz-se no sacrifício místico e racional, do qual dizemos com o Apóstolo, quando o desejo carnal é verdadeiramente mortificado, e queimado no fogo da caridade, pois não há nada que seja mais eficaz, breve e reprima completamente a concupiscência da carne, do que o sincero amor de Deus, porque Ele é o rei e senhor de todos os afetos do coração. Todos por Ele são regidos, d'Ele dependem todos: o temor, a esperança, o desejo, o ódio, a ira, ou qualquer outra paixão violenta da alma.

Ora, o amor não cede senão a outro amor mais forte, e por isso, quando o amor divino se apodera com toda a sua força do coração humano, e o incendeia, a concupiscência da carne cede e, reprimida, perde toda a sua ação. Depois se erguem a Deus desejos ardentes e preces puríssimas, como aromas em perfume de suavidade. É este o sacrifício que Deus nos exige, e a cujo prontíssimo cumprimento o Apóstolo nos exorta. Mas, porque esta oblação é árdua, pesada e dificultosíssima, por isso o Apóstolo São Paulo emprega, para nos persuadir dela, um eficacíssimo argumento daquelas palavras: "Rogo-vos pela misericórdia de Deus, que ofereçais os vossos corpos, etc" (Rm 12,1).

No *Codice grego* lê-se no plural: Rogo-vos pelas misericórdias de Deus. E quais e quantas são as misericórdias de Deus, pelas quais o Apóstolo nos pede? A primeira é a criação, pela qual fez que nós fôssemos alguma coisa, quando nada éramos. A segunda é ter-nos feito seus servos, não precisando de nós para coisa nenhuma, mas, para ter a quem fizesse benefícios. A terceira ter-nos feito a sua imagem, e, por isso dotados da capacidade de podermos conhecê-lo e amá-lo. Quarta: ter-nos feito por Cristo seus filhos adotivos, e coerdeiros do Unigênito. Quinta: ter-nos feito membros da sua Esposa e do seu corpo, do qual Ele é cabeça. Sexta, enfim, ter-se oferecido na cruz em oferecimento e hóstia a Deus em perfume de suavidade, para nos remir da escravidão, lavar das máculas e tornar gloriosa a sua Igreja sem mancha nem ruga. São estas as misericórdias do Senhor, pelas quais o Apóstolo nos pede e roga, como se dissesse: "Tantos benefícios vos fez o Senhor, sem vós os merecerdes, e sem lhes pedirdes, porque vos deverá então parecer custoso oferecerdes a Ele uma hóstia viva, santa, e bem do seu agrado?"

Sem dúvida, se alguém quiser meditar atentamente sobre isto, não só lhe não parecerá pesado, mas até leve, fácil, agradável

e suave servir a tão bom Senhor de todo o coração, e por toda a vida. E, imitando o seu exemplo, oferecer-se-lhe todo em hóstia e oblação, e por isso holocausto em cheiro de suavidade.

CAPÍTULO XVI

Do quarto fruto da sexta palavra

Pode-se colher um quarto fruto da explicação da quarta palavra: "Tudo está consumado". Sendo verdade, como não pode deixar de ser, que por justo juízo de Deus Cristo, livrando-nos da escravidão do diabo, nos passou para o Reino do Filho da sua predileção. Indaguemos diligentemente, e não nos cansemos de indagar a causa, enquanto não a descobrirmos, porque tamanho número de pessoas queria antes tornar-se escravo do inimigo do gênero humano, para com ele arder eternamente nas chamas do Inferno, do que servir a Cristo, Príncipe benigníssimo. E, mais ainda do que isto, reinar felicíssima e certissimamente com Ele.

Eu não acho outro senão que no serviço de Cristo se deve começar pela cruz, e que é necessário crucificar a carne com todos os seus vícios e apetites. Esta amarga bebida, este cálice de absinto, nauseia o homem, fraco por natureza; e é, muitas vezes, o motivo porque ele antes quer continuar na enfermidade do que curar-se, tomando aquele remédio. Se o homem não fosse homem, mas bruto ou homem em delírio e privado da razão, ainda

poderia conceder-se-lhe que se governasse pelas sensações e apetites; porém, sendo o homem um ser racional, sabe certamente, ou pode saber que, quem mandou que a carne fosse crucificada com os seus vícios e apetites, não só quer o comprimento deste seu preceito, mas até ajuda. Mais ainda, previne com o auxílio da sua graça, do mesmo modo como um médico prudente sabe preparar um copo de remédio amargo, de maneira que não custe a tomar.

Além do mais, se cada um de nós fosse o primeiro a quem se dissesse: "Toma a tua cruz, e segue-me" talvez pudesse ficar indeciso e desconfiar das suas forças, não se atrevendo nem mesmo a chegar-lhe as mãos, por acreditar que não tinha forças de poder com ela; porém, tendo sido tantos antes de nós, não só homens, mas até meninos e meninas, os que esforçada e valentemente têm levado a sua cruz atrás de Cristo e crucificado a carne com os seus apetites, que receio podemos nós ter?

Por que vacilamos? Santo Agostinho,[1] convencido por este argumento, venceu a concupiscência carnal que por muito tempo tinha julgado invencível, pois apresentou aos olhos da sua alma por meio de um resumo de memória muitos e muitas que ofendiam a castidade, muitos e muitas que se conservaram virgens. E dizia a si mesmo: "Por que não hás de tu poder, como estes e estas puderam? Nem eles nem elas puderam por força sua, mas por força do Senhor seu Deus".

E o que dizemos do desejo da carne pode também dizer-se da dos olhos, que é a avareza, e da soberba da vida, pois não há vício nenhum que com o auxílio de Deus não possa ser crucificado; nem há o perigo de que Deus não queira auxiliar-nos, porque

1. *Lib*. 8. *Confess. cap*. 11.

São Leão nos diz: "Justamente de nós exige o cumprimento dos seus preceitos, porque se antecipa com o auxílio" (Mt 11,29s). São, por isso, dignos de compaixão, para não dizer alienados e insensatos que, podendo sujeitar-se ao jugo suave e leve de Cristo[2], e conseguir nesta vida a tranquilidade das suas almas, e na futura reinar com o mesmo Cristo, querem antes trazer, em obediência ao diabo, cinco cangas de bois e servir aos estímulos da carne com trabalhos e dores e, por fim, sofrer com seu senhor, o diabo, os perpétuos tormentos do Inferno.

2. Mt 11,29s.

CAPÍTULO XVII

Do quinto fruto da sexta palavra

Um quinto fruto se há de colher daquela palavra, por ela significar também que o edifício da Igreja se concluiu na cruz, e que a mesma Igreja saiu do lado de Cristo moribundo, assim como Eva saíra da costela de Adão, quando este dormia. Este mistério nos ensina que amemos a cruz, que a honremos e que dedicadamente nos afeiçoemos a ela. Quem há, então, que não tenha afeição ao lugar da naturalidade de sua mãe? Admirável é, sem dúvida, que todos os fiéis consagrem à sacratíssima casa do Loreto, por nela ter nascido a Virgem Mãe de Deus, e nela também ter sido concebido no ventre virginal Jesus Cristo, nosso Deus. Pois o Anjo diz a José: "O que nela se gerou, é obra do Espírito Santo" (Mt 1,20).

Donde a Igreja, não se esquecendo da sua origem, em toda a parte representa a cruz, em toda a parte a põem na testa, nos templos e nas casas. Não se faz sacramento nenhum sem cruz. Nada santifica, benzendo, sem cruz. Dedicamos, porém, uma especial afeição à cruz, quando alguma adversidade suportamos por amor do crucificado. Pois é enaltecer-se na cruz fazer o que

os Apóstolos faziam quando, jubilosos, saíram do conselho, por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus (At 5,41). E o Apóstolo São Paulo explica o que é gloriar-se na cruz, dizendo: "Gloriamo-nos nas tribulações, sabendo que a tribularão produz paciência; a paciência, experiência; e a experiência, esperança; e que a esperança não traz confusão, porque a caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado"(Rm 5,3ss).

De onde conclui, escrevendo aos Gálatas: "Nunca Deus permitia que eu me glorifique senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo" (Gl 6,14). O triunfo verdadeiro da cruz consiste em que o mundo, com as suas pompas e deleites, morra para a alma cristã e seja amante de Cristo crucificado. E ela morra para o mundo, amando a tribulação e o desprezo que o mundo aborrece, e odiando os prazeres carnais e a glória temporal que o mundo ama. Deste modo, aperfeiçoa-se e completa-se o servo de Deus, para também dele se poder dizer: "Está consumado".

— CAPÍTULO XVIII —

Do sexto fruto da sexta palavra

Resta o último fruto que se deve colher com o maior proveito da perseverança de Cristo na cruz. Pois daquela palavra: "Tudo está consumado", entendemos que o Senhor concluiu a obra da sua Paixão do princípio ao fim, de modo que nada lhe pudesse faltar. "As obras de Deus são perfeitas", diz Moisés (Dt 32,4): e assim como o Pai no sexto dia concluiu a obra da criação e descansou no sétimo, assim também o Filho terminou no sexto a obra da redenção, e no sétimo descansou.

Em vão clamavam os judeus em frente da cruz: "Se é rei de Israel, desça da cruz, e acreditamos" (Mt 27, 42). Melhor diz São Bernardo: "Antes porque é rei de Israel, não abdique o seu título"; e pouco abaixo: "Não te dará ocasião de nos ser roubada a perseverança, a qual só é coroada. Não fará emudecer as línguas dos pregadores, que consolam os pusilânimes, e que a cada um estão dizendo: 'Não abandones o teu lugar', o que sem dúvida aconteceria, se eles lhes pudessem responder que Cristo abandonará o seu"[1].

---

1. *Serm. 1. de Ressurect.*

Cristo perseverou na cruz até o fim da vida para concluir a sua obra tão perfeitamente, que nada lhe faltasse. E para nos deixar um exemplo verdadeiramente admirável de constância, porque nenhuma dificuldade tem a permanência em locais agradáveis, e em atos que produzam prazer; porém, a continuação num estado trabalhoso e de sofrimento é dificílima. Se conhecermos o que fez com que Cristo perseverasse na cruz, talvez aprendessemos a levar também a nossa com a constância e a estar pendurados nela com perseverança até morrer, se tanto for preciso.

Se alguém lançar os olhos só para a cruz, não poderá deixar de horrorizar-se à vista do funesto instrumento de morte; mas se erguer os olhos – não só os do corpo, mas também os da alma – Aquele que nos manda que levemos a nossa cruz até o lugar aonde ela guia, e até o fruto que dela nasce, então não será difícil nem custoso, mas fácil e aprazível levar a cruz, ainda que ela seja pesada, ou perseverar pendente dela.

Que foi que fez com que Cristo, pendente nela, tivesse tanta perseverança até a morte, sem se queixar? A primeira coisa foi o amor a seu Pai: "Não queres que eu beba o cálice que meu Pai me deu?" (Jo 18,11). O amor de Cristo a seu Pai é inteiramente indizível; e tal era também o do Pai a seu Filho. E vendo que aquele cálice lhe era dado por um Pai, o melhor de todos, e amantíssimo, de modo que não podia suspeitar de maneira nenhuma que ele lhe era dado para um fim que não fosse ótimo e gloriosíssimo para si mesmo, que há que admirar tê-lo Ele bebido da boa vontade até a última gota?

Além disto, o Pai desposou seu Filho com a Igreja, esposa que não tinha asseio e tinha rugas, mas que Ele querendo cuidadosamente lavá-la num banho quente do seu sangue, facilmente tornaria gloriosa, sem mácula nem ruga (Ef 5,27). Amou Cristo

a esposa que seu Pai lhe deu, e não lhe foi difícil lavá-la no seu sangue, para torná-la formosa e gloriosa. Pois se Jacó, pelo amor que tinha a Raquel, serviu sete anos a Labão, pastoreando-lhe o seu gado, sofrendo calor e frio, e fugindo-lhe o sono dos olhos; e aqueles anos tantos, lhe pareceram poucos dias pelo amor que tinha (Gn 29,9). Se, torno a dizer, por uma Raquel Jacó não se enfadou com sete anos de serviço, e ainda de outros sete, que admira que o Filho de Deus quisesse aturar na cruz três horas por amor da Igreja, sua Esposa, que havia de ser Mãe de muitos mil santos, filhos de Deus?

Por fim, Cristo, quando estava para beber o cálice da Paixão, não atendia só ao amor de seu Pai e da sua Esposa; atendia também àquela elevadíssima glória – e grande e interminável alegria, a que havia de subir pela escada do patíbulo da cruz, pois diz o Apóstolo: "Humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz, pelo que Deus não só o exaltou, mas lhe deu um nome, como não há outro. Pois ao nome de Jesus tudo dobra o joelho, no Céu, na Terra e no Inferno"(Fl 2,8ss).

Acrescentamos ao exemplo de Cristo o exemplo dos Apóstolos. São Paulo, fazendo a enumeração das suas cruzes e das dos outros Apóstolos, na sua Epístola aos Romanos, diz: "Quem nos separará, então, do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a perseguição, ou a espada?" (Rm 8,35); assim como também está escrito: "Porque por amor de ti somos sempre mortificados e tidos em conta de ovelhas destinadas ao matadouro. Tudo isto, porém, suportamos por amor d'Aquele que nos amou" (Sl 43,23).

Para sofrerem os tormentos e perseverarem neles, não lhes davam atenção, prestando-a ao amor de Deus, que por nós deu seu Filho; ou também consideravam no mesmo Cristo que nos

os escravos que perderam a sua liberdade; os condenados a cárcere perpétuo; os sentenciados a remar nas galés; os doentes de moléstia incurável; finalmente, os que só furtando ou roubando, podem enriquecer. Todos estes, e alguns mais que existam, se desejam ter perseverança em levarem a sua cruz com gozo espiritual e grande merecimento, não ponham os olhos nela, mas n'Aquele que lhe pôs aos ombros, pois foi sem dúvida Deus, que é nosso Pai amantíssimo, e sem cuja providência nada se faz neste mundo.

O que é do agrado de Deus é, sem dúvida nenhuma, o melhor que pode ser. E deve ser para nós do maior agrado possível, porque devem todos dizer com Cristo: "Não queres que eu beba o cálice que meu Pai me deu?" (Jo 18,11), e com o Apóstolo: "Em todas estas coisas saímos vencedores por Aquele que nos amou" (Rm 8,37). Além disto, podem também, e devem, todos aqueles que só pecando possam abandonar a sua cruz, considerar não tanto o trabalho presente, quanto a futura recompensa, que sem dúvida nenhuma é superior a todas as penalidades e sofrimentos desta vida; como diz o Apóstolo: "As penalidades desta vida não têm proporção com a glória vindoura, que em nós se há de manifestar"[4]; e em outra parte falando de Moisés: "Tendo por maiores riquezas a desonra de Cristo do que os tesouros dos egípcios, porque olhara para a recompensa" (Hb 11,26).

Podemos, finalmente, acrescentar para consolação daqueles que são obrigados a levar por muito tempo uma pesada cruz, o exemplo de dois indivíduos que perderam a constância com que levavam a sua, e por isso se sujeitaram a outra, sem comparação mais pesada. Judas, o traidor que entregou Cristo, caindo em si e detestando o crime que cometera, não podendo suportar

4. *Ibid.* 8,18

a vergonha a que necessariamente se expunha se quisesse aparecer diante dos Apóstolos ou dos outros discípulos, enforcou-se. Mudou, porém não evitou a cruz da vergonha da qual queria fugir, pois maior vergonha será a sua no dia do Juízo, quando for declarado não só traidor de Cristo, mas homicida de si mesmo, na presença dos anjos e dos homens. E quão grande não foi a sua cegueira, pretendendo evitar uma pequena vergonha na presença do pequenino e manso rebanho dos discípulos de Cristo, que todos o haviam de animar a ter confiança na misericórdia do Salvador; e não ter cuidado nenhum em evitar a vergonha e infâmia, que há de sofrer no teatro de todos os homens e anjos da traição que fez a Cristo e de se ter enforcado?

O outro exemplo pode tomar-se da oração de São Basílio sobre os quarenta mártires. Em suma é assim: na perseguição do imperador Licínio, quarenta soldados que não quiseram deixar a lei de Cristo foram condenados a passar uma noite inteira nus, expostos ao sereno, na quadra do inverno, e em um lugar em que o frio era muito intenso, para assim morrerem no cruelíssimo e prolongadíssimo martírio do congelamento. Estava pronto próximo deles um banho morno para nele entrarem os que quisessem renegar da fé. Trinta e nove, olhando com os olhos da alma não tanto para o tormento presente da congelação, que brevemente havia de ter fim, mas para a coroa da glória perpétua, sem custo perseveraram na fé e mereceram da mão do Senhor brilhantissimas coroas. Aquele que só prestava atenção ao tormento, considerando apenas ele, não pôde perseverar e saltou para o banho tépido, porém morreu imediatamente, esfacelando-se-lhe as carnes, já congeladas. E foi, por ter negado Cristo, sofrer no Inferno os tormentos eternos.

Assim, fugindo da morte, encontrou a morte, e trocou uma cruz leve e de pouca duração por outra pesadíssima, e que nunca

há de ter fim. Imitam estes infelizes todos aqueles que desertam da ordem religiosa; todos os que arremessam de si o jugo suave e a carne leve e, quando menos o pensam, acham-se amarrados ao jugo muito mais pesado de vários apetites, que nunca poderão satisfazer e às cargas pesadíssimas de pecados, que nem os deixarão respirar. O mesmo se diz a respeito de todos os outros que resistem a levar com Cristo a sua cruz, e pelos pecados que cometem, se veem obrigados a carregar com a cruz do diabo.

CAPÍTULO XIX

Explica-se literalmente a sétima palavra: "Meu Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito"

Chegamos à última palavra de Cristo, que Ele, a morrer na cruz, proferiu, bradando: *Meu Pai*, etc. Explicaremos por sua ordem cada uma das expressões. *Meu Pai*, disse Ele; e com razão assim lhe chama, porque foi seu Filho obediente até a morte, e por isto digníssimo de ser atendido.

Nas tuas mãos. Na linguagem da Escritura chamam-se mãos de Deus a *inteligência* e a *vontade*, ou a *sabedoria* e o *poder*; ou, o que vem a dar no mesmo, o entendimento que tudo sabe e a Vontade que tudo pode; pois com estas duas, como mãos, Deus faz tudo. Nem precisa de instrumentos porque, como diz São Leão,[1] a vontade em Deus é potência, e por isso o querer em Deus é ação. Fez tudo quanto quis no Céu e na Terra[2].

1. *Serm. de Nativit.*

2. Cf. Sl 134,6

Entrego, como ponho em depósito, para me ser lealmente restituído a seu tempo.

O meu espírito. Questiona-se muito a respeito desta expressão, pois o vocábulo *espírito* costuma empregar-se para significar a alma, que é a forma substancial do corpo, e também para significar a mesma vida, pois o sinal de vida é a respiração: quem respira, vive; quem não respira, está morto. Se por *espírito* entendermos neste lugar a alma de Cristo, deve haver a cautela de não se julgar que em algum perigo se vira aquela alma ao sair do seu corpo, assim como os dos homens moribundos, as quais são encomendadas com muitas orações e devoção, porque vão apresentar-se ao tribunal do Juiz, para receberem glória ou pena, segundo as suas boas ou más obras.

Desta oração fúnebre não precisou a alma de Cristo. Não só porque era bem-aventurada desde o princípio da sua criação, mas também, porque estava reunida ao Filho de Deus em pessoa, e podia-se dizer alma de Deus; e, além disso, finalmente, porque saía do corpo vencedora e triunfante, aterrando os demônios todos e sem receio nenhum deles. Assim, se nesta passagem espírito se tomar por alma, aquelas expressões do Senhor: "Encomendo o meu espírito", significarão que a alma de Cristo, que tinha estado no corpo, como em um tabernáculo, havia de estar nas mãos de seu Pai, como em depósito, até voltar outra vez ao seu corpo segundo aquilo do livro da Sapiência: "As almas dos justos estão nas mãos de Deus" (Sb 3,1).

É, porém, sem dúvida mais crível que neste lugar se entenda pelo vocábulo espírito a vida corporal, sendo este o sentido: "Eu te entrego agora o espirito da vida, e por isso cesso de respirar e viver. Entrego-te, porém, este espírito, esta vida, meu Pai, para que brevemente me restituas ao meu corpo, pois para ti nada

morre; antes, tudo vive para ti, que chamando o que não existe, lhe dás a existência e chamando o que não vive, lhe dás a vida".

Que é este o verdadeiro sentido desta passagem pode se deduzir do Salmo trigésimo, do qual o Senhor tirou esta oração. Tal é, pois, a do Santo Davi: "Livrar-me-ias deste laço que me armaram, porque tu és o meu protetor. Nas tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito" (Sl 30,5s); onde o Profeta designa clarissimamente a vida pela palavra *espírito*, pois roga a Deus que a conserve, e não permita que seus inimigos o matem.

Além disso, deduz-se deste mesmo lugar do Evangelho, porque o evangelista diz: "E depois do Senhor dizer: 'Meu Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito', expirou". E o expirar é deixar de respirar. E respirar é propriedade dos viventes, não se podendo referir a alma, de forma substancial, mas sim ao ar que respiramos enquanto vivemos e que deixamos de respirar, quando não temos vida.

Conclui-se, finalmente, isso mesmo daquelas palavras do Apóstolo: "O qual nos dias da sua mortalidade, oferecendo com um grande brado e com lágrimas, preces e rogos ao que o podia salvar da morte, foi atendido pela sua reverência" (Hb 5,7).

Alguns expõem esta passagem relativamente à oração que o Senhor fez no Horto, dizendo: "Meu Pai, se é possível, transfere de mim este cálice" (Mc. 14,36). Porém, no Horto, o Senhor não orou bradando, nem foi atendido, nem quis ser, como se pretendesse livrar-se da morte. Então pediu que d'Ele fosse transferido o Cálice da Paixão, para mostrar o desejo natural de não morrer, e que era verdadeiro homem, cuja natureza tem horror à morte; porém acrescentou: "Não se faça a minha vontade, mas sim a tua". Não podendo, em vista disto, ser a oração no Horto a oração a que se refere o Apóstolo na sua Epístola aos Hebreus.

Querem outros que a oração mencionada por São Paulo seja a que o Senhor fez na cruz pelos que os crucificaram: "Meu Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". Mas nesta oração nem o Senhor bradou nem pediu para ser livre da morte; circunstâncias de que claramente fala o Apóstolo na supradita epístola.

Na cruz pediu pelos algozes, para lhes ser perdoado aquele pecado, o mais grave e maior que podiam cometer. Não podem, portanto, aquelas palavras do Apóstolo deixar de se entender da última oração do Senhor na cruz, quando disse: "Meu Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". 'Oração que fez bradando, como diz São Lucas: "E Jesus, bradando, disse" (Lc 23,46); no que, evidentemente, são concordes São Paulo e São Lucas.

Além disso, a oração do Senhor foi para ser livre da morte, segundo São Paulo, o que é diferente de dizer que pediu para não morrer na cruz. Pois, se pedisse isso, não seria atendido, e o Apóstolo certifica que o foi[3]. Pediu para não ser absorvido pela morte, mas para só saber o que era morrer, e voltar outra vez à vida. É o que significam aquelas palavras: "Dirigiu rogos Àquele que podia salvá-lo da morte".

O Senhor não podia ignorar que havia de forçosamente morrer, e principalmente estando já tão próximo à morte; porém, desejava ser livre dela no sentido de não estar muito tempo morto. Assim, a sua oração exprime o desejo de brevemente ressuscitar, e nisto foi ouvido, porque ao terceiro dia ressuscitou gloriosissimamente. Esta aplicação do testemunho de São Paulo bem claramente convence de que a palavra *espírito* se toma por vida e não por alma na palavra do Senhor: "Meu Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito", pois o Senhor não estava com cui-

3.Cf. Hb 5,7.

dado a respeito da sua alma, a qual Ele sabia que estava livre de perigo, por ser bem-aventuradíssima e ter já, logo na sua criação, gozado da vista de Deus face a face. Tinha-o, porém, a respeito do seu corpo, que Ele via que estava a ser pela morte, privado da vida, e por isso rogava para que não ficasse muito tempo morto, o que, como já dissemos, conseguiu, como podia desejar.

CAPÍTULO XX

Do primeiro fruto da sétima palavra

Desta última palavra e da morte de Cristo que depois dela se seguiu, vamos, segundo o nosso costume, colher alguns frutos. Em primeiro lugar vejo que a partir de uma coisa que parece não poder indicar senão muita fraqueza e muita estupidez se demonstra o poder, a sabedoria e a caridade de Deus no grau mais elevado. Pois no grande brado com que expirou, bem se deixa ver o seu poder e daqui se deduz que Ele podia deixar de morrer, e que morreu porque assim o quis. Os que morrem naturalmente, vão pouco a pouco perdendo as forças e a voz, não podendo gritar na última respiração. Foi por isso que o centurião, vendo que Jesus depois de ter derramado tanto sangue, expirara bradando fortemente, disse não sem motivo: "Na verdade este homem era Filho de Deus" (Mc 15,39).

Grande Senhor é Cristo que, mesmo estando para expirar, mostra o seu poder não só com o grande brado que deu no último suspiro, mas até abalando a terra, fendendo os rochedos, abrindo os sepulcros, e rasgando o véu do templo, o que, tudo o evangelista diz que sucedeu na sua morte[1].

---

1. Cf. Mt 27,50ss.

Adicione que tudo isto não deixa de ser misterioso, no que também se mostra a sabedoria de Cristo, pois o abalo da terra e a rachadura dos rochedos significavam que pela sua Paixão e morte, os homens deviam mudar de ideia em relação à penitência, e que se deviam mesmo rasgar os corações dos obstinados, o que São Lucas diz que acontecera naquela mesma ocasião, contando que muitos que assistiram a este espetáculo se retiravam batendo nos peitos[2].

A abertura dos sepulcros designava a ressurreição dos mortos, gloriosa por virtude da morte de Cristo. O julgamento do véu do templo, que pôs a descoberto o *Sancta Sanctorum*, foi sinal de que por merecimento daquela morte se havia de abrir o Santuário do Céu, onde em seguida haviam de ser admitidos todos os santos, a verem a face de Deus.

Não foi só na significação destes mistérios que Cristo mostrou a sua sabedoria, mas também a mostrou em produzir da morte a vida; para figura do que Moisés fez brotar água de uma rocha[3], e pelo mesmo motivo que Cristo se comparou com o grão de trigo que, morrendo, produz muito fruto[4]. Pois, assim como aquele grão que corrompendo-se germina uma viçosa espiga, também Cristo, morrendo na cruz, deu à multidão das nações a vida da graça; e de forma que não pode ser mais clara, São Pedro diz de Cristo: "Engolindo a morte, para nos fazer herdeiros da vida eterna" (1Pd 3,22). Como querendo dizer: "O primeiro homem, engolindo o doce pomo vedado, fez escrava da morte toda a sua posteridade. O segundo homem, engolindo o amargosíssimo pomo da morte, conduziu à vida eterna todos os que d'Ele renascem".

2. Cf. Lc 23.- vers 48.

3. Cf. Nm 20,11.

4. Cf. Jo 12,24ss.

Mostrou finalmente Deus a sua sabedoria, morrendo, porque fez que o patíbulo da cruz, o mais infamante e horrível daquele tempo, se convertesse em honrosíssimo e glorioso, de modo que os mesmos reis se ufanam da honra de o trazerem na cabeça. E não se tornou só honroso, mas até aprazível e amável para os que tem amor a Cristo; pelo que a Igreja canta: "Amável madeiro, amáveis cravos, amável peso sustentou". E isto provou Santo André com o seu exemplo, que olhando para a cruz em que ia ser crucificado, disse: "Salve cruz preciosa, que foste honrada pelos membros de Cristo, desejada há muito, procurada com diligência, amada sem interrupção e já preparada para o desejo da minha alma. Confiado e contente, a ti me dirijo; e tu, exultando, me recebas como discípulo de Cristo, meu mestre, que em ti pendeu".

E que diremos da caridade? Do Senhor é esta sentença: "Ninguém pode dar maior prova de amizade do que sacrificando a vida pelos seus amigos"(Jo 15,13). Foi o que Cristo fez na cruz, porque, se Ele não quisesse morrer, ninguém podia obrigá-lo a isso. "A minha vida ninguém ma tira; sou eu mesmo que a sacrifico" (Jo 10,18), diz Ele próprio. E, por isso mesmo, ninguém pode dar maior prova de amizade do que dando a vida pelos seus amigos, porque nada há de mais desejável, nem de maior preço que a vida, por ser ela a base de todos os bens. "De que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma?" (Mt 16,26), (isto é a sua vida), diz o mesmo Senhor.

Donde vem que tudo resiste quanto pode; e mais do que pode, pretende resistir a quem lhe quer tirar a vida. E por isto lemos no livro de Jó: "Pele por pele dará o homem, e tudo quanto tem para salvar a sua (vida)" (Jó 2,4). Porém, isto são generalidades; passemos a especialidades.

Cristo, morrendo na cruz, mostrou por muitos modos a sua caridade com o gênero humano e com cada um de nós. Em primeiro lugar, a sua vida era a mais preciosa das vidas, porque era a vida do Homem Deus, a vida do rei, o mais poderoso dos reis, a vida do mais sábio dos sábios, a vida do mais virtuoso dos virtuosos.

Além disso, sacrificou a sua vida pelos seus inimigos, pelos malvados e pelos ingratos; mais do que isso, a sacrificou para, à custa do seu precioso sangue, livrar do fogo do Inferno a que já estavam condenados, aqueles seus inimigos malvados e ingratos.

Sacrificou, finalmente, a sua vida para fazê-los seus irmãos e torná-los coerdeiros do Reino dos Céus, com o gozo da maior felicidade e sem limite nenhum de duração. E haverá ainda alguém tão duro, tão bravio, que não ame Jesus Cristo de todo o seu coração, e que em seu serviço não suporte qualquer adversidade? Coração tão de pedra e tão de ferro que Deus o desvie não só dos nossos irmãos, mas de todos os homens, mesmo dos infiéis e dos ateus.

CAPÍTULO XXI

Do segundo fruto da sétima palavra

Será segundo fruto, e utilíssimo, aprendermos a dizer frequentes vezes a oração que Cristo, nosso mestre, nos ensinou quando, estando para ir ao seu Pai, disse: "Nas tuas mãos entrego o meu espírito". Mas por que Ele não se via na mesma necessidade em que nós nos vemos? Porque era filho e santo, e nós somos servos e pecadores, por isso a Igreja, nossa Mãe e Mestra, nos ensina a dizermos repetidas vezes a mesma oração, porém inteira, como está no Salmo de Davi, e não metade dela, como Cristo a disse.

No Salmo é assim: "Nas tuas mãos entrego o meu espírito; foste tu que me remiste, Senhor Deus de verdade" (Sl 30,6). Cristo omitiu a segunda parte, porque era Ele o redentor, e não o remido, porém não devemos omiti-la nós, que fomos remidos com o seu precioso sangue. Além disso, Cristo pediu a seu Pai na qualidade de seu filho unigênito; nós pedimos a Cristo na qualidade de seus remidos. Por isso não dizemos: "Meu Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito", mas sim: "Nas tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito. Foste tu que me remiste, Senhor Deus

de verdade"; do mesmo modo como o protomártir Santo Estevão disse quando estava morrendo: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (At 7,58s).

Enfim, a Igreja, nossa Mãe, nos ensina que devemos repetir esta oração em três ocasiões: primeiramente, todos os dias as Completas, como sabem os que leem as horas canônicas; em segundo lugar, quando estamos para receber a Sacrossanta Eucaristia, depois do "Senhor, não sou digno"; o sacerdote diz primeiramente por si, e depois pelos que estão para comungar: "Nas tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito"; na saída desta vida, finalmente, são todos os fiéis convidados a dizerem: "Nas tuas mãos, Senhor" etc.

Quanto às Completas não há dúvida, porque se diz: "Nas tuas mãos, Senhor" etc., pois esta hora costuma rezar-se no fim do dia. E, como diz São Basílio[1] ao anoitecer; e porque a morte pode facilmente surpreender-nos, entregamos a nossa alma ao Senhor, para que, se a morte vier repentina, não venha contra ela sem nos termos precavido.

É fácil dar a razão porque ao receber a Sacrossanta Eucaristia se deve dizer: "Nas tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito". Não é outra, senão ser aquele ato muito perigoso, e juntamente muito necessário, pois nem sem perigo se pode repetir frequentes vezes, nem sem perigo se pode omitir: "Todo aquele que coma indignamente o corpo do Senhor, come a sua condenação" (1Cor 11,29), isto é, toma por suas mãos a condenação. E o que não come o corpo do Senhor, não come o pão da vida, e a própria vida[2]. Assim, de toda a parte nos vemos em aflições, como aque-

1. *In regulis, fusius explicatis, quaest*. 37.

2. Cf. Jo 6, 50-58.

les que, com muita fome, não tem a certeza de que seja alimento ou veneno o que se lhes dá a comer. Por isso com razão, temendo e tremendo, dizemos: "Senhor, não sou digno de que vós entreis na minha morada, se vós pela vossa piedade não me derdes o merecimento. Por isso, dizei uma só palavra e a minha alma será salva; mas, porque também tenho dúvida, se vos dignareis curar as minhas chagas, nas vossas mãos entrego o meu espírito, para que nesta tão terrível conjuntura proteja a minha alma, que remistes com o vosso precioso sangue".

Se muitos pensassem nisto, não seria tão grande o número dos que se dedicam ao sacerdócio, para depois se sustentarem com o produto da Missa diária. Os que assim fazem não se esforçam por chegar à sagrada mesa com a devida preparação, porque o seu fim é mais o alimento do corpo do que o da alma. Também há muitos que, vivendo nos palácios dos prelados ou dos príncipes, se apresentam àquela tremenda mesa sem a devida preparação, levados a isso pelo respeito humano, para não desagradarem ao seu príncipe ou ao seu prelado, não se apresentando à comunhão nos dias determinados. Que se há de fazer então? Será mais útil comungar mais raras vezes? Não. Pelo contrário, é utilíssimo que se comungue frequentes vezes com a devida preparação, pois quanto menos forem elas, menos dispostos nos tornamos para participarmos da celeste mesa, como sabiamente diz São Cirilo.[3]

Resta o tempo da proximidade da morte, no qual é necessário repetir com grande afeto da alma esta oração: "Nas tuas mãos Senhor, entrego o meu espírito; porque vós me remistes, Senhor Deus de verdade". Pois é aquela a ocasião em que verdadeiramente se trata do mais importante de tudo, porque se a alma ao sair do corpo for cair nas mãos do diabo, não há meio nenhum de se

3. *Lib. 4. in. Jo. cap. 17.*

salvar; e, pelo contrário, se for recebida nas paternais mãos de Deus, não tem mais a recear o poder dos seus inimigos. Por isso deve repetir-se muitas vezes com um gemido que não se pode exprimir em palavras, com uma verdadeira e perfeita contrição, e com muita confiança na infinita misericórdia de Deus: "Nas vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito". E porque naquela hora não há tentação mais perigosa do que a da desesperança para os que passaram uma vida descuidada, por julgarem por isto que será já tardio o seu arrependimento, deve opor-se àquela tentação o seu antídoto, o escudo da fé, pois está escrito:[4] "Em qualquer dia que o pecador chorar os seus pecados, eu me esquecerei deles". E deve lançar-se mão do capacete da esperança, para se confiar na infinita misericórdia de Deus, e repetir daquele mesmo modo: "Nas vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito"; nem deve esquecer-se aquela razão que é a base da nossa esperança: "Porque vós me remistes, Senhor Deus de verdade".

Quem o indenizará do sangue inocente que por nós derramou? Quem há de restituir-lhe o preço por que nos comprou? Diz Santo Agostinho no livro nono das suas confissões, ensinando assim a nós todos, que tenhamos absoluta confiança na redenção operada por Jesus Cristo, a qual não poderá deixar de produzir o seu fruto, senão quando nós mesmos lhe opusermos o obstáculo da impenitência ou da desesperação.

4. *Ezech. 33. S. Leop. ep. ad Theodorum Episcopum.*

CAPÍTULO XXII

Do terceiro fruto da sétima palavra

O terceiro fruto consiste em aprendermos que na proximidade da morte não se deve confiar muito nas esmolas, jejuns e orações dos parentes e amigos. São muitos os que passaram a vida esquecidos da sua alma, não tratando de mais nada senão de deixarem ricos, tanto quanto possa ser, os filhos ou netos; e, quando estão para morrer, começam então a importar com ela; e porque repartiram a sua casa por aqueles seus descendentes, lhes recomendam a sua alma, para que eles a sufraguem com esmolas, orações, missas e outras boas obras.

Não nos deu Cristo este exemplo, pois não encomendou o seu espírito a seus parentes, mas a seu Pai; nem é isto o que nos ensina São Pedro, que nos diz que encomendemos as nossas almas por meio de boas obras ao nosso fiel Criador[1]. Não repreendo os que determinam, pedem ou desejam que por suas almas se deem esmolas ou digam Missas.

---

1. Cf. 1Pd 4,19.

Repreendo, porém, em primeiro lugar, os que confiam demasiadamente nos sufrágios dos filhos ou dos netos, quando a prática está mostrando que eles facilmente se esquecem dos seus maiores, depois que estes são falecidos.

Repreendo em segundo lugar os que, em objeto de tanta ponderação, não olham por si mesmos e não fazem por suas próprias mãos muitas esmolas, para com elas ganharem muitos amigos, pelos quais, conforme o Evangelho[2], sejam recebidos nos tabernáculos eternos.

Além destes, repreendo fortissimamente os que não obedecem ao Príncipe dos Apóstolos, que manda[3] que encomendemos as nossas almas ao fiel Criador; mas que as encomendemos não só por palavras, mas também por boas obras, pois são estas que, elevadas antecipadamente à presença de Deus, a Deus encomendam eficaz e verdadeiramente os cristãos de piedade.

Ouçamos o que do Céu veio aos ouvidos de São João Evangelista: "Então ouvi eu uma voz do Céu que me dizia: "Escreve: 'Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor; de hoje em diante, diz o Espírito, que descansem dos seus trabalhos, porque as obras deles os seguem'" (Ap 14,13). São, então, as boas obras que fizermos – e não as que deixarmos encarregadas a filhos ou netos – as que sem dúvida nos acompanham. Principalmente se elas são não só por sua natureza boas, mas, além disso, devidamente feitas, como não sem mistério declarou São Pedro: "Por meio de boas obras, e bem feitas, encomendem as suas almas ao fiel Criador".

2. Cf. Lc 16,9.

3. Cf. 1Pd 4,19.

Há muitos que podem enumerar muito boas obras por eles praticadas; muitos sermões, missas cotidianas, reza das Horas por muitos anos, jejuns de muitas quaresmas e muitas esmolas, mas quando tudo isto for julgado por Deus, e minuciosamente apurado se foi bem feito, com boa intenção, com a atenção devida, em tempo e lugar competente e com o sentimento de gratidão para com Deus, como muitas destas obras, que pareciam lucro, serão tidas como prejuízo[4].

Oh! Como muitas que pareciam pelo juízo humano ouro, prata e pedras preciosas, edificadas sobre a base da fé, serão achadas lenha, feno e palhas, que o fogo consumirá imediatamente! Esta consideração me causa não pequeno susto, quanto mais me aproximo do fim da minha vida, pois como diz o Apóstolo: "O que se dá por antiquado, e envelhece, perto está de perecer" (Hb 8,13). E tanto mais claramente vejo que tenho necessidade de seguir o conselho de São João Crisóstomo, que nos diz[5] que não cogitemos muito das nossas obras, porque essas, se algumas temos feito que se possam dizer verdadeiramente boas, isto é, feitas como se devem fazer, estão por Deus escritas no livro das contas, e nenhum perigo há de que fiquem sem o devido prêmio. Mas que pensemos continuamente a respeito das más, e que nos desvelemos em aniquilá-las com contrição do coração, com sincero arrependimento, com muitas lágrimas e com a devida penitência. Pois, os que assim fizerem, poderão com firme esperança dizer no fim da sua vida: "Nas vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito; fostes vós, Senhor Deus de verdade, que me remistes".

4. Cf. 1Cor 3,12-15.

5. *Hom.* 38 *ad. pop. Antioch.*

CAPÍTULO XXIII

Do quarto fruto da última palavra

Segue-se o quarto fruto, que se pode colher da felicíssima atenção com que foi ouvida a oração do Senhor, para que nós, animados com tão lisonjeiro resultado, mais nos inflamemos em lhe encomendarmos o nosso espírito. Pois com toda a verdade o Apóstolo deixou escrito[1] que Nosso Senhor Jesus Cristo fora atendido pela sua reverência.

Tinha o Senhor pedido a seu Pai, como acima demonstramos, que não fosse demorada a ressurreição do seu corpo. Foi ouvida aquela oração, para que a ressurreição não se demorasse mais tempo do que o necessário para se acreditar que, sem dúvida, o corpo do Senhor morrera. Pois se não pudesse provar-se que assim fora, a sua ressurreição e a fé cristã ficavam sem base.

Teve Cristo de estar no túmulo quarenta horas pelo menos, porque tinha de se converter em realidade a figura do Profeta Jonas, a qual, o mesmo Senhor diz no Evangelho[2], que serviu

1. Cf. Hb 5,7.

2. Cf. Mt 12,40s.

para ser símbolo da sua morte. Porém, para que a ressurreição de Cristo se verificasse com a maior rapidez possível, e para mais evidente prova de que a sua oração foi atendida, os três dias e três noites que Jonas esteve no ventre da baleia, quis a divina Providência que na ressurreição de Cristo fossem reduzidos a um dia completo e duas partes de dois dias, espaço de tempo que, não própria, mas figuradamente, se podia dizer que compreende três dias e três noites.

O Padre Eterno atendeu à oração de Cristo não só acelerando o tempo da sua ressurreição, mas até fazendo ressuscitar o corpo morto com uma vida incomparavelmente melhor do que a anterior, pois esta era mortal e imortal ficou sendo a segunda. "Cristo, que ressurgiu dos mortos, já não torna a morrer, nem a morte poderá jamais sobre Ele", como disse o Apóstolo[3].

A vida de Cristo antes d'Ele morrer era passível, isto é, sujeita a sofrimentos, à fome e sede, ao cansaço, aos ferimentos. Foi-lhe dada a vida impassível, absolutamente isenta de padecimento. O corpo de Cristo era, antes da sua morte, animal; a ressurreição tornou-o espiritual, isto é, de tal sorte subordinado ao espírito, que pode instantaneamente transportar-se aonde o espírito quiser.

A causa porquê a oração de Cristo foi tão facilmente atendida, diz o Apóstolo: "Pela sua reverência"; palavra que na língua grega significa *temor reverencial*, o qual em Cristo para com seu pai foi no mais elevado grau. E por isso Isaías[4], descrevendo os dons do Espírito Santo, que se deram na alma de Cristo, diz dos outros dons: "Descansará sobre Ele o Espírito da sabedoria e do

3. Cf. Rm 6,9s.

4. Cf. Is 11,2.

entendimento, o espírito do conselho e da fortaleza, o espírito da ciência e da piedade". E do temor reverencial diz: "E enchê-lo-á o espírito do temor do Senhor". Por isso mesmo que a alma de Cristo estava cheia, tanto quanto podia, do temor reverencial para com seu Pai. Seu Pai se comprazia todo n'Ele, segundo diz São Mateus: "Este é o meu Filho muito amado em quem tenho posto toda a minha complacência" (Mt 3,17.7). E assim como o Filho reverenciava o máximo possível seu Pai, também seu Pai atendia sempre os pedidos de seu Filho, e lhe consentia quanto Ele lhe pedia.

Disto devemos nós aprender que, se quisermos ser sempre ouvidos do Pai celeste, e conseguir tudo o que pedirmos a Ele, temos de imitar Cristo reverenciando sumamente o Pai celeste, sem preferimos ao seu respeito, outro algum. Fazendo assim conseguiremos quanto pedirmos, e principalmente o que deve ser o mais ardente dos nossos desejos, que na hora da nossa morte Deus tenha a nossa alma por encomendada ao sair do corpo, quando o leão dela se aproxima rugindo e preparado para fazê-la sua presa.

Não se julgue, porém, que se presta reverência a Deus só pelo fato de ajoelhar, de descobrir a cabeça ou por outras ações desta natureza. Não é só isto o que quer dizer a expressão *temor reverencial*. Pois significa principalmente o grande temor de ofender a Deus, o horror íntimo e perpétuo do pecado. Não pelo receio do castigo, mas pelo amor de filho a seu pai.

Tem a devida reverência filial aquele que nem ao menos se atreve a pensar num pecado, principalmente mortal. "Bem-aventurado, diz Davi[5], quem teme o Senhor: fará tudo quanto possa,

5. Cf. Sl 122.

para não infringir os seus mandamentos, isto é, tem temor de Deus, como se deve ter aquele que muito se empenha para não faltar ao cumprimento de nenhum dos seus preceitos. Era assim que a santa viúva Judite tinha temor de Deus, como lemos no seu livro[6], pois sendo ainda muito moça, formosíssima e muito rica vivia, depois da morte de seu marido, encerrada em um quarto com as suas criadas para nem pecar, nem ser causa de pecado. E usando de cilicio, e jejuando todos os dias à exceção dos das festas de Israel.

Eis o zelo, com que mesmo na antiga Lei, que permitia maior liberdade do que permite o Evangelho, uma mulher, ainda na adolescência e rica, se precaveu contra os pecados carnais, só porque estava possuída do temor de Deus. De um zelo igual faz menção a Santa Escritura, falando do Santo Jó, dizendo[7] que ele tinha contratado com os seus olhos para não poder nem pensar sequer em alguma donzela; isto é, não queria absolutamente ver nenhuma, para evitar que ao vê-la não viesse algum pensamento desonesto. E por que evitava Jó isto com tanto cuidado? Porque era nele grande o temor de Deus, como ele mesmo mostra pelo que depois diz: "Que parte teria então em mim o Senhor do Alto?", querendo com isto dizer: "Se um pensamento torpe, por qualquer modo que o fosse, me manchasse, deixava eu de ser parte de Deus, e deixava Deus de ser parte de mim".

Se eu quisesse apresentar exemplos dos santos do Novo Testamento, não podia chegar ao fim, por ser interminável o seu número. É assim nos santos o temor de Deus. Se nós de tal temor nos enchêssemos, nada haveria que ao Pai celeste pedíssemos que Ele da melhor vontade nos não fizesse.

6. Cf. Jd 8,5s.

7. Cf. Jó 31,1.

CAPÍTULO XXIV

Do último fruto da última palavra

Resta o último fruto, que se colhe da consideração da obediência, manifestada nas últimas palavras e mesmo na morte de Cristo. Pois o que o Apóstolo diz: "Humilhou-se até a morte, e morte de cruz" (Fl 2,8), cumpriu-se principalmente quando o Senhor, proferidas aquelas palavras: "Meu pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito", imediatamente expirou. Será, porém, conveniente buscar mais no seu começo o que pode e deve dizer-se da obediência de Cristo para colhermos um fruto preciosíssimo da árvore da santa cruz, pois Cristo, mestre e senhor de todas as virtudes, prestou a seu Pai tal obediência, que não se pode mesmo imaginar outra maior.

Em primeiro lugar, ela começou desde o momento da sua concepção, e durou até a sua morte sem interrupção nenhuma, de modo que a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo foi um curso de continuada obediência, porque a sua alma desde o instante da sua criação foi dotada do livre arbítrio, e juntamente cheia de graça e de sapiência. E, assim, desde aquele primeiro momento, começou a praticar tal virtude ainda no ventre de sua mãe. O que

se exprime naquele Salmo, em que se diz relativamente à Pessoa de Cristo: "No começo do Livro, está escrito a meu respeito, que cumprisse eu a tua vontade. É essa também a minha, meu Deus; e tenho a tua lei escrita dentro do meu coração".

Aquele *no começo do Livro* nada mais quer dizer senão que na suma da divina escritura, isto é, em toda a Escritura sumariamente, e principalmente a meu respeito, se diz que fui escolhido, e enviado para fazer a tua vontade; e eu, meu Deus, quis isto, e do bom grado o aceitei e coloquei no centro de meu coração a tua lei, o teu mandamento, o teu preceito, para sempre neles pensar e para os cumprir com o maior cuidado e com todo o desvelo. A isto se referem também aquelas palavras do mesmo Cristo: "A minha comida é fazer a vontade d'Aquele que me enviou para concluir a sua obra" (Jo 4,34). Pois, assim como o alimento não se toma uma ou duas vezes em toda a vida, mas todos os dias e com prazer, assim também Nosso Senhor, todos os dias e gostosamente, se desvelava na obediência a seu Pai, e por isso dizia: "Desci do Céu, não para fazer a minha vontade; mas a de quem me mandou" (Jo 6,38); e mais claramente em outra parte: "Quem me enviou está comigo, e não me deixou só, porque eu faço sempre o que é do seu agrado" (Jo 8,29); e porque a obediência é o sacrifício mais perfeito de todos os sacrifícios, segundo Samuel[1], por isso tantos foram os sacrifícios que Cristo ofereceu a Deus, a Quem eles eram muito agradáveis, quantos foram os atos que Ele praticou na sua peregrinação deste mundo. É, portanto, a primeira excelência da obediência de Cristo a sua duração desde o instante em que foi concebido, até ao fim da sua vida.

Além disso, esta obediência não se limitava a um objeto determinado, como vemos que entre os homens acontece, mas

1. Cf. 1Rs 15,22 (1Sm).

estendia-se absolutamente a tudo quanto Deus Padre lhe determinava. Daqui vem tanta variedade no modo de viver de Cristo: umas vezes vivia no deserto sem comer nem beber, e talvez sem dormir, e habitando com as feras, como declarou São Marcos[2]; outras comendo e bebendo em ajuntamentos; outras recluso em casa e calado – e isto não poucos anos; outras vezes, sobressaindo em eloquência e sabedoria e fazendo muitos milagres; outras, pondo fora do templo com grande poder os que dele estavam fazendo mercado; outras, finalmente, ocultando-se e evitando encontrar-se com a multidão, como se fosse um imbecil. O que tudo exige uma alma que não tenha vontade nenhuma sua.

Nem o Senhor teria dito: "Quem quiser vir atrás de mim, abnegue-se a si mesmo" (Mt 16,24), isto é, renuncie a sua vontade, a sua inteligência, se Ele mesmo assim o já não tivesse feito; nem em outra parte, quando convidava os seus discípulos à perfeita obediência, teria acrescentado: "Se algum vem a mim e não aborrece seu pai e mãe, e mulher e filhos, e irmãos e irmãs, e mesmo a sua vida, não pode ser meu discípulo" (Lc 14,26). Se Ele se não tivesse antes divorciado de tudo aquilo a que costuma dedicar-se grande estima e não estivesse também resolvido a desprezar a sua alma, isto é, a sua vida tão resolutamente, como se a odiasse.

É esta a verdadeira raiz, de certo modo, a mãe da obediência que brilhou admiravelmente em Cristo Senhor Nosso – e sem a qual não se pode conseguir o triunfo desta virtude na sua perfeição. Pois como poderá obedecer à vontade de outro quem está agarrado a sua própria vontade e determinação?

É, sem dúvida, a causa pela qual os orbes celestes não resistem ao movimento que lhes imprimem os Anjos, seja ele para o

2. Cf. Mc 1,13

oriente ou para o ocidente, por não terem aqueles corpos celestes inclinação própria para parte nenhuma. E é também o motivo porque os anjos obedecem a um aceno, que exprima a vontade de Deus, como no Salmo canta o Santo Davi[3], não terem eles vontade nenhuma sua que seja incompatível com a vontade de Deus, porque unidos em felicidade com Ele, com Ele são um único espírito.

Além disso, a obediência de Cristo não só se difunde longa e largamente, mas até quanto pela paciência e humildade profundamente se deprime, tanto pela excelência dos seus merecimentos se exalta. É por isso terceira propriedade da obediência de Cristo ter ela descido a uma paciência e humildade incrível.

Começou Cristo desde menino a mostrar uma plena obediência a seu Pai, habitando em um cárcere escuro, que Ele já sabia como era antes de nele habitar. As outras crianças não sofrem incômodo nenhum no ventre materno, porque ainda não podem raciocinar. Porém Cristo, que raciocinava, não podia deixar de horrorizar-se de ter de viver nove meses numa prisão apertada e medonha, se a obediência a seu Pai e a sua caridade para com os homens não tivessem feito com que, para libertar o gênero humano, Ele não tivesse horror ao ventre da Virgem, como a Igreja canta.

Além disso, não lhe foi necessária pequena paciência e humildade para, durante toda a sua infância, Ele, que era mais sábio que Salomão, pois NEle estavam todos os tesouros da sapiência e da ciência de Deus[4], se sujeitar aos costumes e imbecilidade das crianças. Foi, porém, admirável a sua moderação e modéstia – e

3. Cf. Sl 102.

4. Cf. Cl 2,3.

também a sua paciência e humildade com que por dezoito anos, desde os doze até aos trinta, de tal modo esteve encerrado na casa paterna, em obediência a seu Pai, que foi reputado como filho de um artista, e artista também, como analfabeto, e talvez como incapaz de aprender, sendo de um saber superior ao de todos os homens e anjos.

Conseguiu depois grande glória pela sua pregação e milagres que fazia, mas acompanhada de extrema pobreza, e contínuos trabalhos, chegando Ele mesmo a dizer: "As raposas têm as suas covas e as aves do céu os seus ninhos, e o Filho do Homem não tem onde recline a sua cabeça" (Lc 9,58). E muitas vezes se sentou sobre uma fonte, cansado de andar, quando a pé andava correndo cidades e castelos, pregando o Reino de Deus. Seria-lhe todavia fácil, se não lhe proibisse a sua obediência filial, ter abundância de tudo por ministério dos anjos ou dos homens.

E que direi das perseguições, dos insultos, das afrontas, dos escarros, das bofetadas, dos açoites e, finalmente, do suplício da cruz? Foram tão profundas as raízes da humildade com que sofreu tudo isto, que parece que de modo nenhum pode ser imitada.

Resta, porém, ainda a prova mais incontrastável da sua obediência: a prova mais terrível com que Cristo mostrou quão profunda ela era. E esta deu-a Cristo quando com um grande brado disse: "Meu Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito" (Lc 23,46), e dizendo isto expirou. Parece que o Filho de Deus quis dizer a seu Pai: "Tu, meu Pai, determinaste-me que fizesse Eu o Sacrifício da minha vida, com a condição dela me ser restituída depois. Está já próxima a ocasião de cumprir este teu último preceito; e apesar de me ser penosíssima a separação da minha alma do meu corpo, que desde o princípio da sua união até agora tem se conservado unidos na maior paz e afeição; e apesar de que também a morte,

que veio ao mundo por inveja do diabo, seja muito inimiga da natureza, e certamente o mais terrível sofrimento que pode haver, contudo o teu preceito, que está profundissimamente gravado no íntimo do meu coração, deve prevalecer a tudo. Estou, por isso, tão pronto como mais não pode estar a engolir a morte e a esgotar o amargosíssimo cálice que me deste. Mas porque o teu preceito foi com aquela condição, por isso nas tuas mãos entrego o meu espírito, para que o mais breve possível me restituas".

Conseguida então de seu Pai a permissão de se retirar, e abaixando a cabeça em sinal de obediência, exalou o último suspiro. Deste modo a obediência venceu e triunfou; e não só conseguiu em Cristo o maior prêmio que podia conseguir, pois quem a todos se tinha abatido e tinha obedecido a todos em obséquio a seu Pai, não só foi exaltado sobre todos e de todos feito dominador, mas até conseguiu que os que imitarem a sua obediência e humildade, subam sobre todos os céus, sejam constituídos sobre todos os bens de seu Senhor e participem para sempre do seu Trono e do seu Reino. Alcançou finalmente dos espíritos rebeldes, desobedientes e soberbíssimos tão assinalado triunfos, que todos eles fogem à vista da Cruz, tremendo de medo.

Neste exemplar devem pôr os olhos e imitar todos os que aspiram à verdadeira glória, e desejam conseguir a paz e a tranquilidade da sua alma. E não só os regulares, que fizeram voto de obediência a seus superiores que os governam em nome de Deus, mas todos os que desejam ser discípulos e irmãos de Cristo, devem enforcar-se para conseguir conquistar esta ilustríssima vitória, se não quiserem gemer eternamente com os soberbos demônios debaixo dos pés dos santos. Pois é absolutamente necessária a todos a obediência, que se deve aos preceitos divinos, e que Deus mesmo manda que se preste aos que governam na Terra, dizendo: "Tomai sobre vós o meu jugo" (Mt 11,29); e com todos

fala o Apóstolo, quando diz: "Obedecei a vossos superiores e sede-lhes sujeitos"; e a todos os reis também determinou Samuel a obediência a Deus, dizendo-lhes: "Porventura quer o Senhor holocaustos e vítimas antes do que obediência aos seus preceitos? Melhor a obediência do que a vítima" (1Rs 15,22; 1Sm); e acrescenta, para mostrar a gravidade do pecado da desobediência, "porque é quase ser idolatra não querer obedecer" aos preceitos de Deus sem dúvida, e aos dos que governam em nome de Deus.

Em favor de todos os que espontaneamente se sujeitarem a obediência dos seus superiores, acrescentarei algumas coisas a respeito da felicíssima condição em que esta virtude os coloca, e não segundo o meu entender, mas segundo o que diz o Profeta Jeremias[5], inspirado pelo Espírito Santo: "Bem vai no homem, quando ele tem levado o seu jugo desde a adolescência: sentar-se-á solitário e nada dirá, porque se elevou acima de si mesmo".

Admirável felicidade é sem dúvida a que significa a expressão: *Bem vai ao homem*, pois como claramente se deduz das palavras que se seguem, o bem neste lugar se entende pelo que é útil, honroso, agradável; pelo que produz completa felicidade. Porque se alguém se habituar desde a mocidade ao jugo da obediência, se verá livre durante toda a vida dos apetites carnais.

Santo Agostinho nas suas *Confissões*, livro oitavo, testemunha a dificuldade que tem em sacudir o jugo do pecado carnal, quem por alguns anos dele se deixou vencer. E que, pelo contrário, a alma que não se deixa prender no laço dos vícios, não sente dificuldade, mas sim agrado em se sujeitar ao jugo do Senhor.

Além disso, quanto não se lucra em ter em todas as nossas obras merecimento para com Deus? Pois quem nada faz por

5. Cf. Lm 3,27s.

sua própria vontade, mas em obediência ao seu prelado, em tudo quanto faz, faz a Deus um continuado sacrifício e muito do seu agrado, como diz Samuel: "Melhor é a obediência do que a vítima". E a razão no-la dá São Gregório:[6] "Porque por meio das vítimas sacrifica-se carne que não é a nossa, e por meio da obediência sacrifica-se a nossa própria vontade".

E coisa inteiramente admirável: se o prelado pecar no que manda, o súdito não peca; antes tem merecimento na sua obediência, não sendo conhecidamente pecado o que se lhe determinou. Acrescenta Jeremias: "Sentar-se-á solitário, e nada dirá".

Que é sentar-se, senão estar em sossego, porque achou o descanso da sua alma? Pois quem renunciou à sua própria vontade e se dedicou totalmente ao cumprimento da vontade de Deus, não tem outra ambição, mais nada pretende, em mais nada cogita, mais nada deseja. Mas, livre dos inquietadores cuidados, está com Maria sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra[7]; e na verdade sentar-se-á solitário, não só porque habita com aqueles que são um só coração e uma só alma, mas também porque a ninguém ama especial e particularmente, mas a todos em Cristo e por amor de Cristo. Por isso mesmo nada diz, porque com ninguém tem questões, nem desavenças, nem dependências de interesse próprio. E a causa deste completo descanso é ter se elevado acima de si mesmo, pois passou da hierarquia dos homens para a hierarquia dos anjos.

Muitos são os que se abatem abaixo de si mesmos, e que passam para a classe das bestas. E são estes os que gostam apenas do que é terreno e que nada mais estimam senão os deleites da

6. *Liv. Mor.* 35. *cap.* 10.

7. Cf. Lc 10,39.

carne ou o que lisonjeia os sentidos: os avarentos, os luxuriosos, os que se dão a festanças e a embriaguez.

Há outros que vivem como homens, e de certo modo em si se conservam: são estes os filósofos ou físicos ou morais. Outros, finalmente, elevam-se sobre si mesmos grandemente auxiliados por Deus e vivem não como homens, mas como anjos: são estes os que abandonando tudo quanto no mundo possuíam, e abnegando-se à vontade própria, podem dizer como o Apóstolo: "Nós, porém, somos cidadãos dos Céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fl 3,20), e imitando os anjos em pureza e contemplação passam uma vida mais angélica do que humana. Pois os anjos nunca se mancham com as impurezas do pecado e estão sempre contemplando a face do Pai, que está nos Céus, e sem se importarem com mais nada, dedicaram-se todos ao cumprimento da vontade de Deus, segundo aquilo do Salmo: "Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, cumprindo a sua vontade, e atentos a ouvir as suas determinações" (Sl 102,20).

É esta a felicidade da vida dos regulares, a qual se seriamente imitar a pureza e obediência dos anjos, sem dúvida nenhuma conseguirá no Céu uma glória como a deles, principalmente se seguir as direções e lições de Cristo, que se humilhou, obedecendo até a morte – e morte de cruz[8], e que sendo Filho de Deus, aprendeu a obediência pelas coisas que padeceu[9]. Isto é, por experiência própria aprendeu que a verdadeira obediência se prova pela paciência, e por isso ensinou com o seu exemplo não só a prática daquela virtude, mas também que as bases mais sólidas da verdadeira e perfeita obediência são a paciência e a humildade.

8. Cf. Fl 2,8.

9. Cf. Hb 5,8.

Quem obedece ao seu superior quando os seus preceitos são honoríficos e lisonjeiros, não se importa se cumpre por obediência ou por outro algum motivo. Mas, quem pronta e alegremente obedece em coisas vis e trabalhosas, esse pode estar seguro de que, como verdadeiro discípulo de Cristo, sabe o que é a verdadeira e perfeita obediência.

Muito bem explica São Gregório[10] a diferença que há entre a verdadeira e fingida obediência. Diz assim: "Porque algumas vezes se nos ordenam coisas em conformidade com o século, e outras vezes coisas que lhe são opostas. Não deve esquecer que a obediência quando tem o motivo em si mesma, é nula; e que outras, ainda que nenhum motivo tenha em si, é mínima. Pois, quando se determina alguma coisa mundana, quando se ordena alguma coisa que exalte a pessoa mandada, a obediência lança fora de si a virtude, se existe nela desejo próprio de fazer o que assim lhe foi determinado, porque não se guia pelas leis da obediência quem, para aceitar favores deste mundo, obedece aos estímulos da ambição.

Quando se ordena o desprezo do mundo; quando se mandam sofrer desonras e injúrias, aqueles que cumprem preceitos sem espontâneo desejo da alma, diminui o merecimento da obediência quem aqueles preceitos cumpra, sem que a sua alma por eles tenha um espontâneo desejo, porque constrangido e sem vontade, faz o que nesta vida é desprezível.

Pois não se dá perfeita obediência, quando da parte da alma não há desejo nenhum de praticar ações que o século considera uma afronta vergonhosa. Deve, pois, a obediência não só concorrer com alguma coisa de seu no que é repugnante às nossas

10. *Lib.* 35. *Moral. cap.* 10.

paixões, mas também abster-se absolutamente de assim agir no que possa lisonjeá-las. Até o ponto de tornar-se tanto mais gloriosa nas adversidades, quanto mais se conforme com o preceito divino por desejo da nossa parte – e tanto mais digna de assim se poder chamar nas prosperidades, quanto mais do íntimo da alma se desligar da lembrança da glória presente que recebe de Deus.

Melhor, porém, conhecer o merecimento desta virtude mencionando o procedimento de indivíduos da pátria celeste. Moisés, quando no deserto pastoreava ovelhas, foi encarregado de libertar os israelitas, falando-lhe o Senhor por meio de um Anjo[11]. Porém, pela sua humildade, receou poder desempenhar tão gloriosa missão, e respondeu: "Peço-vos que me atendais, Senhor. Não é de ontem nem de anteontem que sou tardo da fala, e desde que falaste ao teu servo, a minha língua tornou-se mais demorada na expressão" (Ex 4,10); e recusando-se, declina a comissão por outro, dizendo: "Manda quem tens de mandar"[12]. Falando com quem deu ao homem a palavra; e para não aceitar tão considerável encargo, desculpa-se por não ser desembaraçado ao falar.

Paulo tinha também sido divinamente avisado para subir a Jerusalém, como ele diz aos Gálatas[13]. E, tendo-se encontrado no caminho com o Profeta Agabo, soube dele os infortúnios que naquela cidade o esperavam, pois está escrito que o mesmo Profeta, atando os seus pés com o cinto de Paulo, disse: "Assim atarão em Jerusalém o dono deste cinto" (At 21,11ss). Ao que Paulo respondeu imediatamente: "Estou pronto não só para ser atado, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome de Jesus".

11. Cf. Ex 3,2.

12. *Ibidem* 4,13

13. Cf. Gl 2,2.

Dirigindo-se a Jerusalém em virtude do aviso que lhe foi revelado, já sabia das adversidades que lá tinha de sofrer. E, contudo, para elas caminha com a maior vontade. Ouve coisas temerosas, mas com maior desejo as busca. Por isso Moisés em nada concorre da sua parte para a prosperidade, pois se recusa ao preceito, para não ser preferido à plebe de Israel. Paulo caminha para a adversidade por seu desejo próprio porque conhece claramente os males eminentes, mas por sua dedicação ainda maior, eles o agradam.

Aquele quis declinar de si a glória do poder, que Deus queria que ele exercesse; este, determinando-lhe Deus trabalhos ásperos e duros, preparou-se para sofrer outros que fossem ainda mais difíceis. Guiados pela inabalável virtude de ambos estes chefes, somos ensinados a militarmos só em virtude de preceito nas prosperidades deste mundo, e mesmo por devoção nas suas adversidades, se muito nos empenharmos em conseguirmos o triunfo da obediência".

Assim diz São Gregório. E é esta a doutrina que Cristo Senhor Nosso, evidentissimamente comprovou com o seu exemplo, pois, sabendo que haviam de vir as turbas para o levarem e aclamarem rei, fugiu sem companhia nenhuma para o monte[14]. E, sabendo que haviam de vir os judeus com soldados e Judas para o prender e castigar, foi espontaneamente encontrar-se com eles, e deixou-se prender e manietar em virtude da determinação de seu Pai.

Deste modo Cristo, Bom Mestre, não mostrou só por palavras qualquer obediência fundada na paciência e na humildade. É este o exemplo da mais veemente virtude, a qual deve ter sem-

14. Cf. Jo 6,15.

pre diante dos olhos quem aspira por vocação divina a conquista da abnegação de si mesmo e da imitação de Cristo.